

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
CAMPUS DO PANTANAL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO**

ANANDA DE SOUZA MENDES

**AS CRÍTICAS AO ENSINO REMOTO NAS FALAS DE DOCENTES DE UMA
ESCOLA PÚBLICA DE CORUMBÁ-MS NO CONTEXTO PANDÊMICO**

**CORUMBÁ-MS
2023**

ANANDA DE SOUZA MENDES

**AS CRÍTICAS AO ENSINO REMOTO NAS FALAS DE DOCENTES DE UMA
ESCOLA PÚBLICA DE CORUMBÁ-MS NO CONTEXTO PANDÊMICO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação do Campus do Pantanal, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, para Área de Concentração: Educação Social. Linha de Pesquisa: Gênero e sexualidades, cultura e saúde.
Orientadora: Prof.^a Dr.^a Isabella Fernanda Ferreira.

CORUMBÁ-MS

2023

ANANDA DE SOUZA MENDES

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, Área de concentração em Educação Social, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus do Pantanal, como requisito parcial à obtenção de título de Mestre.

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof^ª Dra. Isabella Fernanda Ferreira (Orientadora e Membro Titular)
(Universidade Federal de Mato Grosso do Sul)

Prof^º Dr. Raimundo Sérgio de Farias Júnior (Membro Titular)
(Universidade Estadual do Pará)

Prof^ª Dra. Vanessa Catherina Neumann Figueiredo (Membro Titular)
(Universidade Federal de Mato Grosso do Sul)

CORUMBÁ-MS

2023

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a todos aqueles que atuaram na linha de frente contra a pandemia da Covid -19 no nosso país, em especial aos colegas professores que atuam nas redes públicas de ensino e precisaram reinventar suas práticas e se defrontar com uma carga de trabalho ainda mais intensa.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a meu pai Marcio Pereira Mendes, que sempre desempenhou o papel de pai e mãe e em sua trajetória em vida me incentivou a estudar e também a meu irmão, Marcos Vinícius, que sempre esteve ao meu lado.

À professora, Doutora Isabella Fernanda Ferreira, pela sua orientação, por ter acreditado no meu trabalho e me incentivado a continuar a construção desta pesquisa, que além de uma orientadora se transformou em uma grande amiga.

E por fim aos meus amigos que me deram suporte emocional para enfrentar os desafios impostos pela vida.

“A pessoa conscientizada tem uma compreensão diferente da história e de seu papel. Recusa acomodar-se, mobiliza-se, organiza-se para mudar o mundo.”

(Paulo Freire)

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

- ABRASCO-** Associação Brasileira de Saúde Coletiva
- APIB-** Articulação dos Povos Indígenas do Brasil
- AVA-** Ambiente virtual de aprendizagem
- CAP'S-** Caixas de Aposentadoria e Pensão
- CNE-** Conselho Nacional de Educação
- COE-** Centro de Operações de emergência
- CONASP-** Conselho Consultivo de Administração da Saúde Previdenciária
- COVID -19-** Coronavírus disease 2019
- GSEA-** Sistema de Gestão em Saúde, Educação e Assistência Social
- H1N1-** Vírus da Influenza A
- IAP-** Institutos de Aposentadoria e Pensões
- INAMPS-** Instituto Nacional de Assistência Médica da Previdência Social
- LDB -**Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
- MEC –**Ministério da Educação
- MS -**Mato Grosso do Sul
- MSF-** Médicos Sem Fronteiras
- OMS-** Organização Mundial da Saúde
- PNO-** Plano Nacional de Operacionalizações de Vacinação do Ministério da Saúde
- PPP -**Projeto Político Pedagógico
- SAMDU-** Serviço de Assistência Médica Domiciliar e de Urgência
- SESAI-** Secretaria Especial de Saúde Indígena
- UCDB–**Universidade Católica Dom Bosco
- UEMS -**Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
- UFGD –** Universidade Federal da Grande Dourados
- UFMS –** Universidade Federal do Mato Grosso do Sul

RESUMO

No ano de 2020, a inserção do ensino remoto nas escolas brasileiras, principalmente nas escolas públicas, tornou-se algo necessário, devido à situação sanitária que atingiu a população mundialmente e que para além da saúde afetou a educação, pois dentro das condições mínimas necessárias para a aprendizagem é imprescindível estar saudável. O alastramento do vírus da Covid -19 afetou profundamente a vida de todos os envolvidos no processo educacional, e possibilitou que esses pudessem ser possíveis propagadores da doença. Essa situação forçou os professores a utilizarem recursos tecnológicos, que fizessem com que os alunos continuassem desenvolvendo suas atividades escolares longe do ambiente educacional, em seus lares, os docentes acabaram por transformar seus recintos domiciliares em uma extensão de seu trabalho. Essa situação desafiadora repercutiu profundamente no trabalho, na vida e na saúde dos professores. Para tanto, este estudo fez uma crítica ao ensino remoto: investigando a percepção de onze docentes de uma escola pública de Corumbá-MS no contexto pandêmico à luz dos pensadores da escola de Frankfurt, analisando as seguintes categorias; o ensino remoto nas escolas públicas de Corumbá na visão dos professores sobre si; sobre os alunos e as condições de trabalho dos professores no ensino remoto. Conforme as análises, apesar dos esforços desmedidos pelos professores para continuar ensinando, mesmo à distância, o ensino remoto não se efetivou e não se deu de forma democrática para os alunos da escola pública como também desencadeou uma sobrecarga de trabalho e emoções para os docentes.

Palavras-chave: Ensino remoto; escola pública docentes; Covid-19

ABSTRACT

In the year 2020, the insertion of remote teaching in Brazilian schools, mainly in public schools, has become something necessary, due to the health situation that has affected the population worldwide and that, in addition to health, has affected education, because within the minimum necessary conditions for learning it is essential to be healthy. The spread of the Covid-19 virus profoundly affected the lives of everyone involved in the educational process, and made it possible for them to be possible propagators of the disease. This situation forced teachers to use technological resources, which would make students continue to develop their school activities away from the educational environment, in their homes, teachers ended up transforming their home spaces into an extension of their work. This challenging situation had profound repercussions on the work, life and health of teachers. Therefore, this study criticized remote teaching: investigating the perception of eleven teachers from a public school in Corumbá-MS in the pandemic context in the light of thinkers from the Frankfurt school, analyzing the following categories; remote teaching in public schools in Corumbá in the view of teachers about themselves; about students and teachers' working conditions in remote teaching. According to the analyses, despite the disproportionate efforts by teachers to continue teaching, even at a distance, remote teaching was not effective and did not happen in a democratic way for public school students, but also triggered an overload of work and emotions for teachers.

Keywords: Remote teaching; public school; epidemics.

SUMÁRIO

1.INTRODUÇÃO.....	11
1.1 Conceito de pandemia, epidemia, endemia ao longo da história.....	12
1.2 Alastramento espacial de pandemias ao longo da história até ao Brasil.....	15
1.3 Nosso objetivo, metodologia, referencial teórico e próximas seções.....	24
2. UM BREVE HISTÓRICO SOBRE O COVID -19 NO BRASIL.....	27
2.1. Atuação e atualidade das pandemias como política pública e o lugar da OMS na Covid-19.....	27
2.2. Pandemia da Covid -19 no Brasil e a Gestão Política Da Saúde Pública.....	32
2.3. Aspectos metodológicos e o perfil dos entrevistados.....	50
3. HISTÓRIA DA PANDEMIA NO MS, AS ESTRATÉGIAS DE ENFRENTAMENTO EM CORUMBÁ-MS E A ESCOLA.....	55
3.1. Aspectos metodológicos: O Perfil dos entrevistados sobre as condições dos alunos, formação e cultura dos professores.....	75
4. O ENSINO REMOTO NAS ESCOLAS PÚBLICAS DE CORUMBÁ NA VISÃO DOS PROFESSORES SOBRE SI	74
4.1. O Sentimento dos professores e capacidade de superação no Ensino Remoto.....	75
4.2. Capacidade de superação no Ensino Remoto.....	78
4.3. Sentimento de superação e a imprevisibilidade no Ensino Remoto.....	79
4.4. Mecanismos de autossuperação no pós-pandemia e o Ensino Remoto.....	80
5. O ENSINO REMOTO NAS ESCOLAS PÚBLICAS DE CORUMBÁ NA VISÃO DOS PROFESSORES SOBRE OS ALUNOS.....	82
5.1. Aprendizagem e classe social dos alunos.....	82
5.2. Interação entre alunos e professores no Ensino Remoto.....	84
5.3. A pós-pandemia na aprendizagem dos alunos.....	87
5.4. Mecanismos de ressocialização dos alunos na pós-pandemia.....	91
6. CONDIÇÕES DE TRABALHO NO ENSINO REMOTO NA VISÃO DOS PROFESSORES.....	93
6.1. Condições de isolamento social da escola durante a pandemia.....	94
6.2. Tendência de normalização da proletarização pós-pandemia.....	97
6.3. Normalização do uso da tecnologia no ensino depois da pandemia.....	99
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	100
8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	103
ANEXO A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....	110
ANEXO B - CARTA DE APRESENTAÇÃO.....	112
ANEXO C - CARTA DE APRESENTAÇÃO.....	113
APÊNDICE A - ROTEIRO DA ENTREVISTA COM A ENTREVISTADA.....	114
APÊNDICE B - TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM REPRESENTANTE DA COE.....	115

APÊNDICE C - ROTEIRO DA ENTREVISTA COM OS PROFESSORES DA ESCOLA.....	117
APÊNDICE D – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA COM OS PROFESSORES DA ESCOLA.....	118

1. INTRODUÇÃO

Ao iniciar o magistério em 2015, na rede pública de ensino no município de Corumbá-MS, como professora, aos 24 anos, já observava as dificuldades encontradas pelos colegas de profissão com os dispositivos tecnológicos, principalmente com Datashow, aplicativos nos smartphones, computadores e notebooks.

Havia a necessidade do uso de dispositivos tecnológicos a todo tempo na escola, desde a elaboração de atividades, pesquisas de conteúdos nos computadores, fazer o *download* de vídeos e músicas educativas para projetar aos educandos até a confecção de *slides* e *portfólios*, infelizmente, poucos professores tinham habilidades ou conhecimento para utilizar essas tecnologias.

Ao entrar na rede pública, em 2015, era solicitado aos professores que todos os conteúdos, faltas, presenças, notas, avaliações descritivas e planejamentos fossem registrados de forma online no Sistema de Gestão em Saúde, Educação e Assistência Social - GSEA. Cada professor tinha um *login* e senha para realizar os seus lançamentos com prazo determinado para abrir e fechar, esse procedimento era avaliado pela coordenação pedagógica.

Muitos colegas de trabalho realizavam os lançamentos de forma errada por falta de habilidade com a tecnologia; devido à dificuldade de trabalhar com o sistema, eram sendo notificados ou mesmo registrados por não conseguirem realizar os lançamentos. Geralmente, os professores que apresentavam maior dificuldade eram mais antigos e já tinham maior tempo ministrando aula.

Em 2020, o GSEA teve sua versão aprimorada pelo TAGNOS que é um sistema em que os professores passaram a realizar seus registros também de forma online. Foi observado que mesmo aprimorando o sistema os professores ainda apresentavam dificuldade em sua utilização. No início de 2020, nos deparamos com o início da pandemia do coronavírus e em decorrência disso as aulas presenciais passaram a ser substituídas pelo ensino remoto.

Diante desse quadro, passou-se a exigir que os professores que não possuíam habilidades com o manuseio das tecnologias passassem a adquirir habilidades para sua utilização, pois o uso das Tecnologias da Informação e Comunicação do ambiente educacional tornou-se cada vez mais necessárias. Foi necessário criar grupos de *WhatsApp* de cada sala com sua respectiva série compostos por: professores, coordenadores, diretores e pais de alunos em que eram disponibilizadas as atividades.

Para administrar essa nova forma de ensinar, os professores, fizeram muito uso de computadores e notebooks a fim de montar blocos de atividades, realizar pesquisas, converter

os blocos de atividades também em PDF, baixar vídeos para disponibilizar nos grupos e durante algum tempo, inserir as atividades escolares no AVA do TAGNOS educação.

Através dos grupos criados de *WhatsApp* também eram sanadas dúvidas dos pais que ensinavam a seus filhos as atividades que deveriam ser feitas na escola. Para aqueles pais que não possuíam *WhatsApp*, internet, celular ou computador as atividades eram disponibilizadas de forma impressa para serem retiradas na escola.

Aos pais dos alunos que tinham acesso à internet solicitava-se que enviassem fotos das atividades através do *WhatsApp* para serem corrigidas e aqueles que pegavam de forma impressa deveriam entregá-las de 15 em 15 dias ou semanalmente para serem corrigidas.

Em decorrência disso, os docentes passaram a ter o seu trabalho dobrado pois tinham que montar atividades para disponibilizar nos grupos e plataformas, procurar sanar as dúvidas dos pais dos alunos pelo *WhatsApp*, sendo que muitos desses responsáveis mandavam mensagens fora do expediente de trabalho do professor, alimentar o sistema com notas, corrigir atividades de forma *online* e impressa. Nosso posicionamento é que essa tentativa de responsabilização do professor, intensificou ainda mais o seu trabalho na pandemia, mas também as condições de trabalho são decorrentes da crise estrutural do capital sobre o trabalho (FRANCISCO, 2022 e SANTOS, MARQUES e MOURA, 2021).

O impacto da crise estrutural do capital sobre o trabalho docente é tratado por Oliveira (2018), que indica ser a América Latina uma das regiões do mundo que mais tem sofrido com políticas de fragmentação do trabalho docente, dificultando um olhar mais amplo sobre as problemáticas comuns a todos os educadores da região. A autora afirma que as políticas neoliberais têm provocado uma corrida entre os docentes para provar quem é mais eficiente e eficaz segundo pressupostos quantitativistas. É um dos “efeitos colaterais da crise estrutural do capitalismo, que promove a competitividade, individualidade e intensifica o trabalho dos professores que querem fazer mais para serem considerados professores de excelência (Oliveira, 2018). (SANTOS, MARQUES e MOURA, 2022, p.6).

Nota-se que os docentes foram bombardeados com atribuições de tarefas e também sofreram o descaso do governo federal, diante do contexto pandêmico, ao não serem considerados dentro do grupo de prioridade para as etapas iniciais da vacinação, tudo pela ausência de políticas públicas educacionais efetivas e pelo Plano Nacional de Operacionalizações de Vacinação do Ministério da Saúde (PNO).

1.1 Conceito de pandemia, epidemia, endemia ao longo da história

Para continuarmos explanando sobre a temática é importante destacar as distintas concepções acerca de pandemia, epidemia e endemia. Nesse contexto, Rezende (1998) questiona sobre a distinção entre duas terminologias; a epidemia e endemia. Para o autor a

epidemia é caracterizada pela incidência, em um breve período de tempo, de grande número de casos de uma doença, enquanto a endemia é interpretada pelo aparecimento de menor número de casos ao longo do tempo.

Nesse sentido Rezende (1998) menciona também que a discriminação entre essas nomenclaturas não pode ocorrer exclusivamente diante da maior ou menor incidência de determinada enfermidade em uma população. “Se o elevado número de casos novos e sua rápida difusão constituem a principal característica da epidemia, para a definição de endemia já não basta o critério quantitativo” (REZENDE, 1889, p. 153). O impacto, a duração e as peculiaridades dessas “doenças” é que, no campo das ciências, determina essa diferenciação epistemológica. Aliás, Fernandes (2021), nos lembra que tal, também está intimamente ligado ao desenvolvimento social da Humanidade. “A história das pandemias está profundamente interligada com a história da humanidade. Ao longo do tempo, ocorreram sucessivos acontecimentos de natureza pandêmica, que condicionaram, em grande medida, o desenvolvimento dos povos”. (FERNANDES, 2021, p.20)

Outrossim, o que determina o caráter endêmico de uma doença é a sua peculiaridade a um povo, país ou região, esse caráter está atribuído a etimologia da palavra endemia. *Endemos*, em grego clássico, significa "originário de um país, indígena", "referente a um país", "encontrado entre os habitantes de um mesmo país" (Rezende, 1998, p. 153). Neste caso, o autor explica que a terminologia endemia é concebida em todos os dicionários especializados em terminologia médica.

A grande maioria das pandemias resulta da ação de agentes patogênicos zoonóticos transmitidos aos seres humanos através do contacto com diferentes espécies de animais. O crescimento populacional e a sua dispersão pelo planeta criaram condições objetivas para a proliferação de doenças transmissíveis, que tiveram efeitos muito significativos na história dos povos. A história das pandemias é extraordinariamente rica na sua caracterização e na expressão dos seus efeitos desde a peste Antonina até à mais recente pandemia associada a COVID-19. Em geral, o aparecimento deste tipo de fenómeno tem como origem a dinâmica dos contactos entre humanos e animais, na mobilidade das populações e na concentração demográfica. A evolução das pandemias, ao longo dos séculos, define uma relação significativa entre as crises de saúde e as transformações sociais. (FERNANDES, 2021, p.20-21).

Corroborando com esse pensamento de Fernandes (2021), nesta dissertação, para definir pandemia utilizamos o conceito de Katz (2020, p. 114): “Hoje, usamos pandemia (do grego, pan = tudo, todo; e demos = povo) para referir-nos a uma doença infecciosa que se transforma em epidemia, e se espalha por uma vasta região.” De acordo com Katz (2020), o termo pandemia passa a ser concebido pela população como uma crise sanitária mundial, na qual todos estamos vivendo porém, o seu conceito ameniza a desigualdade enfrentada diante da Covid-19,

uma doença que se difunde no formato de epidemias e possui características locais. A autora menciona a importância de: [...] apresentar-se com precisão as coisas a que se referem, com tanta acuidade que não possam ser associadas com outras, a fim de poderem ser identificadas por especificidades jamais borradas por generalizações. (KATZ, 2020, p.115).

Rezende (2009) e Fernandes (2021) fazem um apanhado histórico sobre a história da medicina através de uma coletânea de crônicas escritas ao longo de suas vidas, abordando sobre várias temáticas, nesta seção traremos a contribuição do autor acerca das epidemias que mais assolaram a humanidade. Rezende (2009) também menciona que as grandes epidemias portavam uma grande capacidade de devastar populações, diminuindo o crescimento demográfico, modificando muitas vezes o curso da história, fato que se dava devido às cidades apresentarem circunstâncias insalubres e pelo desconhecimento da origem das doenças infecciosas, ressalta que essas epidemias acabaram sendo rotuladas de peste, não obstante muitas delas não tenham sido causadas pelo bacilo da peste (*Yersinia pestis*) e fossem, provavelmente, epidemias de varíola, tifo exantemático, cólera, malária ou febre tifoide. Para Fernandes, essa historicidade deve ser associada ao crescimento econômico e urbano, sobretudo, porque a humanidade foi se apresentando ao longo da sua existência.

Um dos aspetos determinantes, na generalização desse tipo de ocorrências, está relacionado com o crescimento do comércio e, conseqüentemente, com o aumento da mobilidade e da interação entre as pessoas. Nas últimas décadas, tem havido uma preocupação progressiva com o número crescente de surtos associados à transmissão de doenças infecciosas, sendo certo, no entanto, que este fenômeno sempre acompanhou a espécie humana, como os relatos históricos atestam há mais de dois mil anos. (FERNANDES, 2021, p.21).

Relatando que o registro mais antigo sobre a peste bubônica é, certamente, a narrativa bíblica do Antigo Testamento contido no Livro de I Samuel, no qual há uma explanação sobre a praga que atingiu o povo filisteu, castigado por tomar a arca do Senhor: “Depois de a terem levado, a mão do Senhor foi contra aquela cidade, com mui grande terror; pois feriu os homens, desde o pequeno até o grande; e lhes nasceram tumores” (1 Samuel 5:9).

Ao devolverem a arca ao povo hebreu, os filisteus resolveram não devolvê-la vazia, ofertando cinco ratos e cinco réplicas de tumores, ambos feitos de ouro: “Fazei umas imitações de vossos tumores e dos vossos ratos, que andam destruindo a terra, e daí Glória ao Deus de Israel; porventura, isso aliviará a sua mão de cima de vós, e do vosso deus, e da vossa terra?” (1 Samuel 6:5).

Na mesma passagem bíblica, temos o relato de que após a devolução da arca do Senhor, o povo hebreu de Bete-Semes também foi atingido pela peste bubônica: “Feriu o Senhor os

homens de Bete-Semes, porque olharam para dentro da arca do Senhor, sim, feriu deles setenta homens; então o povo chorou porquanto o Senhor fizera tão grande morticínio entre eles.” (1 Samuel 6:19, Bíblia Sagrada, 1993, p. 295-296).

Esses registros bíblicos nos trazem reflexões importantes, como o fato notável de que já, naquele período, os povos atrelavam a peste bubônica aos ratos, embora o acometimento tenha sido atribuído ao castigo divino. Segundo Castiglioni (1947, p. 104), essa associação entre a peste bubônica e os ratos também aparecem em outras literaturas, constando em textos antigos ligados à medicina hindu datados de 1000 d.C.

1.2 Alastramento espacial de pandemias ao longo da história até ao Brasil

Ao longo da história, a humanidade sempre se deparou com situações epidêmicas. Opal SM (2009 *apud* Santos, 2021) acentuam que mais de mil anos Antes de Cristo a. C, é provável que grandes epidemias tenham atingido o Egito, assim como os impérios Grego e Romano sofreram com as doenças contagiosas (KARTZ, 2020). A historicidade das pandemias, nesta dissertação, foi baseada numa perspectiva crítica de que a participação do homem na transformação da natureza tem encontrado dificuldades, que transformadas em fraquezas/desafios também ajudaram a medir a capacidade da racionalidade do Homem, desde as cavernas, até a atualidade – quando as ações de enfrentamento são chamadas de Políticas Públicas do Estado.

Nosso ponto de partida substancia-se em Tucídides (2001); Rezende (2007; 2009) e Fernandes (2021), os quais nos remetem a pensar que a história das epidemias deve ser montada a partir da antiguidade clássica, em torno de 430-427 (a. C)

Tucídides (2001); Rezende (2009) e Fernandes (2021) apontam, em um registro histórico, as maiores epidemias, explicam as concepções de cada uma e assinalam que a peste de Atenas aconteceu em 428 a. C e foi descrita por Tucídides, em seu livro, História da Guerra do Peloponeso. Conforme Tucídides, (2001) cujas poucas informações a seu respeito acabaram sendo adquiridas através de seus próprios relatos em sua obra, era um historiador que pertencia à aristocracia de Atenas e contraiu a peste que assolou Atenas de 430 a 429. Em 424 foi eleito um dos dez estrategos, sendo-lhe confiada a defesa de Anfípolis na Calcídica. Recebeu um ataque surpresa de Brasidas e acabou sendo exilado por vinte anos e escreveu no exílio sua História da Guerra do Peloponeso.

A referência à maior pandemia, cujo conhecimento nos foi transmitido através dos relatos históricos, remete-nos, na Antiguidade, para a praga de Atenas, também

conhecida como a praga do Egito. Na época, Atenas representava o centro da civilização grega e a fonte da criação filosófica e artística. Essa pandemia ocorreu entre os anos de 430 a.C e 427 a.C, durante a Guerra do Peloponeso, tendo sido responsável por um elevado número de vítimas mortais cuja expressão teria ultrapassado, apenas na cidade de Atenas, dois terços da população. (FERNANDES, 2021, p.21).

Tucídides (2001) conta o aparecimento da doença, no verão, quando os Peloponeses e seus congregados adentraram à jurisdição da Ática. A enfermidade fez vítimas numerosas, as preces feitas nos santuários ou os apelos aos oráculos e atitudes semelhantes foram todas inúteis, levando a população à desesperança e os médicos, através da ciência, nada puderem fazer sendo estes os primeiros a morrer.

A peste, por sua vez, ocasionou danos nefastos que chegaram a afetar Péricles, o grande estadista, que, em seu comando, a população grega alcançou o seu ápice. Em sua obra os sintomas que as pessoas que portavam a epidemia apresentavam eram:

[...] Em outros casos, sem causa aparente, mas de súbito e enquanto gozavam de boa saúde, as pessoas eram atacadas primeiro por intenso calor na cabeça, vermelhidão e inflamação nos olhos e nas partes internas da boca (tanto a garganta quanto a língua) ficavam imediatamente da cor de sangue e passavam a exalar um hálito anormal e fétido. No estágio seguinte, apareciam espirros e rouquidão, e pouco tempo depois o mal descia para o peito apresentava tosse forte. Quando o mal se fixava no estômago, este ficava perturbado e ocorriam vômitos de bile de todos os tipos mencionados pelos médicos, seguidos também de terrível mal-estar, em muitos casos sobreviviam ânsias de vômito produzindo convulsões violentas, que, às vezes, cessavam rapidamente e, às vezes, muito tempo depois. Externamente o corpo não parecia muito quente ao toque; não ficava pálido, mas vermelho forte e lívido e cheio de pequenas bolhas e úlceras; internamente, todavia, a temperatura era tão alta que os doentes não podiam suportar sobre o corpo sequer as roupas mais leves ou lençóis de linho, mas queriam ficar inteiramente descobertos e ansiavam por mergulhar em água fria - na realidade, muitos deles que estavam entregues a si mesmos se jogavam nas cisternas - de tão atormentados que estavam pela sede insaciável; e era igualmente inútil beber muita ou pouca água. Os doentes eram vítimas também de uma inquietação e insônia invencíveis. O corpo não definhava enquanto a doença não atingia o auge, sendo assim, quando os doentes morriam, como aconteceu a tantos entre o sétimo e o nono dia de febre interna, ainda lhes restava algum vigor ou se sobreviviam à crise, a doença descia para os intestinos, produzindo ali uma violenta ulceração, ao mesmo tempo que começava uma diarreia aguda, que nesse estágio final levava a maioria dos doentes à morte por astenia. (Tucídides 2001, p.116).

Diante da narrativa de Tucídides em relação à peste, observamos que apesar de já ter perpassado por outras regiões, foi em Atenas que ela se propagou de forma devastadora fazendo com que os médicos e as crenças de seu povo nada pudessem fazer para evitá-la. Dessa forma também, Rezende (2009) fala sobre a peste de Siracusa, que aconteceu no ano 396 a. C, no momento em que o exército cartaginês cercou Siracusa, na Itália, cujos sintomas eram respiratórios, febre, tumefação do pescoço, dores nas costas seguida de disenteria, erupção pustulosa em toda a superfície do corpo e, ocasionalmente, delírio.

Essa enfermidade surgiu entre os soldados, manifestando-se de forma rápida sobre eles, o que acabou por aniquilar o exército. Posteriormente, o autor aborda sobre a peste Antonina e salienta que apareceu no século II d. C, assim sendo, a nomeação de Tucídides (2001) se deve ao imperador Marco Aurélio, da linhagem dos Antoninos que governava o império Romano na época. De acordo com Cartwright (1991, p. 13, *apud* Rezende, 2009, p.76) causou grande devastação à cidade de Roma em 166 d.C., estendeu-se por toda a Itália e, após um declínio temporário, recrudescer em 189 d.C. Ela possuía sintomas parecidos com a peste de Atenas, tendo como uma de suas próprias vítimas o imperador Marco Aurélio.

O autor traz que a peste do Século III surge no Egito e depois ligeiramente se espalha pela Grécia, norte da África e Itália nos anos de 251 a 266 d.C., devastando o Império Romano. Para Lopes (1969, *apud* Rezende, 2009) destacaram-se as narrações de São Cipriano, bispo de Cartago:

Iniciava-se por um fluxo de ventre que esgotava as forças. Os doentes queixavam-se de intolerável calor interno. Logo se declarava angina dolorosa; vômitos acompanhados de dores nas entranhas; os olhos injetados de sangue. Em muitos doentes, os pés ou outras partes atingidas pela gangrena destacavam-se espontaneamente. Alquebrados, os infelizes eram tomados de um estado de fraqueza, que lhes tornava a marcha vacilante. Uns perdiam a audição e outros a visão. Em Roma e em algumas cidades da Grécia, morriam até cinco mil pessoas por dia. (Lopes 1969, p.165, *apud* Rezende, 2009, p.77)

Rezende (2009) menciona sobre outra peste, a Justiniana, que foi chamada assim por ter início durante o Império bizantino, através do comando do imperador Justiniano, no ano de 542 d.C., que ao chegar a Constantinopla, capital do Império, na data mencionada, causou por volta de dez mil mortes diariamente. Apesar do pouco conhecimento a respeito dessa epidemia, o que se sabe é devido ao relato de Procópio, um arquivista do Império:

Subitamente, os doentes apresentam febre ligeira; passado um dia ou mais surge um bubão em ambas as regiões, inguinal e axilar ou em outra parte do corpo. [...] A partir daí, há diferenças individuais, alguns entram em coma, outros em delírio. [...] Alguns morrem logo, outros depois de muitos dias; e os corpos de alguns mostram bolhas negras do tamanho de uma lentilha [...] e muitos morrem vomitando sangue. (ZINSSER 1996, *apud* REZENDE, 2009, pp. 77-78).

A peste Negra do século XIV, (Rezende, 2009) considerada como a mais trágica epidemia já registrada na história, que desencadeou uma matança muito grande, tinha essa nomenclatura devido às manchas escuras que se apresentavam na pele das pessoas que portavam a doença. Originada na Ásia Central e alastrada por meio terrestre e marítimo para vários lugares. Segundo Lopes (1969, *apud* Rezende, 2009, p.78):

Em 1334 causou cinco milhões de mortes na Mongólia e no norte da China. Houve grande mortandade na Mesopotâmia e na Síria, cujas estradas ficaram juncadas de cadáveres dos que fugiam das cidades. No Cairo, os mortos eram atirados em valas comuns e em Alexandria ficaram insepultos. Calcula-se em 24 milhões o número de mortos nos países do Oriente. (Lopes 1969, *apud* Rezende, 2009, p.78)

Segundo o autor, a doença contaminou vários territórios sendo que, de 1347 a 1349, a epidemia chegou à Crimeia, o arquipélago grego, e à Sicília, Marselha no sul da França e por último, ao centro e ao norte da Itália e dali contagiou toda a Europa, calculando-se que a Europa tenha perdido pelo menos um terço de sua população. Trata-se de matanças de milhões no dizer de Fernandes (2021).

A praga de Justiniano ocorreu por volta do ano 541 d.C. e a sua designação deveu-se ao nome do imperador bizantino da época. Esta pandemia teria começado no Egito para depois se espalhar pela capital do império bizantino. O primeiro surto de peste bubônica matou cerca de 50 milhões de pessoas, correspondente a cerca de 26% da população mundial e a mais da metade da população europeia. (FERNANDES, 2021, p.22).

A peste Negra do século XIV inspirou o livro "Decamerão", de Giovanni Boccaccio, que viveu de 1313 a 1375. Guy de Chauliac, um famoso médico-cirurgião da época, que vivia na França, médico do Papa Clemente VIº, sobrevivente da doença e deixou seu relato:

A grande mortandade teve início em Avignon em janeiro de 1348. A epidemia se apresentou de duas maneiras. Nos primeiros dois meses manifestava-se com febre, expectoração sanguinolenta e os doentes morriam em três dias; decorrido esse tempo manifestou-se com febre contínua e inchação nas axilas e nas virilhas e os doentes morriam em cinco dias. Era tão contagiosa que se propagava rapidamente de uma pessoa a outra; o pai não ia ver seu filho, nem o filho ver seu pai; a caridade desaparecera por completo. (REZENDE 2009, pp.79-80).

Para Rezende (2009) e Lima (2022) muitas foram as suposições a respeito da origem dessa epidemia, para alguns, era de origem divina. Tratando-se de um castigo divino, punição pelos pecados, aproximação do Apocalipse, para outros povos os judeus eram os culpados devido a serem perseguidos e trucidados. O autor aponta para outras suposições acerca da propagação da doença, entre elas, pessoas foram vistas como suspeitas, foram enforcadas ou queimadas vivas. Rezende (2009) cita as barbaridades que ocorreram, na época, em decorrência da disseminação da peste:

Em Königsberg, na Alemanha, uma criada que havia transmitido a peste a seus patrões foi enforcada e queimada. Na Itália, o conde que governava a Calábria decretou que todo pestoso fosse conduzido ao campo para ali morrer ou sarar, e ainda confiscou os bens dos que haviam adquirido a peste. (REZENDE, 2009, p.80).

Em meio a essas atrocidades, algumas pessoas se dispuseram a ajudar os portadores dessa enfermidade:

Muitos médicos se dispuseram a atender os pestosos com risco da própria vida. Adotaram para isso roupas e máscaras especiais. Alguns dentre eles evitavam aproximar-se dos enfermos. Prescreviam à distância e lancetavam os bubões com facas de até 1,80 m de comprimento. Frades capuchinhos e jesuítas cuidaram dos pestosos em Marselha, correndo todos os riscos. Foi fundada a Confraria dos Loucos, que invocava a proteção de São Sebastião para combater o medo da morte. São Roque foi escolhido o padroeiro dos pestosos. Tratava-se de um jovem que havia adquirido a peste em Roma e havia retirado-se para um bosque para morrer. Foi alimentado por um cão, que lhe levava pedaços de pão e conseguiu recuperar-se. (REZENDE 2009, p.80).

Os males causados por essa epidemia sobre a população da Ásia e da Europa foi gigantesco, deixando propriedades desabitadas, famílias dizimadas, diminuição da produção agrícola e industrial, falta de alimentos e bens de consumo, a pauperização da nobreza, diminuição dos militares e ascensão da burguesia. Rezende (2009) conta a respeito da peste Negra ressaltando que foi a maior, mas não a última das epidemias porque, segundo o autor, depois dessa, vieram várias outras. O que pode ser registrado nessa historicidade é a duração temporal e espacial dessa epidemia – quase toda Europa Oriental e o Norte de África devastados em mais de um século (FERNANDES, 2021).

A extensão geográfica dos seus efeitos afetou grande parte dos territórios da Síria, da Turquia e da Pérsia, bem como uma parte importante da Europa. A sua duração terá sido prolongada por cerca de dois séculos com impactos significativos, nas primeiras décadas da sua disseminação, nas estratégias de expansão do Império Romano a leste e à região norte-africana. (FERNANDES, 2021, pp.22-23).

Casos idênticos, posteriormente, podem ser lembrados os de gripe espanhola, de lepra, varíola e outras epidemias. No caso da epidemia de varíola, (FERNANDES, 2021), devido a uma vacinação preventiva, foi a primeira doença infecciosa extinta do nosso planeta. A história da vacina contra a doença é marcada em decorrência do êxito obtido e também pela esperança que o método nos trouxe de obter a erradicação de outras doenças infecciosas. Até o final do século XVIII, a Varíola consistia numa terrível fatalidade para o ser humano levando-o ao óbito ou desfigurando o rosto dos sobreviventes com cicatrizes permanentes e perda de visão.

Como citado pelos autores, a varíola chega ao Brasil por meio dos colonizadores portugueses que vinham ao nosso país tanto da Europa como da África. Em 1563 o primeiro episódio da epidemia da varíola começou na Bahia, ocasionando aproximadamente trinta mil

mortes. A enfermidade atingia os indígenas devido a sua vulnerabilidade e assim resultando na extinção de muitas tribos na época.

Em relação ao combate da varíola, Rezende (2009), fala que os povos orientais empregavam, há mais de mil anos, a chamada “variolização”, que incidia na inoculação de material coletado das pústulas de uma pessoa contaminada, na pele de uma pessoa saudável. Este se contaminava com a doença de modo mais amenizado do que através do contágio natural. Não obstante, apesar de sua relativa benignidade, a doença se manifestava com todo o seu cortejo sintomático, deixando, por vezes, cicatrizes no rosto e no corpo das pessoas inoculadas.

Com o intuito de proporcionar uma leitura de melhor entendimento procuramos o conceito do termo “inoculação” que possui seu significado “como injeção de vírus ou de germes, mortos ou atenuados, feita no organismo, para causar neste uma forma ligeira de uma doença, com o fim de produzir imunidade.” (Dicio, 2022). A “variolização” segundo Rezende (2009) espalhou-se nos países do Ocidente, no século VIII, de maneira especial em virtude da esposa do embaixador inglês em Constantinopla, Lady Montagu, ilustre por sua beleza e elegância, que foram contaminadas pela varíola.

A Lady realizou o processo de inoculação em seus dois filhos. Sendo um em 1717 no seu filho de três anos de idade e outro em 1721, ao retornar à Inglaterra com sua filha de cinco anos. Esse método desencadeou interesse pela corte real e assim passando a ser conhecido de bizantino, em menção à Bizâncio, antigo nome de Constantinopla. Conforme Rezende (2009), Edward Jenner nascido em Berkeley na Inglaterra, ao longo de sua infância se submetia a variolização, o que impressionava, além da inoculação, eram os preparativos para a mesma, que se constituíam em sangria, purgativos e dieta de fome.

Assim como na região de Gloucestershire, na Inglaterra, onde se localiza a cidade de Berkeley, o gado era afetado com frequência por uma doença com alguma semelhança com a varíola humana, conhecida por cowpox. A população rural observava que, frequentemente, as pessoas que adquiriam a cowpox, ficavam protegidas da varíola humana, conhecida em inglês por *smallpox*. Ao iniciar seus estudos na medicina, Jenner frequentou inicialmente o serviço de um reputado médico, Ludlow, em Sodbury, em seguida foi para Londres para continuar seus estudos, onde conheceu o cirurgião e grande pesquisador John Hunter, de quem se tornou discípulo dileto e com quem adquiriu o gosto pela observação meticulosa e pela investigação científica. Regressando a trabalhar como médico em Berkeley, com a premissa de proteger a população em combate a varíola humana (*smallpox*) mediante a varíola bovina (*cowpox*) tornou-se uma obsessão. Jenner, ao longo de vinte anos, juntou observações que demonstravam

que os indivíduos previamente contaminados pela doença bovina passavam a ficar imunes à varíola. Em 1776 o médico descobriu a vacina para a doença:

Em maio de 1776 realizou a sua experiência definitiva. Uma mulher, de nome Sara Nelmes, havia adquirido a varíola bovina ordenhando vacas doentes. Jenner inoculou a linfa retirada de uma vesícula da mão direita de Sara Nelmes na pele do braço de um menino de oito anos, de nome Jacobo Phipps. A criança desenvolveu a conhecida reação eritemato-pustulosa no local da escarificação e escassos sintomas gerais. Decorridas seis semanas, Jenner inoculou o pus da varíola humana na criança, que não adquiriu a doença. Estava descoberta a vacina antivariólica. (REZENDE, 2009, p.229).

Em 1778, depois de ter inoculado com sucesso mais três pacientes, fez a sua primeira comunicação à *Royal Society*, de Londres, uma respeitável instituição científica da qual era membro. Segundo relato, recebeu da instituição uma advertência que julgou sua descoberta em desacordo com os conhecimentos consagrados, Jenner então optou por publicar o resultado de suas observações por conta própria, sem aprovação da *Royal Society*, o que fez em um pequeno livro de 74 páginas, depois de um tempo a vacinação antivariólica difundiu-se por todo o mundo. Para Andrade e Duarte (1956, p.206, *apud* Rezende, 2009, p.221), a febre amarela foi assim intitulada pela primeira vez por Griffith Hughes, em seu livro *Natural History of Barbadoes*, publicado em 1750, em alusão às duas manifestações clínicas mais características da enfermidade: a febre e a icterícia. Chegou ao nosso país no século XVIII através das embarcações que vinham das Antilhas. A epidemia se propagou primeiramente em Pernambuco, em 1685, e posteriormente na Bahia em 1686. Sobre seu modo de transmissão. Em referência ao seu modo de transmissão várias foram as opiniões e estudos acerca dessa problemática. Conforme Rezende (2009) Josiah Nott, trouxe a ideia de que a transmissão era feita pelo mosquito nos Estados Unidos em 184., e a Beuperthuy, na Venezuela, em 1853. Beuperthuy acreditava que a doença se realizava em cidades litorâneas, julgava que os mosquitos se alimentavam de restos de peixes e da fauna existente em pântanos, transmitindo ao homem “sucos sépticos” que produziam hemólise.

Outros acontecimentos históricos são apontados por Rezende (2009) a respeito dessa enfermidade, relatando que no Brasil, Filogonio Utinguassu em 1885 foi quem primeiro defendeu que a transmissão do agente da febre amarela era feita pelo mosquito, porém essa ideia não despertou interesse à Academia de medicina. Em 1881 numa conferência internacional, o cubano Carlos Finlay que acreditava que a transmissão da doença se dava através de uma única espécie de mosquito, o *Culex fasciatus* (*Aedes Aegypti*) não teve suas ideias levadas a sério.

Finlay, para evidenciar sua teoria, fez experiências em vários voluntários por duas vezes, porém ainda foi desacreditado pela academia de medicina. Sua teoria só foi comprovada de forma definitiva em 1900 depois de o exército Americano interessar-se pelo problema, devido aos mais de duzentos óbitos por febre amarela, ocorridos entre os seus soldados sediados em Cuba. Foi nomeada uma Comissão, chefiada pelo major-médico Walter Reed que, juntamente com James Carrol, Jesse Lazear e Aristides Agramonte deram início em Havana às experiências que culminaram com a comprovação.

Segundo Rezende (2009), no Brasil, Emílio Ribas, diretor do Serviço Sanitário do Estado de São Paulo, tomou conhecimento dos trabalhos da Comissão Americana em Cuba, tencionado a iniciar, em 1901, uma ação para combater o mosquito em algumas cidades do interior de São Paulo.

Para tanto, Bacellar (1963, p. 241-246, *apud* Rezende, 2009, p.224-225) por causa das críticas e dúvidas no que diz respeito à validade e às experiências realizadas em Cuba, Emílio Ribas resolveu repeti-las com algumas variantes em São Paulo. Os experimentos realizados em voluntários, dentre os quais os próprios médicos e três imigrantes italianos recém-chegados ao Brasil, foram de tal ordem que até os mais céticos ficaram convencidos da não contagiosidade da febre amarela e da responsabilidade do mosquito *Stegomyia fasciata*, como se denominava, então, o *Aedes aegypti*, na sua transmissão.

Durante o século XIX a febre amarela se disseminou no Rio de Janeiro com surtos epidêmicos como aponta Rezende (2009). A ação de combate à febre amarela, no Rio, surge como um acontecimento célebre da medicina brasileira, e consagra o nome de Oswaldo Cruz projetando o Brasil no cenário internacional. O autor comenta que diante da impossibilidade de eliminar a febre amarela, surge o desafio da prevenção por meio de uma vacina para o combate da doença de uma forma eficaz e tolerada. Após a constatação de que a transmissão da doença se dava por meio de vírus, foi criada a primeira vacina por William Gorgas em Havana, em 1901, a partir de mosquitos infectados. A partir dos resultados de seus testes através da inoculação em pessoas, os resultados desencadearam o desinteresse pela vacinação.

Franco (1960, p. 128 *apud*, Rezende, 2009, p.225) assinala que em 1927, Stokes atestou a possibilidade de infectar o macaco rhesus com o vírus da febre-amarela, porém a dificuldade de trabalhar com a espécie gerou um impedimento ao avanço dos estudos experimentais. Nisso, Rezende (2009) destaca que 1930, Max Theiler, um médico sul-africano que se empenhava com a pesquisa acerca da febre-amarela nos Estados Unidos, ele contaminou camundongos, aplicando em seu cérebro tecido hepático de macaco rhesus infectado. O vírus gerou imunidade

ao homem e ao macaco, no entanto algumas pessoas morreram por encefalite devido ao processo de inoculação, diante deste acontecimento a vacina tornou-se inutilizável.

Segundo Schiller (1991, p. 639-646 *apud* Rezende, 2009) Max Theiler e seus colaboradores cultivaram o vírus em embriões de camundongos e também nos embriões de galinha. Esse vírus foi conservado durante três anos, em contínuas passagens em embriões assim preparados, conquistando um vírus mutante conhecido por 17d, que se mostrou imunizante e não apresentou riscos para o ser humano.

Rezende (2009), por fim, relata que a vacina contra a febre-amarela foi testada em uma imensa proporção no Brasil, entre os anos de 1937 a 1940, em virtude dos bons resultados, Max Theiler recebeu, com mérito, o prêmio Nobel de Medicina em 1951.

Neufeld (2020), faz um apanhado histórico em seu artigo a respeito da Influenza Espanhola de 1918, que foi uma das doenças infecciosas mais devastadoras que ocorreu na humanidade. Supõe-se que a enfermidade afetou quase um terço da população mundial, que era de menos de 2 bilhões de pessoas, e vitimou por volta de 2,5% dos indivíduos acometidos. A maior parte dos autores não entram em um acordo em relação ao surgimento da doença, de qualquer forma, ela foi registrada oficialmente em março de 1918, no acampamento militar de Funston, em Fort Riley, no Kansas, nos Estados Unidos.

Segundo Neufeld (2020) um cozinheiro do campo, foi à enfermaria com queixa de febre, cefaleia e odinofagia. Depois de um tempo mais de 100 militares foram à enfermaria com os mesmos sintomas. Diante disso houve a disseminação da enfermidade entre os militares e a população civil da localidade. Neufeld (2020) salienta sobre a propagação da doença destacando que em abril, a gripe já era epidêmica em zonas urbanas centrais e costeiras do leste dos Estados Unidos. Ao final do mês de abril, a doença já era reportada em toda a França e, no início de maio, ela atingiu a Inglaterra, Itália e Espanha, assim como o norte da África, Índia, China e Japão.

Desde a frente ocidental, ainda em maio, a Gripe avançou sobre a Alemanha, Áustria, Suíça, Hungria, Bulgária, Polônia, Rússia e Grécia. Em junho, chegava à Oceania pela Austrália. Nessa primeira onda ela apresentou poucas mortes sendo julgada como benigna. O autor assinala que em julho, a doença parecia ter perdido força, mas, em meados de agosto, uma segunda onda surgiu com maior capacidade de contágio e letalidade do que a anterior, apresentando sintomas com uma pneumonia de surgimento rápido, seguida de morte em 48 horas.

Para Neufeld (2020) essa onda ocorreu devido ao transporte naval de tropas militares que albergavam o vírus desde os campos de batalha europeus e acampamentos hospitalares que

aglutinavam muitas pessoas doentes. A partir de locais portuários, a doença explodiu para todos os continentes, com exceção de locais isolados. A maior parte das mortes pela Gripe Espanhola ocorreu na segunda onda entre agosto e dezembro, mas observou-se, ao final de dezembro, o seu declínio em vários lugares do mundo. O autor enfatiza que as pessoas que sobreviveram à primeira onda pareciam apresentar uma imunidade natural, não sendo mais afetadas pela enfermidade.

Neufeld (2020) ainda ressalta que ao término da Primeira Guerra, as tropas militares retornaram a seus países de origem e, na Austrália, onde a pandemia foi controlada, com o retorno dos soldados, eclodiu uma terceira onda da pandemia, que se estendeu da Austrália para outras regiões, principalmente no hemisfério sul, acometendo um grande contingente de pessoas e se estendendo de fevereiro a maio de 1919 e, em alguns lugares, até 1920. Essa terceira onda, embora mais letal que a primeira, teve taxas de mortalidade menores quando comparada com a segunda.

No Brasil, a pandemia chegou em 14 de setembro de 1918, e se alastrou pelos grandes centros urbanos, momento no qual o país estava passando pela segunda onda da pandemia. Os primeiros brasileiros que adoeceram e morreram de Gripe Espanhola faziam parte das tripulações, membros e soldados dos navios da Missão Médica Brasileira e da Divisão de Guerra que seguiam para frente de batalha na Europa e que aportaram em Freetown (Serra Leoa) e Dakar (Senegal), onde grassava a moléstia antes de rumar para a França.

1.3 Nosso objetivo, metodologia, referencial teórico e próximas sessões

Este trabalho a partir de uma abordagem qualitativa, objetiva realizar através do estudo caso uma análise compreensiva sobre o que pensam os professores sobre o ensino remoto em uma escola pública de Corumbá-MS durante o contexto pandêmico. Em concordância com Prodanov e Freitas (2013, p.60):

Este estudo de caso consiste em coletar e analisar informações sobre determinado indivíduo, uma família, um grupo ou uma comunidade, a fim de analisar aspectos variados de sua vida, de acordo com o assunto da pesquisa. É um tipo de pesquisa qualitativa e/ou quantitativa, entendida como uma categoria de investigação que tem como objeto o estudo de uma unidade de forma aprofundada, podendo tratar-se de um sujeito, de um grupo de pessoas, de uma comunidade etc. São necessários alguns requisitos básicos para sua realização, entre os quais, severidade, objetivação, originalidade e coerência.

A ferramenta empregada para a coleta de dados foi a entrevista com roteiro semiestruturado. Para Triviños (1987), essa entrevista ao mesmo tempo que valoriza o

investigador, oferece todas as perspectivas possíveis para que o informante enriqueça sua investigação. De acordo com o autor:

Podemos entender por entrevista semi-estruturada, em geral, é aquela que parte de certos questionamentos básicos, apoiados em teorias e hipóteses, que interessam à pesquisa, e que, em seguida, oferecem amplo campo de interrogativas, fruto de novas hipóteses, que vão surgindo à medida que recebem as respostas do informante. Desta maneira, o informante, seguindo espontaneamente a linha de seu pensamento e de suas experiências dentro do foco principal colocado pelo investigador, começa a participar da elaboração do conteúdo da pesquisa. (TRIVIÑOS,1987, p.146).

Os sujeitos desta pesquisa foram professores regentes dos anos iniciais do ensino fundamental, que atuam em uma escola da rede pública no município de Corumbá-MS, ministrando aulas como professores do 1º ao 5º ano.

Na rede municipal de Corumbá-MS, no período compreendido do 1º ao 5º ano, que são os anos iniciais do ensino fundamental, os alunos possuem em sua grade curricular de 9 disciplinas sendo: língua inglesa, arte, educação em direitos humanos, educação física, língua portuguesa, matemática, história, geografia e ciências.

Para a entrevista, foram escolhidos grupos de professores regentes porque esses profissionais acabam sendo os que têm uma carga de responsabilidade maior sobre a turma, eles ministram as disciplinas de língua portuguesa, matemática, história, geografia e ciências. Os professores regentes durante a pandemia em 2020 e 2021 tiveram um grande desafio que foi utilizar, durante o ensino remoto, aplicativos que permitissem alcançar e interagir com o maior número de alunos possível. O *WhatsApp* foi uma ferramenta que passou a ser muito utilizada para enviar atividades, sanar dúvidas e interagir com os pais e alunos.

No início da entrevista, foi solicitada a autorização da direção, explicando que será necessária a realização de uma entrevista semiestruturada com os professores dos anos iniciais para participar do estudo. Foram apresentados os objetivos da pesquisa aos docentes e posteriormente, ao aceite para participar do estudo, foi agendado um horário com cada professor para a realização das entrevistas que ocorrerão via *Google Meet* a fim de respeitar os protocolos de biossegurança e distanciamento social, aos professores que não puderem realizar a entrevista desta forma, ela poderá ser feita por telefone ou pessoalmente mantendo o distanciamento.

Schmidt, Palazzi e Piccinini (2020) salientam em seu artigo que, no Brasil especificamente, existe a possibilidade de ser mais vantajoso o uso das plataformas gratuitas que possuem prazo ilimitado para as videoconferências, citando o *Google Meet* e *Skype* como exemplo. Essa utilização passa a ser benéfica especialmente em meio a pandemia e diante do corte de financiamentos para pesquisas.

As entrevistas foram gravadas com uso de alguns dispositivos, sendo o notebook para aqueles que a fizeram via *Google Meet*, o smartphone para aqueles que quiserem fazer através de ligações ou para aqueles que quiserem ser entrevistados presencialmente usando o gravador de voz disponível no aparelho, em seguida as entrevistas serão transcritas. Os dados foram organizados e analisados à luz dos estudos referentes à Teoria Crítica.

Quanto ao perfil dos profissionais que fizeram parte da pesquisa, o presente trabalho contou com a participação de onze professores regentes, que assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido. Com o intuito de garantir o sigilo e anonimato, os docentes receberam nomes fictícios, e foram identificados através das letras do alfabeto.

A entrevista semiestruturada foi realizada no ambiente escolar, no momento em que os professores estavam em sua hora atividade, que é o tempo designado para que esses profissionais façam pesquisas, planejamentos de aula, alimentem o sistema *Tagnos* com conteúdos, notas avaliativas entre outras incumbência do exercício docente. Diante da falta de tempo desses profissionais, a escola foi o local que permitiu a realização das entrevistas, já que boa parte desses profissionais não dispõe de tempo livre, pois exercem fora do trabalho a função de mães, pais, realizam afazeres domésticos, estudam e enfim desempenham outras atividades fora do ambiente escolar.

Para a realização da entrevista cada professor escolheu a sua data e horário, porém devido às obrigações escolares, algumas delas foram remarcadas por esses profissionais. A coleta das informações foi realizada através de gravação de voz por meio de dois dispositivos tecnológicos, um smartphone e um *tablet*, posteriormente as gravações foram salvas no *google drive*, e-mail e computador e em seguida transcritas. Para tanto, o referencial teórico para análise do presente estudo baseou-se a Teoria Crítica da Sociedade ou Escola de Frankfurt. Tais análises estarão centralizadas e apresentadas somente nas seções quatro, cinco e seis, sendo esta pesquisa estruturada em oito seções”.

Na primeira seção, teremos a introdução, onde é relatada sobre a motivação para o desenvolvimento da pesquisa e os objetivos desse trabalho; na seção dois foi explanado um breve histórico sobre a covid-19 no Brasil; a terceira seção abordará sobre história da pandemia no MS, as estratégias de enfrentamento em Corumbá-MS e a escola.

A seção quatro discutirá sobre o ensino remoto nas escolas públicas de na visão dos professores sobre si na quinta seção abordará sobre o ensino remoto nas escolas públicas de Corumbá-MS na visão dos professores sobre os alunos; a sexta seção trará a discussão acerca das condições de trabalho no ensino remoto na visão dos professores; a seção sete consistirá nas considerações finais e, por fim, na seção oito estarão as referências bibliográficas.

2. UM BREVE HISTÓRICO SOBRE A COVID-19 NO BRASIL

Nesta seção abordaremos brevemente sobre como nossas autoridades sanitárias e governantes trataram as situações pandêmicas que chegavam a nossa população ao longo da história até a Covid no Brasil, e as medidas sanitárias realizadas para sua contenção e o negacionismo das autoridades políticas na época para lidar com essa situação.

2.1 Atuação e atualidade das pandemias como política pública e o lugar da OMS na Covid-19

Da mesma forma que, de acordo com Fernandes (2021), as rotas comerciais e as concentrações urbanas foram afetadas severamente com as epidemias, no Brasil, os Estados do Rio de Janeiro e de São Paulo têm sido apontados, historicamente, como epidêmicos. Isso se explica pela maior expansão estrangeira registrada, aliás,

Ao longo dos séculos, a Europa foi tradicionalmente permeável às doenças vindas do exterior, quer pelo efeito de guerras ou de invasões, quer pelo efeito da intensificação das rotas comerciais e da mobilidade das populações. A partir do século XV, a expansão marítima deu lugar a um fenômeno inverso, caracterizado pela transmissão de doenças em diferentes geografias pelos europeus aos povos colonizados. (FERNANDES, 2021, p.23).

Na opinião de Neufeld (2020), a pandemia de gripe teve como causa o vírus da Influenza A (H1N1), que é de RNA e cuja origem parece ser aviária. O vírus sofreu muitas mutações na sua forma de contágio, a qual era facilmente transmitida devido às condições sanitárias de muitos países na época. Neufeld (2020) comenta sobre a alta taxa de mortalidade, deve-se ressaltar que 95% dos casos de Gripe Espanhola não tiveram grande relevância clínica (cerca de 6% de pneumonias e 1% de hospitalizações) e que os casos graves e as mortes tinham como foco os adultos jovens e saudáveis com idade entre 20 e 40 anos e os que possuíam comorbidades (tuberculose, diabetes) eram mais vulneráveis à doença.

Segundo o autor, na época não existiam vacinas nem antibióticos para tratar a enfermidade e a população carecia de condições sanitárias, um fato agravante é que a comunicação entre as pessoas se dava através da imprensa. Buscava-se controlar a epidemia através de mediações não farmacológicas como uso de máscaras, higiene e limpeza pessoal, quarentenas, confinamentos, limitações e/ou proibições de reuniões públicas e procissões, velórios, funerais e enterros que, se ocorressem, deveriam ser rápidos e restritos a um pequeno

número de participantes. Os poucos recursos que eram prescritos pelos médicos para cuidados com os doentes se tornaram ineficazes tais como; repouso, hidratação, substâncias e procedimentos que eram conhecidos ou estavam disponíveis, à época, como laxantes, purgantes, enemas, poções e extrato de vegetais, antissépticos e desinfetantes com iodo, arsênico, mercúrio, estriçnina, álcool, tabaco e também aplicações de oxigênio, inalações mentoladas, antiespasmódicos, aspirina, quinino, adrenalina, terebintina, tonicárdicos, soro glicosado, óleo canforado injetável, cataplasmas e sangrias eram também empregados. Neufeld (2020) enfatiza que os profissionais que estavam na linha de frente do combate a enfermidade, acabam por adoecer causando uma grande queda no número de profissionais, diante disso, os estudantes de medicina passavam a ser convocados para substituir esses profissionais, assim como, os profissionais de enfermagem para atender à população.

O autor salienta que a situação era crítica em outros aspectos, pois as autoridades públicas e de saúde, da época, discutiam, improvisavam e impunham medidas de contenção que, infelizmente, eram difíceis de serem implantadas. Além do mais, não contavam com a colaboração dos militares e políticos os quais não levavam em conta as orientações das autoridades sanitárias, que solicitavam que barreiras de isolamento fossem montadas nas fronteiras, e eles insistiam em atravessar tropas, pessoas e insumos. E por fim, a igreja e alguns membros da sociedade civil que atacavam e criavam um ambiente hostil à ciência, à imprensa e aos governos que eram adeptos das medidas de controle da infecção.

Neufeld (2020), apesar das diferenças entre as pandemias, ressalta que a Gripe Espanhola, de 1918, trouxe algumas lições à Covid -19 atual, externalizando nossas limitações sanitárias e tecnológicas, evidenciando o fato de ser indispensável buscar soluções em conjunto para se enfrentar crises mundiais. Uma das bases da disseminação da Gripe Espanhola foi a grande desigualdade econômica e social que sempre gerou pobreza e exclusão.

Para o autor, a Covid-19 nos permite refletir acerca de suas bases, que se mostram também muito ligadas às carências econômicas e socio sanitárias, à deterioração do meio ambiente e dos ecossistemas, que são resultantes de modelos de desenvolvimento, equivocados, aplicados em vários países. Reconsiderar esses modelos é importante para conceber uma sociedade sanitariamente mais preparada para a prevenção e controle de acontecimentos epidêmicos.

Ribeiro (2021) retoma em seu livro a alguns intelectuais europeus para refletir sobre a pandemia e revela que graças à ideia de compaixão que devemos a Rousseau, desde 2020, teríamos vivido ou tolerado um verdadeiro massacre, e que a gripe espanhola ocasionou um morticínio de vinte milhões a cem milhões de pessoas, numa época em que o número

populacional tinha por volta de dois bilhões pessoas. Comparado à pandemia da Covid-19, que matou mais de três milhões de seres humanos numa população de 7,8 bilhões. Esses números revelam que o índice de mortes da época de 1920 foi muito maior do que o causado pela pandemia atual. Ribeiro (2021) comenta que isso se deve ao fato de que entre os humanos de coração há premissa de que ninguém deve ser deixado para trás.

A Covid-19 acabou se tornando o maior desafio em nível mundial no século XXI, pois foi uma doença que se alastrou, de forma devastadora, graças a sua alta capacidade de contaminação, principalmente, por provocar óbitos, de início, com maior facilidade numa parcela da população que apresentava vulnerabilidades.

Em 31 de dezembro de 2019, a Organização Mundial da Saúde (OMS) foi alertada sobre vários casos de pneumonia na cidade de Wuhan, província de Hubei, na República Popular da China, que seriam causados por uma nova cepa de coronavírus ainda não identificada, anteriormente, em seres humanos. Posteriormente, no dia 7 de janeiro de 2020, as autoridades chinesas confirmaram que haviam identificado um novo tipo de coronavírus, o qual havia se disseminado por toda parte (OMS,2022).

De acordo com a OMS, inicialmente, foram identificados sete coronavírus humanos (HCoV) sendo eles: HCoV-229E, HCoV-OC43, HCoV-NL63, HCoV-HKU1, SARS-COV (que causam síndrome respiratória aguda grave), MERS-COV (que causa síndrome respiratória do Oriente Médio) e o, mais recente, SARS-CoV-2 (que no início foi temporariamente nomeado 2019-nCoV e, em 11 de fevereiro de 2020, recebeu o nome de SARS-CoV-2). Sendo esse último o novo coronavírus responsável por causar a doença Covid-19, que em 11 de março de 2020, foi caracterizada pela OMS como uma doença pandêmica (OMS, 2022).

De acordo com *World Health Organization* (2020 *apud* Oliveira, Lucas e Iquiapaza, 2020) foram estabelecidos parâmetros essenciais objetivando a prevenção e enfrentamento à doença:

Elas incluíam a higienização das mãos com água e sabão sempre que possível e uso de álcool em gel nas situações em que o acesso à água e ao sabão não fosse possível. Também recomendavam evitar tocar olhos, nariz e boca e proteger as pessoas ao redor ao espirrar ou tossir, com a adoção da etiqueta respiratória, pelo uso do cotovelo flexionado ou lenço descartável. Além disso, a OMS indicou a manutenção da distância social (mínimo de um metro), que se evitassem aglomerações, e a utilização de máscara em caso de quadro gripal ou infecção pela Covid-19 ou se profissional de saúde no atendimento de pacientes suspeitos/infectados. (WHO 2020 *apud* OLIVEIRA, LUCAS e IQUIAPAZA, 2020)

Cada país experimentou diferentes formas de contingência do avanço da epidemia pela ausência inicial de vacinas e tratamentos ainda em fase experimental, grande parte passou a

adotar as medidas de prevenção ao contágio recomendadas pela OMS. Alguns países obtiveram controle em relação ao avanço da transmissão da Covid -19 ao adotarem tais medidas e outros não.

Houvèssou, Souza e Silveira (2021) relatam as providências de contenção de tipo *lockdown* realizadas no período entre 22 de fevereiro e 31 de agosto de 2020 e o acometimento da Covid -19 em sete diferentes países: África do Sul, Alemanha, Brasil, Espanha, Estados Unidos, Itália e Nova Zelândia, dentre os quais, apenas o Brasil e a África do Sul eram emergentes. No endereço eletrônico do *Assessment Capacities Project* (ACAPS) constam as medidas para conter o vírus da Covid -19, ações que já foram realizadas por diversos países. Essas foram repartidas pelo ACAPS em cinco categorias sendo: medidas de Saúde Pública; medidas socioeconômicas e de governança; distanciamento social, restrição de movimento e por último *lockdown*.

Em relação ao Brasil, Houvèssou, Souza e Silveira (2021) afirmam que quando a taxa de casos positivos era de 7,8/1 milhão/hab., nosso país suspendeu as viagens como um todo, inclusive os voos internacionais e decretou o fechamento de fronteiras. Os autores também relatam que com a abertura do comércio, que foi definida de acordo com cada região, veio a obrigatoriedade do uso das máscaras para acessar ambientes comerciais, transportes coletivos e serviços essenciais em quase todas as cidades do país, apesar dessas medidas a doença continuou se alastrando:

Ainda assim, houve aumento progressivo da taxa de incidência, de 17,6 em 25 de abril para 97,9/1 milhão/hab. em 24 de maio. Em 19 de junho, com a taxa de incidência de 107,1/1 milhão/hab., foram publicadas diretrizes de orientação com medidas de distanciamento social, etiqueta respiratória, uso de máscara, higienização das mãos, limpeza de ambientes e isolamento domiciliar de casos suspeitos e confirmados. Em 6 de julho (122,6 casos por 1 milhão de habitantes), foi permitida, para todo o país, a abertura de restaurantes, bares e salões de beleza. Esta medida, entretanto, não foi adotada em algumas localidades. Não foram implementadas novas medidas de alcance nacional até o final de agosto, quando a taxa média de incidência de COVID-19 chegou a 190,0/1 milhão hab. (HOUVÈSSOU, SOUZA e SILVEIRA, 2021, p.6).

Para Houvèssou, Souza e Silveira (2021) dos países citados, o Brasil e os Estados Unidos não optaram pelo *lockdown* total, seguindo com aumento de casos. No que se refere ao Brasil, cada estado implantou suas regras de confinamento de modo autônomo, em consonância com as orientações do Ministério da Saúde. De acordo com os autores, a não implementação do *lockdown* total pode explicar o aumento na incidência da propagação da Covid -19 nos dois países. No Brasil, está a necessidade de se considerar que a ação pública – entendida aqui como aquilo que pode ou não ser feito pelas autoridades dos governos – pode determinar o nível

de alastramento em maior ou menor proporção, sobretudo quando o negacionismo tende a ocupar maior espaço de pensamento do que a ciência.

A evolução das pandemias, ao longo do tempo e da história, demonstra similaridades que foram se repetindo. A concentração humana, a mobilidade, a tendência de concentração urbana, as questões relativas ao meio ambiente e ao comportamento humano persistem como fatores determinantes na defesa contra os diferentes tipos de ameaças. O mundo mudou, significativamente, em resultado da investigação científica e da impressionante acumulação de conhecimento. No entanto, apesar da evolução extraordinária nos diferentes domínios econômicos, sociais, sanitários, ambientais e culturais subsistem vulnerabilidades face à emergência de riscos globais. (FERNANDES, 2021, pp.25-26).

Os autores Bueno, Souto e Matta (2021) afirmam que a partir de janeiro de 2020 pesquisadores da Rede Zika Ciências Sociais iniciaram observações pelo fato de surgir um novo vírus na China:

A experiência da Rede Zika Ciências Sociais e a resposta brasileira ao surto de Zika possibilitou a construção de uma rede internacional de pesquisadores de cinco continentes e uma agenda de pesquisa e ação complexa e diversificada. A peculiaridade do momento atual, diferente da emergência anterior, é que pesquisadores são também expostos e afetados, o que nos coloca em uma posição de observadores internos diante da pandemia. (BUENO, SOUTO e MATTA, 2021, p.27),

Observamos que devido à existência de pouco conhecimento científico inicial sobre essa doença e muitas dúvidas quanto ao seu enfrentamento e a sua prevenção, os pesquisadores brasileiros não mediram esforços para buscar alternativas de combate à pandemia promovendo um estudo com a colaboração de pesquisadores de diversos continentes.

2.2 Pandemia da Covid -19 no Brasil e a Gestão Política Da Saúde Pública

A relação entre pandemia e gestão de políticas públicas pode facilitar a análise crítica social da historicidade particularizada ao contexto brasileiro. Para compreender a situação de saúde pública no Brasil, especialmente na pandemia que vivenciamos, se faz necessário relatar, brevemente, a situação sanitária no nosso país desde o seu descobrimento, para isso, traremos a contribuição de Polignano (2006). O autor faz um breve histórico acerca da saúde no Brasil e destaca que para analisarmos a realidade atual é indispensável conhecer os determinantes históricos envolvidos neste processo, pois a saúde também sofreu as influências de todo o contexto político-social, pelo qual o país passou ao longo do tempo e, sobretudo, por escancarar

o capitalismo periférico que criam condições estruturais de desigualdade social – crise estrutural e conjuntural do sistema vigente no Brasil, neste caso.

A crise da pandemia, associada à COVID-19, pôs em evidência as vulnerabilidades do mundo moderno face aos riscos emergentes. A humanidade foi confrontada com uma situação inesperada de proporções globais e efeitos devastadores, tanto em termos de saúde como em termos econômicos. A importância da saúde pública, como disciplina científica orientada para a proteção e melhoria da saúde das pessoas e das comunidades tornou-se clara. (FERNANDES, 2021, p.26).

No entender de Araùjo e Yannoulas (2020), Fernandes (2021) e Francisco (2022) a crise da Covid -19 pode ilustrar a capacidade dos governos para prover e sustentar políticas públicas ou até escancarar as desigualdades sociais presentes no capitalismo periférico, ofuscando, não poucas vezes, premissas eleitorais e, sobretudo, de saúde pública.

As desigualdades sociais entremeadas nas relações de classe, de gênero e étnico-raciais, que estruturam consubstancialmente as sociedades latino-americanas, ficaram escancaradas pelo contexto de uma pandemia causada pelo novo coronavírus (SARS-CoV-2) e a doença causada por ele (Covid-19). Sem igual na história, a pandemia afetou todos os países, criando a maior política de isolamento social conhecida e reconfigurando as sociedades. De maneira avassaladora, as desigualdades ficaram em evidência no acesso e usufruto de diversos direitos sociais constitucionalmente instituídos no Brasil, em 1988 (BRASIL, 1988): sanitário, econômico, político, cultural, educacional, tecnológico, entre outros. (ARAÙJO e YANNOULAS, 2020 p.755).

Polignano (2006) menciona sobre a definição de sete premissas da história das políticas de saúde no país: a evolução político-social e econômica da sociedade brasileira, que, por sua vez, são indissociáveis; a lógica capitalista do processo evolutivo do Brasil; a saúde que nunca ocupou lugar central dentro da política do estado brasileiro; as ações de saúde propostas pelo governo, que sempre procuram incorporar os problemas de saúde que afetam grupos sociais e tenham relevância para o governo; a conquista de direitos sociais, que nunca ocorreu pelo governo, mas por lutas sociais; em razão de uma ausência de definição no que se refere à falta de clareza e de uma definição com respeito à política de saúde. A história da saúde se confunde com a história da previdência social, no Brasil, em alguns momentos, e a rivalidade entre medicina preventiva e curativa sempre foi permanente nas várias políticas de saúde praticadas por diversos governos.

Como cita Polignano (2006) a partir do descobrimento do Brasil até o período do império, não tinha nenhum modelo de atenção à saúde da população e nem mesmo o interesse dos governantes em criá-lo. Diante disso, os cuidados com a saúde se limitavam a cuidados

com produtos que vinham da terra como plantas e ervas e também dos curandeiros com seus conhecimentos empíricos.

O autor esclarece que com a chegada da família real ao nosso país, criou-se a necessidade de uma organização estrutural sanitária mínima, capaz de dar suporte ao poder que se abrigava na cidade do Rio de Janeiro, e que até 1850 as atribuições à saúde pública eram atribuídas às juntas municipais e ao controle de navios e saúde dos portos.

De acordo com Salles (1971, *apud* Polignano, 2006), a escassez de médicos profissionais no Brasil Colônia e no Brasil Império era grande, citando o Rio de Janeiro que em 1789, só existiam quatro médicos exercendo a profissão. Em outros estados não existiam sequer 1 médico. Convém frisar que devido a essa falta de médicos, houve a disseminação dos boticários, os quais eram farmacêuticos que tinham a incumbência de manipular fórmulas prescritas pelos médicos, porém eles próprios tomavam a iniciativa de indicá-las, fato que perdura até os tempos atuais.

Como aponta Polignano (2006), em 1808, Dom João VI inaugurou na Bahia o Colégio Médico - Cirúrgico no Real Hospital Militar da Cidade de Salvador. Nesse mesmo ano, em novembro, criou-se a Escola de Cirurgia do Rio de Janeiro, integrada ao Real Hospital Militar. Após a Proclamação da República em 1889 nasce um novo modelo de estruturação Jurídica-Política peculiar do estado capitalista. Por meio do coronelismo foram determinadas normas de exercício de poder que representavam os interesses capitalistas predominantemente agrários. A eleição do Presidente da República pelo voto direto, de quatro em quatro anos, ocasionou lutas efetivas pelas quais se incorporaram os conflitos no interior do sistema.

A respeito do quadro sanitário no Brasil, Polignano (2006) alude que o desprovimento deste, no país, deixou as cidades brasileiras vulneráveis às epidemias e relata que, no início daquele século, a cidade do Rio de Janeiro, devido a sua situação insalubre a população era acometida por inúmeras doenças graves, como a varíola, a malária, a febre-amarela, e posteriormente a peste, que acabou por prejudicar tanto a saúde coletiva quanto outros setores como o do comércio exterior, visto que os navios estrangeiros não mais queriam atracar no porto do Rio de Janeiro em função da situação sanitária existente na cidade. Diante de tal circunstância, na época, Rodrigues Alves, então presidente do Brasil, indicou Oswaldo Cruz Diretor do Departamento Federal de Saúde Pública, com o intuito de combater a epidemia de febre-amarela na cidade do Rio de Janeiro. Para atingir essa meta, foi composto um verdadeiro exército de 1.500 pessoas, que passaram a exercer atividades de desinfecção no combate ao mosquito vetor da febre-amarela. Essas pessoas eram conhecidas como “guardas sanitários”, que usavam da força e da autoridade como meios preferenciais de ação.

Conforme Polignano (2006), parte da população apresentava indignação com as medidas de desinfecção desenvolvidas. O descontentamento da população se agravou com a implementação da Lei Federal nº 1261, de 31 de outubro de 1904, por Oswaldo Cruz, a partir da qual era instituída a vacinação anti-varíola obrigatória para todo o território nacional. Em contrapartida, surgiu um movimento popular denominado revolta da vacina.

Para tanto, o autor afirma que ainda que existisse abusos cometidos, as campanhas realizadas atingiram importantes triunfos no controle das doenças epidêmicas, conseguindo extinguir a febre-amarela da cidade do Rio de Janeiro, tornando esse modelo hegemônico como forma de intervenção na área da saúde coletiva durante décadas e ressalta que:

Naquele período, Oswaldo Cruz procurou organizar a diretoria geral de saúde pública criando uma seção demográfica, um laboratório bacteriológico, um serviço de engenharia sanitária e de profilaxia da febre-amarela, a inspetoria de isolamento e desinfecção, e o instituto soroterápico federal foram, posteriormente, transformado no Instituto Oswaldo Cruz. (POLIGNANO, 2006, p. 5).

Polignano (2006) cita que no ano de 1920, Carlos Chagas assume o posto no lugar de Oswaldo Cruz, reorganizando o Departamento Nacional de Saúde e trazendo inovações para o modelo campanhista do primeiro, introduzindo a propaganda e a educação sanitária na técnica rotineira de ação e salienta:

Criaram-se órgãos especializados na luta contra a tuberculose, a lepra e as doenças venéreas. A assistência hospitalar, infantil e a higiene industrial se destacaram como problemas individualizados. Expandiram-se as atividades de saneamento para outros estados, além do Rio de Janeiro e criou-se a Escola de Enfermagem Anna Nery. (POLIGNANO, 2006, p.5).

Observamos que o modelo sanitarista foi desencadeado obedecendo aos interesses capitalistas agroexportadores. As medidas sanitárias eram de extrema importância para os portos, pois neles embarcavam e desembarcavam navios de vários lugares. Pode-se constatar que além da crise servir para estimar a atuação/omissão do Estado nas políticas públicas, pode revelar que as desigualdades sociais estão cada vez mais visíveis no mundo capitalista.

Essa necessidade de o trabalhador ter que vender a sua própria força de trabalho, com a pandemia acabou demonstrando, de um lado a fraqueza do profissionalismo docente e escancarou as desigualdades sociais que se têm no mundo de trabalho, em muitos países, e que nos países do capitalismo periférico, onde as desigualdades sociais são mais que notórias nas relações de classe, o cenário ficou cada vez mais complicado. (FRANCISCO, 2022, pp. 491-492).

Como menciona Polignano (2006):

Somente nos momentos em que determinadas endemias ou epidemias se apresentam como importantes em termos de repercussão econômica ou social dentro do modelo capitalista proposto é que passam a ser alvo de uma maior atenção por parte do governo, transformando-se pelo menos em discurso institucional, até serem novamente destinadas a um plano secundário quando deixam de ter importância. (POLIGNANO, 2006, p.2).

Nosso país, por ser um país epidêmico na época, afastava o interesse comercial de outros continentes devido ao medo das embarcações que aqui atracavam virem infectadas, causando doenças aos trabalhadores das mesmas e prejudicando assim as relações comerciais.

Polignano (2006) aborda a historicidade a respeito do nascimento da previdência social e fala que no início do século a economia brasileira era essencialmente agroexportadora, fixada na monocultura do café. Com a chegada do sistema capitalista no Brasil, o processo de industrialização no país foi desencadeado e, conseqüentemente, intensificou a urbanização a partir da vinda de imigrantes como mão-de-obra qualificada.

Polignano (2006) comenta que com a crise de 1929 o ramo agrário-exportador paralisou, momentaneamente, pois com a crise do café juntamente com ações dos setores agrários e urbanos preconizaram uma nova utilização do poder no nosso país. Em 1930, foi instalada por Getúlio Vargas a revolução que acabou por elegê-lo presidente da república. Nessa época, aconteceu o crescimento do sistema econômico e foram criados os ministérios, sendo os do trabalho, da indústria e comércio e o ministério da educação e saúde, e juntas de arbitragem trabalhista.

O autor ainda ressalta que em 1943 é homologada a Consolidação das Leis Trabalhistas (CLT) sobre a previdência social no Estado Novo, a política do estado teve a intenção de ampliar para todas as categorias do operariado urbano, organizando os benefícios da previdência com os Institutos de Aposentadoria e Pensões (IAP), nos quais os trabalhadores eram organizados por categoria profissional (marítimos, comerciários, bancários) e não por empresa.

Ainda assim, o autor menciona que em 1949 foi instituído o Serviço de Assistência Médica Domiciliar e de Urgência (SAMDU), amparado por todos os institutos e as caixas restantes. A contar com a segunda metade da década de 50, em razão do maior desenvolvimento industrial, aceleração da urbanização e o assalariamento de parcelas crescente da população, acontece uma maior pressão pela assistência médica via institutos, que outorga o desenvolvimento de um complexo médico hospitalar com o propósito de fornecer atendimento

aos previdenciários, em que se privilegiam abertamente a contratação de serviços de terceiros. Polignano (2006) faz menção à saúde pública no período de 1930 a 1960, no qual o setor da saúde pública teve poucos investimentos. A este respeito, Fabiano, Marques e Moura (2021) afirmam que o atual estado da pandemia pode ser comparado ao período militar, sobretudo no campo da saúde e da educação.

O contexto pandêmico fez emergir problemas estruturais do sistema educacional brasileiro, tais como: a desigualdade entre o ensino público e o privado; os impactos que a falta de merenda causa sobre a população mais pobre; a ausência de políticas de democratização da internet; a falta de formação continuada docente para o uso de tecnologias. A pandemia da covid-19 revela um cenário de profundas desigualdades educacionais em um país que, segundo Barros e Matias (2021), não se preparou adequadamente para seu enfrentamento, aprofundando os problemas sociais pré-existentes. Esse contexto revela as mazelas e os desafios em diferentes áreas, sendo a educação uma das mais afetadas. (SANTOS, F.; MARQUES, H. J.; MOURA, M. A. 2021 p.12)

Polignano (2006) faz um marco temporal de acordo com a desintegração das atividades na época, sendo em 1930, a criação do Ministério da Educação e Saúde Pública, em 1934, passando para o Ministério da Agricultura a fiscalização de produtos de origem animal; em 1942 é atribuído ao ministério do trabalho a fiscalização das condições de higiene e segurança do trabalho e em 1941, instituiu-se a reforma Barros Barreto, evidenciando algumas operações:

- instituição de órgãos normativos e supletivos destinados a orientar a assistência sanitária e hospitalar;
 - criação de órgãos executivos de ação direta contra as endemias mais importantes (malária, febre amarela, peste);
 - fortalecimento do Instituto Oswaldo Cruz, como referência nacional; descentralização das atividades normativas e executivas por 8 regiões sanitárias;
 - destaque aos programas de abastecimento de água e construção de esgotos, no âmbito da saúde pública;
 - atenção aos problemas das doenças degenerativas e mentais com a criação de serviços especializados de âmbito nacional (Instituto Nacional do Câncer).
- (POLIGNANO, 2006, p.11-12).

Polignano (2006) ressalta que para o regime militar se manter no poder, houve a necessidade de legitimar-se através de políticas sociais. Esse regime construiu uma tecnocracia, formada por profissionais civis retirados do seio da sociedade, colocados sob a tutela do estado, para repensar sob os dogmas e postulados do novo regime militar. Eram pessoas que acreditavam que realmente estavam fazendo o melhor pelo país, só que dentro dos pressupostos teóricos impostos por tal regime.

O autor descreve que com a intenção de obter apoio e sustentação social, o governo utilizou-se do sistema previdenciário, a fim de garantir para todos os trabalhadores urbanos e

os seus dependentes os benefícios da previdência social, unificando os sistemas de aposentadoria e criando o Instituto Nacional de Previdência Social (INPS), ato efetivado em 2 de janeiro de 1967.

Polignano (2006) menciona que os trabalhadores, a partir do momento que passaram a ter a carteira assinada, começaram a contribuir com esse sistema previdenciário aumentando assim o volume de recursos financeiros capitalizados. Na década de 1970, o país teve um forte crescimento econômico, desencadeando um volume financeiro expressivo de arrecadação governamental.

E salienta que com o grande aumento de contribuintes os quais eram beneficiários também, o governo decidiu ampliar o sistema médico, a fim de que atendesse a todos, direcionando os recursos públicos e a iniciativa privada, com o propósito de obter de setores importantes e influentes dentro da sociedade e da economia.

Desta forma, foram estabelecidos convênios e contratos com a maioria dos médicos e hospitais existentes no país, pagando-se pelos serviços produzidos (pró-labore), o que propiciou a estes grupos se capitalizarem, provocando um efeito cascata com o aumento no consumo de medicamentos e de equipamentos médico-hospitalares, formando um complexo sistema médico-industrial. (POLIGNANO, 2006, p.15).

As ações de saúde pública relacionadas ao regime militar, Polignano (2006) destaca a Promulgação do Decreto Lei 200 (1967), estabelecendo as competências do Ministério da Saúde; a criação da SUCAM (Superintendência de Campanhas da Saúde Pública) em 1970, que executava as atividades de erradicação e controle de endemias, sucedendo o Departamento Nacional de Endemias Rurais (DENERU) e a campanha de erradicação da malária.

O autor destaca que em 1975 foi estabelecido no papel o Sistema Nacional de Saúde, que instituía, de forma sistemática, o campo de ação na área de saúde, dos setores públicos e privados, para o desenvolvimento das atividades de promoção, proteção e recuperação da saúde. De acordo com Polignano (2006), em 1975 o capitalismo entra em crise e também o regime implantado pela ditadura militar, nosso país reduziu o seu crescimento econômico e em decorrência disso os pobres passaram a ficar cada vez mais pobres, passaram a conviver com o desemprego e as suas graves consequências sociais, como aumento da marginalidade, das favelas, da mortalidade infantil e o modelo de saúde previdenciário adotado começam a apresentar vários problemas:

- Por ter priorizado a medicina curativa, o modelo proposto foi incapaz de solucionar os principais problemas de saúde coletiva, como as endemias, as epidemias, e os indicadores de saúde (mortalidade infantil, por exemplo);

- aumentos constantes dos custos da medicina curativa, centrada na atenção médico-hospitalar de complexidade crescente;
- diminuição do crescimento econômico com a respectiva repercussão na arrecadação do sistema previdenciário reduzindo as suas receitas;
- incapacidade do sistema em atender a uma população cada vez maior de marginalizados, que sem carteira assinada e contribuição previdenciária, se viam excluídos do sistema;
- desvios de verba do sistema previdenciário para cobrir despesas de outros setores e para realização de obras por parte do governo federal;
- o não repasse pela união de recursos do tesouro nacional para o sistema previdenciário, visto ser esse tripartite (empregador, empregado e União) (POLIGNANO, 2006, p.17).

Essa incapacidade em prover com sustentabilidade e substância as políticas públicas, naquela época, pode ser mencionada hoje como uma das grandes revanches do atual estado do Estado Brasileiro, nas palavras de Fernandes (2021).

A integração das políticas de promoção da saúde nos modelos de governação e de gestão local contribuirá para a melhoria das condições de vida com um impacto significativo nas zonas urbanas. A moderna saúde pública terá de ser capaz de prevenir e antecipar riscos potenciais e emergentes, preparando os cidadãos e os sistemas de saúde para uma resposta adequada a este tipo de eventos, aprofundando a capacidade de investigação científica e criando condições para que a transmissão inadequada de agentes da doença seja monitorizada e controlada. (FERNANDES, 2021, p.28).

A ideia e o contexto de Polignano (2006) explica que com o modelo de saúde entrando em crise o governo criou em 1981 o Conselho Consultivo de Administração da Saúde Previdenciária (CONASP) ligado ao INAMPS com o objetivo de combater fraudes e a contenção de custos. As Ações Integradas de Saúde (AIS) foram instituídas em 1983, que seria um plano com a junção entre os Ministérios da Saúde, Previdência e Educação, que almejava um modelo mais atual assistencial, o qual envolvia o setor público, com o intuito de agregar ações curativas-preventivas e educativas simultaneamente. Dessa forma a Previdência começa a comprar e pagar serviços prestados por estados, municípios, hospitais filantrópicos, públicos e universitários. O autor aponta que no ano de 1985 com o movimento das Diretas Já e a eleição de Tancredo Neves chegou ao fim o sistema do regime militar, surgindo assim, diversos movimentos sociais inclusive na área da saúde, esses fatos aconteceram todos ao mesmo tempo em que as eleições da Assembleia Nacional Constituinte em 1986 e a promulgação da nova Constituição em 1988 eram criadas.

O modelo médico neoliberal segundo Polignano (2006) se articulou, naquela conjuntura, e ressalta que com o setor público entrando em crise, o setor liberal observando que não poderia mais se sustentar procurou alternativas para sua estruturação, alternativas essas que

adotou um novo modelo de atenção médica, que é voltado para uma parte da população das quais faziam parte: os assalariados e parte da população da classe média.

Assim sendo, para o autor, criava-se um subsistema de Atenção Médico Supletiva formada por 5 modalidades assistenciais: medicina de grupo, cooperativas médicas, auto-gestão, seguro-saúde e plano de administração, estas possuíam diferenças entre si, porém se sustentavam em contribuições mensais dos beneficiários em troca da prestação de determinados serviços de saúde, esse sistema foi muito lucrativo e passou a apresentar um faturamento muito alto. Em compensação, o subsistema público com a incumbência de atender a maior parte da população contava com poucos recursos dos governos federal, estadual e municipal. Em 1990 o Governo editou as Leis 8.080 e 8.142, conhecidas como Leis Orgânicas da Saúde, regulamentando o SUS, criado pela Constituição de 1988.

Polignano (2006) explica que nos de 1991 a 1994, com a eleição do Fernando Collor de Mello é implantada uma política neoliberal privatizante que almeja reduzir gastos públicos, essa redução passou a afetar todas as esferas do governo, inclusive o da saúde. Nesse momento o governo resolve editar as chamadas Normas Operacionais Básicas (NOB), que são instrumentos normativos com o objetivo de regular a transferência de recursos financeiros da união para estados e municípios, o planejamento das ações de saúde, os mecanismos de controle social, dentre outros, sendo a primeira NOB editada em 1991.

Como assinala Polignano (2006) a NOB de 1991 reformulou todo o método de financiamento em seguimento à organização do SUS, instaurando um sistema de pagamento por produção de serviços, que continua, em sua maior parte, ocorrendo até os dias atuais. O autor explana que no ano 1993, outra NOB procurou implantar um sistema que transitava entre NOB 01/91, com as recomendações existentes na Constituição Federal e nas Leis que regulamentaram o SUS. A NOB 01/93 concebeu parâmetros e categorias diferenciadas, gestão para a habilitação dos municípios e também parâmetros diferenciados para os repasses dos recursos financeiros.

Nesse mesmo ano também houve o impeachment do presidente Fernando Collor de Mello, devido à perda de seu mandato, assume a presidência o seu vice, Itamar Franco, no ano posterior o ministro da previdência Antônio Britto, devido ao aumento fornecido aos benefícios dos previdenciários do INSS e justificando que devido a isso houve a insuficiência de recursos para transferir para a área de saúde, a partir desse dia preceituou que os recursos recolhidos da folha salarial dos empregados e empregadores estariam fadado apenas para subsidiar a Previdência Social. Diante do exposto não foi transferido mais repasses financeiros para o setor da saúde, o qual se agravou mais ainda.

Fernando Henrique Cardoso, em 1995, assume o governo brasileiro sustentando o modelo neoliberal, na procura de uma opção econômica como recurso exclusivo para financiar a saúde, o Ministro da Saúde, Adib Jatene, propõe a criação da Contribuição Provisória sobre Movimentação Financeira (CPMF). Como salienta Polignano (2006) esse esforço foi fracassado, pois:

No final de 1996, o ministro da saúde sentiu que os seus esforços para aumentar a captação de recursos para a saúde tinham sido em vão, pois o setor econômico do governo deduziu dos recursos do orçamento da união destinados para a saúde os valores previstos com a arrecadação da.CPMF, e que acabou ocasionando o seu pedido de demissão do cargo naquele mesmo ano. (POLIGNANO, 2006, p.27).

O autor afirma que no ano de 1997, no governo de Fernando Henrique Cardoso, cresceram as privatizações e a busca do chamado estado mínimo. O SUS passa a ter seu financiamento agravado, prejudicando os atendimentos hospitalares, com isso passa a faltar leitos nos hospitais. Muitos hospitais passam a criar seus próprios planos de saúde como, os hospitais filantrópicos, as Santas Casas de Misericórdia, a Santa Casa de Belo Horizonte e os Hospitais Universitários, assim, essas instituições passam a reduzir os números de leitos disponibilizados para o SUS.

Polignano (2006) relata no ano de 1997 que os Hospitais Universitários do Brasil foram forçados a diminuir a quantidade de atendimentos, e induzidos pelo próprio governo à privatização como solução para resolver a crise financeira do setor, que foi motivada devido ao baixo repasse de recursos em troca dos serviços prestados pelos hospitais conveniados ao SUS e a lentidão na liberação desses recursos. O autor também evidencia que o governo concebe a nova NOB-SUS 01/96, que revoga os modelos anteriores de gestão nas NOBs antecedentes a essa. A nova NOB objetiva que os municípios se integrem em dois novos modelos: Gestão Plena de Atenção Básica e Gestão Plena do Sistema Municipal, modelos estes que projetam nos municípios determinadas responsabilidades de gestão. Uma das modificações mais significativas incorporadas pela NOB 96 de acordo com Polignano (2006) foi a maneira de distribuição dos recursos financeiros do governo federal para os municípios, que antes era feita com base na produção de serviços, e passa a ser feito com base num valor fixo per capita (PAB).

O PAB (Piso Assistencial Básico) consiste em um montante de recursos financeiros destinado ao custeio de procedimentos e ações de assistência básica de responsabilidade tipicamente municipal. Esse Piso é definido pela multiplicação de um valor per capita nacional (atualmente) pela população de cada município (fornecida pelo IBGE) e transferido regular e automaticamente ao fundo de saúde ou conta especial dos municípios. Além disto, o município poderá receber incentivos para

o desenvolvimento de determinadas ações de saúde agregando valor ao PAB. As ações de saúde que fornecem incentivo são: Programa de Agentes Comunitários de Saúde (PACS); Programa de Saúde da Família (PSF); Assistência Farmacêutica básica; Programa de Combate às Carências Nutricionais; ações básicas de vigilância sanitária; ações básicas de vigilância epidemiológica e ambiental. (POLIGNANO,2006, p.30).

Polignano (2006) esclarece que Fernando Henrique Cardoso em 1998 foi reeleito para governar mais 4 anos, e diante da crise econômica que afetava o país na época foi realizada uma ação de ajuste fiscal prevendo a diminuição de verbas para o orçamento de 1999, inclusive na área de saúde. Em 1999, o governo regulamentou a lei 9656/98 sobre os planos e seguros de saúde, que fora aprovada pelo congresso nacional em junho daquele ano. Segundo o autor os planos se dariam por meio de cinco modelos que seriam; planos ambulatoriais, plano hospitalar sem obstetrícia, plano hospitalar com obstetrícia, plano odontológico e plano referência, sendo que o plano mais em conta seria o primeiro e conseqüentemente o mais caro e mais completo seria o último.

Outrossim, observamos que o autor descreve que o compromisso da medicina supletiva é puramente financeiro e não com a saúde dos cidadãos. Por fim, relata que no início de 1999, o governo passa por uma crise econômica desencadeada devido ao processo de globalização e passa a procurar o FMI para um novo acordo de empréstimo, e no plano interno com uma nova política recessiva, ditada pelo FMI, o que gera uma diminuição do PIB provocando um número mais alto de desemprego no país. Em março desse ano, o congresso aprovou o aumento da CPMF de 0,20 para 0,38 %, imposto que deveria ser provisório e destinado unicamente para a saúde.

Segundo Barbosa (2009), a partir de dezembro de 1999, nosso país passou por um processo de descentralização onde repassou aos estados e municípios a execução de atividades que eram executadas diretamente pelo Ministério da Saúde. Diante do exposto, o autor salienta que o governo federal continuou com a responsabilidade relacionada à padronização e à normatização técnica; como suprir com insumos estratégicos (vacinas, medicamentos usados nos programas de controle, inseticidas e reagentes para exames laboratoriais); a coordenação de operações que exigem simultaneidade, como os dias nacionais de imunização, entre outras. Conforme o autor, o governo estadual se incube de dar apoio técnico aos municípios, coordenação e execução de atividades mais complexas e os municípios ao obter a execução das ações de vigilância, prevenção e controle de doenças, pode incorporá-las com a estratégia de saúde da família, desenvolvendo atividades permanentes e sustentáveis.

A partir da experiência de mobilizar recursos de acordos-empréstimos com o Banco Mundial para ações de controle, como o Programa de Controle das Doenças

Endêmicas no Nordeste (PCDEN) e o Programa de Controle da Malária na Amazônia (PCMAM), o SUS utilizou essa fonte para apoiar o processo de descentralização e o desenvolvimento da infraestrutura necessária para a realização das ações de vigilância, prevenção e controle Saúde Brasil 2008: 20 anos de Sistema Único de Saúde (SUS) no Brasil, Secretaria de Vigilância em Saúde/MS 307 de doenças nas três esferas de governo, com a implementação do Projeto Vigisus. (BARBOSA, 2009, p.306-307).

E, consoante a Barbosa (2009), o Vigisus apoiou a implantação de diversos programas de treinamento em epidemiologia aplicada e trouxe importantes ações que foram inseridas no plano de saúde pública do Brasil. O autor salienta, como algo de grande importância para responder aos desafios das Doenças transmissíveis, a criação da Secretaria de Vigilância em Saúde (SVS), em 2003, que integrou num só órgão, todas as ações de vigilância epidemiológica das doenças transmissíveis e os programas de controle da AIDS, tuberculose, hanseníase, malária, dengue entre outros. E também menciona que a Secretaria de Vigilância em Saúde teve vinculação direta ao Ministro da Saúde, fortalecendo o papel do gestor federal na coordenação das ações de vigilância, prevenção e controle de doenças transmissíveis e outras situações de saúde que pudessem ser analisadas sobre uma ótica mais sustentável.

Para Barbosa (2009), a integração das ações de vigilância, prevenção e controle das doenças transmissíveis com a estratégia de saúde da família obteve um grande êxito pelo SUS. Como também os agentes comunitários de saúde que desempenharam um papel muito importante no controle de muitas doenças, como no controle da cólera, da dengue, eliminando os criadouros do mosquito *Aedes aegypti* e no programa de controle da malária, essas ações possibilitaram o aumento de laboratórios a fim de prevenir novos surtos de doenças. Barbosa (2009) enfatiza que o SUS utilizou-se das experiências vivenciadas com as epidemias de várias doenças epidemiológicas para fomentar mudanças na forma como se organizava em nosso país a resposta às doenças transmissíveis, diminuindo a morbidade e mortalidade no Brasil e estando cada vez mais preparado para os novos desafios que possam ser colocados à saúde.

Fernandes (2021) e Kropf *et al.* (2021) descrevem que a Covid-19, a qual se estende como uma espécie de experimento biológico e social de largas proporções, é uma situação problemática de impacto radical sobre os que a vivenciam. Os autores destacam que é crucial analisar a atuação da Fiocruz no confronto a pandemia e que a instituição representa o exemplo de uma ciência que se edifica e se certifica em rede, fora dos laboratórios, em articulação com diferentes atores, em contextos sociais e políticos específicos e assinalam:

No decorrer das distintas conjunturas em que tal tradição se construiu e se renovou, este é um projeto que ganhou institucionalidade e credibilidade pública por sua capacidade de articular excelência científica, inovação tecnológica e compromisso com a saúde da população brasileira, compromisso este que, desde a década de 1980, expressa-se na adesão aos princípios de integralidade, universalidade e equidade conformadores do Sistema Único de Saúde (SUS). É com esse horizonte de sentido que a instituição, ao dar respostas à Covid-19, fortalece não apenas seus vínculos com a sociedade, mas a própria credibilidade pública da ciência, num momento em que tal atividade é permanentemente confrontada com discursos e práticas que a negam e buscam fragilizá-la. Tal engajamento vem mobilizando a Fiocruz em suas diversas unidades técnico-científicas e escritórios, localizados em dez estados do país, e em suas diversas frentes de atuação. (KROPF et al, 2021, p.198).

De acordo com Bueno, Souto e Matta (2021) o Ministério da Saúde juntamente com a Secretaria de Vigilância em Saúde, através de entrevistas coletivas, esclarecia as dúvidas da população sobre a situação da propagação do vírus. Para os autores, o carnaval ocorreu no nosso país normalmente, mas foi no dia 26 de fevereiro, na Quarta – Feira de Cinzas que foi detectado no país o primeiro caso: um homem branco, de 61 anos, que havia voltado de viagem da Itália para a cidade de São Paulo. Como assinala Bueno, Souto e Matta (2021, p. 28):

Em 3 de março, o ministro da Saúde, Luiz Henrique Mandetta, tentou buscar um alinhamento com as recomendações da OMS, destacando a importância da quarentena e de medidas de distanciamento social. O portal do ministério era, até então, uma referência para dados epidemiológicos e informações confiáveis, em um momento em que as fakes news se espalhavam nas redes sociais. (BUENO, SOUTO e MATTA, 2021, p.28).

Tratou-se de um contratempo no enfrentamento à pandemia que consistiu no negacionismo que tomou o Brasil, com proporções alarmantes, houve um aparente/velado comportamento de negação ou minimização da gravidade da doença que consistia no boicote às medidas preventivas, na subnotificação dos dados epidemiológicos, na omissão de traçar estratégias nacionais de saúde, no incentivo a tratamentos terapêuticos sem validação científica e na tentativa de desacreditar a vacina, entre outros exemplos. O negacionismo acentua incertezas, influência na adesão da população aos protocolos de prevenção, compromete a resposta do país à pandemia e ameaça a democracia. Bueno, Souto e Matta (2021, p. 29) mencionam que em decorrência de Mandetta aderir ao discurso da OMS acabou por ocorrer conflito com o presidente da república do Brasil à época, que desde a chegada do vírus discursava de tal modo que diminuía a gravidade da doença e afirmava que a economia não poderia parar para conter uma possível epidemia no país. O ministro, por estar em conflito com as lideranças políticas, acabou sendo exonerado no dia 16 de abril, e, a partir desse momento foram feitas várias trocas no Ministério da Saúde até a permanência do ministro Marcelo Queiroga.

O Brasil sofreu um descaso na saúde devido ao governo federal implementar várias manobras políticas, desde fazer trocas recorrentes de ministros da saúde até tentar fragmentar a sua responsabilidade política em relação ao avanço da Covid -19, delegando-a para os governadores e prefeitos. De acordo com o exposto pelo Superior Tribunal Federal (2020), foi decidido em 15 de abril de 2020 que, as ações ajustadas pelo Governo Federal na Medida Provisória (MP) 926/2020 para o combate do novo coronavírus não tira a responsabilidades nem a medida de providências normativas e administrativas pelos estados, pelo Distrito Federal e pelos municípios, incumbindo que os governos estaduais e municipais determinem também regras para o enfrentamento da doença.

Como salientam Bueno, Souto e Matta (2021) a partir de 11 de março as primeiras ações de isolamento começaram a ser tomadas por estados e municípios, e no dia 7 de agosto ocorreu um fato alarmante em nosso país, chegando a registrar 100 mil óbitos por Covid-19, atingindo um percentual de mais de mil mortes diárias. Os autores apontam também que houve um movimento internacional de abertura de leitos de unidade de terapia intensiva (UTI) em hospitais de campanha, como um espaço de atenção intensiva e especializada para atender ao agravamento de casos de Covid-19 e evitar o colapso dos sistemas de saúde, porém em decorrência da demora na montagem dos hospitais muitos acabaram com leitos ociosos.

De acordo com Berkley (2020 *apud* Bueno, Souto e Matta 2021) em abril, a Organização Mundial da Saúde e a Aliança de Vacinas (Gavi) apresentaram a vacina CVAX, que foi uma ação, em nível mundial, com a participação dos governos, fabricantes, cientistas, setor privado, sociedade civil e organizações, entre outros com objetivo de oferecer de forma inovadora e equitativa em que não se levava em consideração o poder econômico do país. Segundo Brasil (2020f *apud* Bueno, Souto e Matta 2021), o Brasil só aderiu a essa iniciativa em 24 de setembro.

Bueno, Souto e Matta (2021) salientam que na data de 27 de junho, a OMS anunciou acordo entre a Fiocruz e a empresa biofarmacêutica AstraZeneca para a compra de lotes e transferência de tecnologia da vacina.Covid-19, desenvolvida em conjunto com a Universidade de Oxford. Como fala Fiocruz, Bio-Manguinhos & Astrazeneca, (2020 *apud* Bueno, Souto e Matta 2021) O acordo foi assinado em 8 de setembro, visando a garantir a produção nacional da vacina por meio do Sistema Único de Saúde (SUS) e atender à demanda do Programa Nacional de Imunização (PNI). Segundo Maciel *et al.* (2022, p.952)

O Brasil possui um dos maiores e mais completos programas de vacinação do mundo como parte integrante do Sistema Único de Saúde (SUS). Desde a sua criação em 1973, o Programa Nacional de Imunizações (PNI) foi determinante para uma diminuição significativa de casos e óbitos por doenças imunopreveníveis.

Os autores reiteram que o uso de vacinas no país remonta ao ano de 1804, com a implantação da vacina contra a varíola e das estratégias utilizadas na Campanha de Erradicação da Varíola foram o ponto de partida para a consolidação do PNI, conseqüentemente, foi imprescindível para a eliminação da poliomielite e da febre-amarela urbana, assim como para a redução de outras doenças infecciosas e o enfrentamento da pandemia de H1N1. De acordo com Maciel *et al.* (2022), devido ao descaso do governo no que tange às políticas públicas de saúde fundamentais e falta de investimento no SUS, no gerenciamento da vacinação contra a COVID-19 o PNI perdeu seu protagonismo.

Para os autores, o governo apresentou muitos problemas com respeito à vacina e ao processo de vacinação, principalmente por criar crises diplomáticas: “[...] o governo federal criou crises diplomáticas com a China e a Índia, os maiores produtores de insumos farmacêuticos ativos do mundo, que repercutiram na capacidade do Brasil de produzir vacinas.” (Asano *et al.*, 2021 *apud* Maciel *et al.*, 2022, p. 953). Situação que acabou comprometendo o Instituto Butantan, responsável pela Corona Vac, e a Fiocruz, pela AstraZeneca.

Maciel *et al.*, (2022) constatam que nosso país passou por um processo de fragilização do Programa Nacional de Imunizações, durante o período da pandemia da Covid -19, já que em 2020 o Brasil poderia ter encomendado 200 milhões de doses da COVAX Facility, que é uma Aliança Mundial de Vacinas formada por 165 países que buscavam garantir suas vacinas, porém não quis se aliar, mas de última hora se integrou ao grupo e encomendou apenas 42,5 milhões de doses, que não era suficiente nem para os grupos prioritários.

Tralli (2020 *apud* Maciel *et al.*, 2022) salientam que em outubro de 2020, o então ministro da Saúde, Eduardo Pazuello, anunciou a compra de 46 milhões de doses da Corona Vac, mas o então presidente da república negou a compra. De acordo com a Agência Fiocruz de Notícias, (2020 *apud* Maciel *et al.*, 2022) somente em dezembro de 2020 o governo federal realizou acordo com a AstraZeneca para a realização de transferência para a Fiocruz. Se o governo priorizasse a aquisição das doses das vacinas logo de início poupar-se-ia e protegeria muitas vidas, como assiná-la Hallal (2021 *apud* Maciel *et al.* 2022), “[...] poderíamos ter iniciado o enfrentamento desta pandemia em 2021 com 316 milhões de doses, suficientes para vacinar 78% da população, e 75% de vidas brasileiras perdidas pela COVID-19 poderiam ter sido salvas.”

Já no que consta no direito à saúde no artigo 196º: Art. 196. “A saúde é direito de todos e dever do Estado, garantido mediante políticas sociais e econômicas, que visem à redução do risco de doença e de outros agravos e ao acesso universal e igualitário às ações e serviços para

sua promoção, proteção e recuperação’’. (BRASIL, 1988). Santos (2021) assinala que algumas restrições aos direitos fundamentais passam a ser toleradas e a economia deve adaptar-se às necessidades da sociedade, que podem ser imprevisíveis, a fim de garantir o direito à saúde. Rego *et al.* (2021) apresentam algumas implicações éticas associadas como fruto da reflexão sobre o enfrentamento da pandemia da Covid -19 tendo como objeto as respostas relacionadas ao setor Saúde e à preocupação com as populações vulnerabilizadas. Para Rego *et al.* (2021) No decorrer do século XX, foi possível constatar a expansão no reconhecimento dos direitos fundamentais da primeira até a quinta geração. De acordo com os autores o fato é que a sociedade não é estática e suas estruturas e relações estão em constantes mudanças:

Tais transformações não podem ser consideradas lineares, como se houvesse um fim ao qual todos almejamos chegar. As transformações podem se dar em todos os sentidos, mas nunca se darão apenas nas relações interpessoais, como se dependessem de ações individuais, e não das amplas relações sociais. (REGO *et al.*, 2021, p.62).

Conforme Rego *et al.*, (2021), dentro de um contexto de pandemia, ter o Brasil como referência é um grande desafio e enfatizam que a luta pela redução das desigualdades dentro das sociedades, além de ser uma questão ideológica é também ética e para se analisar de modo ético os impactos da pandemia no país, é útil entender que tipo de problema demanda tal análise. Rego *et al.*, (2021) assinalam que uma doença não atinge a todos da mesma forma:

Cabe considerar que a forma como a saúde e o bem-estar de um humano são afetados por um agente etiológico de uma enfermidade, como o Sars-CoV-2, não é igual para todos. A Organização Mundial da Saúde reconhece essas diferenças e as associa às condições em que uma pessoa vive e trabalha, bem como a outros fatores sociais, econômicos, culturais e étnicos/raciais, a condições de moradia, alimentação, escolarização, renda etc. (REGO *et al.*, 2021, p. 63).

Pode-se observar, cotidianamente, que uma pessoa menos favorecida financeiramente, não possui um plano de saúde ou apresenta dificuldade para atendimento em um posto de saúde, não se alimenta adequadamente e não possui saneamento básico se depara com um panorama de desigualdade no acesso às condições de acesso aos direitos fundamentais em saúde

Rego *et al.*, (2021, p. 69) propõe que, durante a pandemia a ajuda internacional oferecida pelos países do Norte Global àqueles com menor capacidade de responder às exigências emergenciais, não se resume às ações que auxiliem apenas a contenção da emergência, mas no fortalecimento de nossa capacidade instalada, visto que, a insuficiência de vagas em UTI não é circunstancial. Os autores consideram que a pandemia pode durar um longo prazo e para isso existe a necessidade de serem efetivadas algumas medidas tais como:

Se o legado da pandemia será de longo prazo, as ações devem ser coletivas e capazes de construir estratégias para a proteção das populações hoje, mas também no futuro pós-pandemia. E a transformação do futuro será baseada nas respostas que oferecemos no presente. O trabalho de cuidado, que é especialmente exercido pelas mulheres, evidencia que sem cuidado e solidariedade nenhum de nós sobreviveria. Por isso, aqui entendemos o cuidado como interdependência. Os valores liberais da individualidade e autossuficiência não nos protegem, mas nos desamparam, nos abandonam – especialmente durante crises sanitárias. (REGO *et al.*, 2021, p.70).

Bueno, Souto e Matta (2021) destacam que devido às pessoas terem perdido suas fontes de renda mediante o contexto da situação de pandemia, para que pudessem se manter em quarentena foi criado o auxílio emergencial, como forma de amenizar a situação, que como assinala Brasil (2020c *apud* Bueno, Souto e Matta, 2021) “[...] contemplou mais de 67 milhões de brasileiros, superando o Programa Bolsa Família em número de beneficiados”.

Bueno, Souto e Matta (2021, p.31) descrevem sobre o benefício:

Inicialmente, o benefício era de 600 reais mensais, e o governo, apesar da resistência inicial, anunciou mais quatro parcelas de 300 reais até dezembro, o que levou ao crescimento de sua aprovação. O auxílio atendeu uma reivindicação ao mesmo tempo da classe trabalhadora e dos empresários, que assim mantiveram a economia em movimento; entretanto, não impulsionou ações intersetoriais que reduzissem a desigualdade socioeconômica com impacto positivo entre as populações vulnerabilizadas.

A pandemia trouxe à tona aquela camada da sociedade que já era esquecida, as desigualdades, a população marginalizada e periférica que vivem em situações desumanas e têm seus direitos negados. Santos (2020) considera que a quarentena é sempre seletiva, pois por sermos compostos por vários grupos sociais, não são todos que conseguem vivenciá-la devido às condições de cada grupo. O autor analisa grupos que partilham de uma vulnerabilidade especial que ocorre antes da quarentena e é agravada por ela, grupo este, exposto abaixo pelo autor de Sul.

Na minha concepção, o Sul não designa um espaço geográfico. Designa um espaço-tempo político, social e cultural. É a metáfora do sofrimento humano injusto causado pela exploração capitalista, pela discriminação racial e pela discriminação sexual. (Santos, 2020).

Em relação as suas reflexões, diante do exposto, Santos (2020) assinala suas reflexões acerca das mulheres; os trabalhadores precarizados, informais, ditos autônomos; os “sem-abrigo” ou populações de rua; os trabalhadores da rua; os moradores nas periferias pobres das cidades, favelas, barricadas, caniço, entre outros; os internados em campos para refugiados,

imigrantes indocumentados ou populações deslocadas internamente, as pessoas com deficiência e os idosos.

De acordo com Santos (2020), a indicação por parte da OMS para trabalhar em casa e em auto isolamento não é possível, porque se esses trabalhadores ficarem em casa não conseguirão recursos para seu sustento. Para o autor, os trabalhadores de rua como um grupo específico dos trabalhadores precários, dependem, exclusivamente, da rua e das pessoas que transitam por ela, quando escolhem comprar a mercadoria de um ambulante. O autor questiona se os desabrigados ou as pessoas que vivem em situação de rua não teriam passado a vida toda em quarentena, já que moram debaixo dos viadutos, nas estações de metrô, nos túneis de águas pluviais ou túneis de esgoto em diversos lugares do mundo.

Santos (2020) traz dados emitidos pela Organização das Nações Unidas (ONU) habitat, que realça a realidade enfrentada pelos moradores das periferias pobres das cidades, favelas, barricadas, caniço etc. Conforme os dados apresentados, 1,6 milhão de pessoas habitam em locais inadequados e 25% da população mundial vivem em locais sem infraestrutura, saneamento básico, acessos a serviços públicos e com falta de água e de luz. O autor questiona se diante das situações enfrentadas por essas pessoas, elas conseguirão seguir as regras recomendadas pela OMS.

Sobre os internados em campos de internamento para refugiados, imigrantes indocumentados ou populações deslocadas internamente, Santos (2020) aponta que os perigos que esses grupos enfrentam na propagação do coronavírus são mais fatais do que as enfrentadas pelos grupos das populações das periferias pobres. O autor exemplifica o caso do Sudão do Sul, onde milhões de pessoas precisaram de horas e até dias para chegarem numa unidade de saúde em que a principal causa de morte ocorreram por doenças as quais, já se têm remédios que seria no caso da malária e da diarreia. E nesses campos de internação ainda se encontram as barreiras na Europa e nos EUA, que ainda não se comprometem com o dever humanitário de receber as pessoas sempre que houver a necessidade de prover condições mínimas de abrigar e de dar segurança aos que dela precisam.

No caso dos deficientes, o autor salienta que esses vivem em quarentena permanente diante das limitações que a sociedade lhes impõe. Os idosos também são um grupo vulnerável, pois já vivem em quarentena permanente, Santos (2020) traz o exemplo do Norte global onde os idosos são depositados em casas de repouso, asilos por decisão própria ou de familiares. Para Santos, a quarentena vem reforçar a injustiça, a discriminação, a exclusão social e o sofrimento que inúmeros grupos sociais sofrem devido às desigualdades estruturais que o Brasil tem passado.

2.3 Aspectos metodológicos e perfil dos entrevistados

Esse subtítulo é referente ao estudo qualitativo que traz uma ideia compreensiva dos objetivos da pesquisa e refere-se à análise dos resultados. Os resultados poderão ou não ser comprovados, mas, no mínimo, demonstrarão que houve uma tentativa de apresentar a verdade.

O interesse central dessa pesquisa está em uma interpretação dos significados atribuídos pelos sujeitos as suas ações em uma realidade socialmente construída, através de observação participativa, isto é, o pesquisador fica imerso no fenômeno de interesse. Os dados obtidos por meio dessa participação ativa são de natureza qualitativa e analisados correspondentemente. As hipóteses são geradas durante o processo investigativo (MOREIRA, 2002, p. 06-07).

O referencial teórico para a análise dos dados coletados foi a Teoria Crítica da Sociedade ou Escola de Frankfurt e as análises centralizadas nas seções específicas para a apresentação dos dados, a saber: seções quatro, cinco e seis. Bogdan e Biklen (1994, p.205), definem esta técnica como sendo;

O processo de busca e de organização, sistemática, de transcrições de entrevistas, de notas de campo e de outros materiais que foram sendo acumulados, com o objectivo de aumentar a sua própria compreensão desses mesmos materiais e de permitir apresentar aos outros aquilo que encontrou. A análise envolve o trabalho com os dados, a sua organização, divisão em unidades manipuláveis, síntese, procura de padrões, descoberta de aspectos importantes e do que deve ser apreendido e a decisão sobre o que deve ser transmitido aos outros. (BOGDAN e BIKLEN, 1994, p. 205).

Essa técnica tem sido utilizada com frequência nas Ciências Sociais, pois oferece a possibilidade de tratar, de forma metódica, as informações e os testemunhos que apresentam um certo grau de profundidade quando incide sobre um material rico penetrante e que satisfaz, harmoniosamente, às exigências do rigor metodológico e da profundidade inventiva. Essa discussão se alicerça no debate da realidade concreta que, segundo, Pires (1997, p.83), trata-se de discutir a essência do problema e, que:

Discutir os paradigmas de interpretação da realidade e suas contribuições para o processo educacional — tarefa filosófica para educadores em formação nos cursos de pós-graduação — exige a localização da relação sujeito-objeto como a questão central. A história da filosofia tem demonstrado ser esta preocupação um dos principais problemas da filosofia. (PIRES, 1997, p.83).

Nesta pesquisa, os dados foram agrupados em categorias. A este respeito, Bogdan & Biklen (1994, p.112) afirmam que, “as categorias são rubricas ou classes que reúnem um grupo de elementos sob um título genérico”. Na análise de conteúdo, esses elementos são designados por unidades de registo. O agrupamento foi efetuado em função das características comuns dos elementos em causa. O critério de categorização foi, primeiro, por temas e segundo o seu sentido, com emparelhamento dos sentidos próximos.

As entrevistas foram realizadas a pedido dos docentes na escola, no momento em que eles estavam de hora atividade, que é o momento designado para que possam elaborar seus planejamentos, alimentar o sistema entre outras coisas. Para dar início às entrevistas, esses profissionais foram questionados quanto a sua formação:

Professor A: *Pedagoga.*

Professor B: *Bom dia, quero agradecer por ter sido escolhida, no caso, ter me chamado para responder essa pesquisa. Minha formação, eu sou formada em Pedagogia, fiz especialização em Psicopedagogia, em Alfabetização e Letramento e hoje estou fazendo mestrado.*

Professor C: *Bom dia, sou formada em Letras, habilitada em Português e Inglês.*

Professor D: *Eu sou pedagoga e também, sou pós- graduada em educação inclusiva.*

Professor E: *Pedagogia.*

Professor F: *Eu sou formada em pedagogia e sou professora alfabetizadora.*

Professor G: *Minha formação é pedagogia plena de séries iniciais de 1 a 5.*

Professor H: *Boa tarde. Na minha formação, eu sou pedagogo. Sou aluno aqui da própria Universidade Federal do Campus Pantanal. Especializado em Gestão Democrática, especializado em Gestão Ambiental e mestrando em educação.*

Professor I: *Boa tarde, eu sou pedagoga, pós-graduada em alfabetização e letramento.*

Professor J: *Pedagogia com especialização em alfabetização e letramento, educação inclusiva e também mestrado em educação.*

Professor K: *Especialização em alfabetização e letramento, eu sou professora graduada em pedagogia.*

A partir das falas acima, observamos que apenas o professor C não possui graduação em pedagogia. Desse quantitativo total nem todos os professores possuem especialização lato sensu e apenas o professor J possui especialização stricto sensu no caso, o curso de mestrado.

No que concerne à formação continuada dos docentes é interessante mencionar que a pós-graduação lato sensu é em que a maioria desses profissionais conseguem obter titulação de forma EaD (Educação a Distância) que se dá de forma mais rápida e em menos tempo que a presencial.

Porém durante a formação dos profissionais de forma remota

Bandeira e Oliveira (2012) tiveram como meta principal refletir sobre o conceito de formação cultural a partir dos pensamentos de Kant e Hegel, desde o iluminismo, até desembocar no que, contemporaneamente, veio a ser definido por Theodor W. Adorno como semiformação (Halbbildung) mostrando a relação entre educação e formação como processos

que se entrelaçam no sentido de alcançar uma sociedade mais justa, em que o homem possa escolher seu caminho.

Os autores embasados no pensamento adorniano descrevem o que almejam:

[...] pretendemos marcar pontos de crítica a este sistema educacional que hoje forma indivíduos, tanto no aspecto cognitivo, quanto afetivo, para submeterem-se passivamente ao processo de semiformação que impele ao conformismo e a falsa ideia de felicidade obtida pelos bens de consumo. (BANDEIRA e OLIVEIRA)012, p.226).

Bandeira e Oliveira (2012) procuram reconstituir a trajetória moderna do conceito de formação cultural (*Bildung*), conforme os autores, *Bildung*, palavra de origem alemã, significa, cultura, mas pode ser entendida como análoga à palavra, Kultur, que é de origem latina em que, Kultur se aproxima de relações humanas objetivas e *Bildung* às transformações nas esferas subjetivas, referindo-se a um processo de formação.

Os autores assinalam que o termo *Bildung* tem um caráter bastante dinâmico e define-se essencialmente como prática, empregando-se a expressão Formação Cultural como sua mais adequada tradução. O conceito de formação obteve grande relevância em Kant na resposta à pergunta, o que é esclarecimento? em que Kant argumentou que, através do uso da razão, o homem pode libertar-se da tutela alheia e agir com autonomia, sem a orientação de outrem. Bandeira e Oliveira (2012) apresentam a ideia de forma trazida por Kant:

[...] Kant reforça a ideia de formação, quando questiona: “Vivemos nós numa época esclarecida?”. Sua resposta é negativa, pois para ele ainda faltava muito para que os homens pudessem fazer uso adequado de seu entendimento e agir sem a tutela de outrem. No entanto, percebe-se claros indícios de que os obstáculos ao esclarecimento estavam sendo diminuídos. (BANDEIRA B. S e OLIVEIRA, A. O 2012, p.226).

Observamos a relação entre esclarecimento e formação, em que o primeiro seria uma forma do indivíduo desenvolver sua formação para atingir a maioridade, servindo do seu próprio conhecimento sem a tutela do outro.

Nos textos de Hegel é possível identificar com maior evidência a questão da formação para o desenvolvimento do esclarecimento na sociedade, quando Hegel transfere para o sujeito, pelo seu saber, a condição de fenômeno que Kant uniu ao objeto, fica caracterizado o processo de formação do sujeito. Para Bandeira e Oliveira (2012), com o desenvolvimento do capitalismo monopolista do século XX, uma nova cultura vai se implantando, e os produtos culturais passam a ser valor de troca, sendo incluídos, na lógica mercadológica industrial, com isso, a formação cultural passa a ser entendida como conformação com a realidade.

Bandeira e Oliveira (2012, p.229) atentam para dois aspectos da formação cultural: “O processo de formação cultural deve atender para os dois aspectos: não negar as condições sociais de onde emerge essa produção, assim como não entender a cultura como mera adaptação e conformismo ao status quo.” Conforme os autores, Adorno menciona que esse processo cristaliza-se como espiritualização ou acomodação permitindo a promoção de uma formação regressiva, tendo este conceito emancipado com a burguesia.

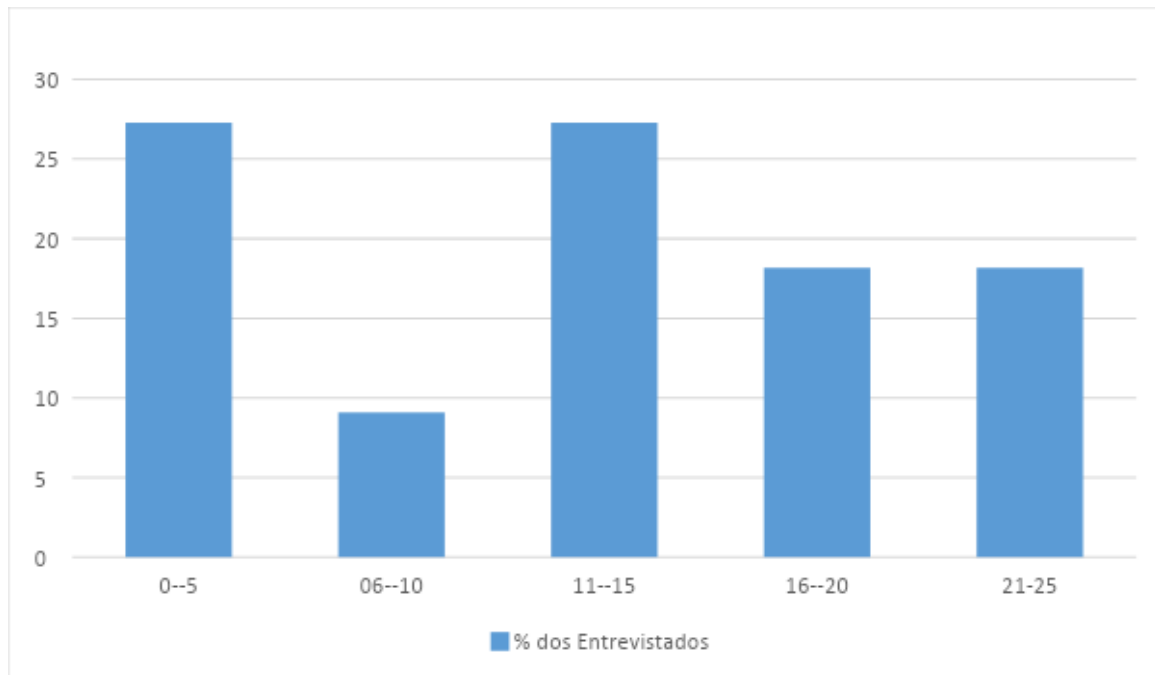
Pucci (1998), apud Bandeira e Oliveira 2012, p.229) faz uma citação acerca do processo de semiformação para manter a exclusão realizado pela burguesia:

[...] quando os trabalhadores, depois de muitas lutas, conseguiram adquirir direitos que lhes possibilitaram uma melhoria das condições de vida e, por conseguinte, um acesso maior à formação cultural, a burguesia manteve sua exclusão deste processo através da semiformação, como uma falsificação de formação. (PUCCI,1998, apud BANDEIRA e OLIVEIRA 2012, p.229).

Essa semiformação se dava quando os trabalhadores consumiam produtos que a indústria cultural disponibilizava para preencherem seu tempo livre, produtos que não propiciavam a criticidade, não permitindo que as pessoas realizassem algo produtivo em seu tempo livre, produzindo acomodação dos sujeitos perante seus dominantes. Conforme aborda Bandeira e Oliveira (2012), partindo de uma perspectiva dialética, a formação cultural encontra-se no desenvolvimento histórico do homem também como possibilidade de transformação das condições de vida do homem.

Os autores abordando a educação como práxis humana, assinalam que os conceitos de formação social e a educação estão intrinsecamente ligadas para a construção do homem no mundo, possibilitando o homem a inserir-se no seu contexto social como sujeito que se serve do seu próprio entendimento sem a tutela do outro. A formação dos professores precisa se pautar por meio do comprometimento com uma educação para além dos conhecimentos técnicos e da adequação às demandas da indústria cultural. É necessário uma formação que constitua em sua grade curricular conteúdos que almejem desenvolver o pensamento crítico permitindo a emancipação. Além disso, a experiência profissional pode ajudar a solucionar os problemas no cotidiano escolar. O perfil dos nossos entrevistados espelha que a classe docente de Corumbá é madura – tem uma experiência considerável quando indagados sobre o seu tempo de experiência como docente.

Gráfico 1: Experiência Profissional dos docentes entrevistados



Fonte: elaborado pela autora

Em relação aos dados em nossa posse, os docentes de Corumbá têm larga experiência profissional, apenas menos de 1/3 não têm mais de cinco anos de carreira profissional. Pressupõe, nos dizeres de Tavares e Pinto (2022), que essa classe estaria suficientemente formada para se adaptar à nova cultura da covid-19 e que a educação serviria de autorreflexão crítica, como fez referência um dos entrevistados. **“Poxa vida, desde 1998, quando estava no primeiro ano de Pedagogia em Cascavel, Paraná, e já comecei com uma turma de pré, 38 alunos que nós tínhamos em sala, pensa uma loucura, muito tempo”.** [Professor B]

Nesse diapasão, educação tem sentido somente como autorreflexão crítica. A teoria crítica aponta que a formação cultural consistiria da experiência de formações entre “a filosofia da vida” entrelaçada a contextos amplos, arte e fatos históricos. Salienta-se que as reflexões dessas relações assim estruturadas não impedirão ou romperão o nexos entre objeto analisado e a reflexão em curso (ADORNO, 2006). A formação cultural há de ser adquirida por esforço e interesse, pela “capacidade de se abrir a elementos do espírito apropriando-as do modo produtivo na consciência, em vez de se ocupar com os mesmos unicamente para aprender conforme prescreve um clichê” (ADORNO, 2006, p. 64). A educação, como processo, deve se construir em termos culturais, sociais e humanos”. (TAVARES, 2022, p.96).

Embora essa experiência formativa dos docentes fosse elevada, o ensino remoto trouxe para essa classe desafios e desaforos ligados aos problemas estruturais da sociedade capitalista.

3. A HISTÓRIA DA PANDEMIA NO MS, AS ESTRATÉGIAS DE ENFRENTAMENTO EM CORUMBÁ-MS E A ESCOLA

A organização desta seção destina-se a entender teoricamente o que dizem ou não dizem os analistas sobre o enfrentamento da Covid -19 em Corumbá, em particular em Mato Grosso do Sul. Portanto, percorremos alguns escritos de Libali, Fuga, Diegues e Carvalho (2020), Santos, Marques e Moura (2021), Matta, Rego, Souto e Sagata (2021), Lima (2022) e Tavares e Pinto (2022) e extraímos de alguns *mass media* locais o entendimento dos profissionais da área de saúde pública; para a análise teórica. Em relação à parte prática ouvimos o posicionamento de representantes do COE no município de Corumbá.

Este tópico analisa a concepção do enfrentamento apoiando-se referencial teórico de autores da Escola de Frankfurt, em especial Theodor Adorno (1903-1969) e Max Horkheimer (1895- 1973) que anunciam que para compreender os contrapontos econômicos e sociais advindos dos mecanismos ideológicos presentes nos discursos negacionistas e no capitalismo extremo é preciso entender o sujeito niilista presente na instrumentalização que ocorreu, por exemplo, no Brasil em relação ao negacionismo propalado pelo então presidente a república e seus seguidores. Entendemos que tal atitude enfraqueceu o enfrentamento, já que as políticas desenhadas tendiam ao não fazer. Compreende-se que a admissibilidade da instrumentalização das pessoas ajudou a formar um novo sujeito e, coletivamente, uma formação humana cujos reflexos podem ser observados em sujeitos coletivos. Outrossim, houve do outro lado, um grupo de cientistas, remando contra a maré, informando à sociedade aquilo que devia ser seguido. Concordamos com Tavares e Pinto (2022), o comportamento niilista pode ser espalhado pela minoria – os negacionistas, mas também a atuação dos sujeitos à frente de órgãos públicos podia ajudar a combater as fake News.

Os autores da Teoria Crítica da Escola de Frankfurt, em especial Adorno e Horkheimer (1985), refletiram sobre a formação humana quanto à constituição da autonomia, advertindo que a menoridade impõe ao indivíduo a submissão às ordenações do mundo administrado. A menoridade impede a compreensão do outro, seja como semelhante, seja quanto a seu contexto social. Nesse percurso, se este outro for diferente e desigual é considerado menor e heterônimo, gerando, por esse entendimento, a intolerância, a violência e a agressividade, que podem levar à barbárie. (TAVARES e PINTO, 2022, p.92).

Assim, sobre a Covid-19 em Corumbá, pode-se procurar entender como o discurso negacionista era combatido. Um desses combates pode ser extraído nos *mass media* de Corumbá.

Por exemplo, Mesquita (2021) traz uma entrevista publicada na Revista Corumbella que se refere à questão dos trabalhos realizados pelos cientistas de Mato Grosso do sul, na qual cita o relato do infectologista Júlio Croda, que é professor associado da Universidade Federal de

Mato Grosso do Sul, pesquisador pela Fundação Oswaldo Cruz e também tem experiência na área de vigilância das doenças transmissíveis, como tuberculose, arboviroses e, agora, a Covid-19. Nessa publicação o Croda vem trazendo as suas explicações em torno da questão de como os cientistas de Mato Grosso do Sul desenvolveram pesquisas para diminuir os impactos da pandemia e a importância de combater as *fake News*. Nesse sentido, era preciso ter coragem, nas palavras de Fernandes (2021), para enfrentar o vírus das fake News, a partir da advocacia à ciência.

O caminho assinalado pelos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) requer políticas de proximidade, o aumento da literacia em saúde pelos cidadãos, bem como ações promotoras de uma maior participação cívica e da adoção de comportamentos favoráveis à saúde. A integração das políticas de promoção da saúde nos modelos de governação e de gestão local contribuirá para a melhoria das condições de vida com um impacto significativo nas zonas urbanas. (FERNANDES, 2021, pp.27-28).

Segundo o que consta na publicação da entrevista com o médico, a sociedade passou a ter mais interesse em relação à ciência, principalmente, no que está relacionado a Covid-19. Porém, a ciência foi desacolhida pelos governantes, especialmente em nível federal, passando a contar com as redes sociais para esclarecer a população sem ter em conta o governo. No que diz respeito à ação da comunidade científica de Mato Grosso do Sul, foram realizados vários projetos com grupos de pesquisas com a ajuda das universidades públicas e privadas que responderam de forma satisfatória.

A UCDB (Universidade Católica Dom Bosco) emprestou equipamentos ao Lacen (Laboratório Central de Mato Grosso do Sul), a própria UFGD (Universidade Federal da Grande Dourados) auxiliou no drive-thru de Dourados, a UFMS (Universidade Federal de Mato Grosso do Sul) no drive-thru de Campo Grande e a Fiocruz junto com a Embrapa no Drive-thru de Corumbá. Então, além de ciência, houve uma prestação de serviço, uma assistência que foi fundamental para o Estado responder à pandemia e a gente ter uma das menores letalidades do País, que é 1.8. (Mesquita,2021).

Croda assinalou na entrevista que a letalidade está nos casos da doença, principalmente, dos mais leves e ressalta que as instituições públicas de pesquisas não só fizeram testes como atenderam a população, algo que foi de grande valia para o Estado de Mato Grosso do Sul. O primeiro caso de coronavírus, no Estado, foi diagnosticado no dia 14 de março de 2020 com a finalidade de tornar esse acontecimento mais fácil de ser assimilado, Mesquita (2021) apresentou por meio de gráficos mostrando o avanço do vírus, no Mato Grosso do Sul, e como ele atingiu a população ao longo de 2020 e 2021. De acordo com a autora, dentro desse período os dois primeiros casos ocorreram na data de 14 de março de 2020, sendo no dia 31 de março

o primeiro óbito pela doença, já na data de 14 de abril de 2020 o estado apresentou um crescimento de casos que foi para 115.

O primeiro dia de vacinação ocorreu em 18 de janeiro de 2021, no dia 07 de maio de 2021, o estado estava com 254.715 infectados e até o dia 06 de maio com 5.937 óbitos. Em concordância com dados da (UEMS 2021), no mesmo momento, em que as pessoas autodeclaradas brancas tinham os maiores índices de contaminação pela Covid-19, as autodeclaradas pardas eram a maioria em número de óbitos.

Diehl, Scopel e Dias-Scopel (2021) revelam a participação e os obstáculos enfrentados pelos indígenas, do Estado de Mato Grosso do Sul, durante a pandemia da Covid -19. Com enfoque metodológico etnográfico, os autores constataram a participação e os obstáculos enfrentados pelos povos indígenas Atikum, Guató, Guarani Ñandeva, Guarani Kaiowá, Ofaié, Terena Kadiwéu e Kinikinau durante a pandemia de Covid-19. Segundo os autores, a pandemia externou as fragilidades vivenciadas pelos povos indígenas do estado, mas também foi um momento importante, política e socialmente, na luta pela superação das ineficiências da gestão da saúde indígena.

A Política Nacional de Atenção à Saúde dos Povos Indígenas (PNASPI), que integra a Política Nacional de Saúde (PNS), traz à luz um conjunto de diretrizes norteadoras das ações em saúde, sendo pressuposto fundamental a implementação do controle social, garantindo a efetiva participação indígena nas ações de planejamento, execução, avaliação e fiscalização das ações de saúde, instituídas através de instâncias formais. O controle social é justificado pelas peculiaridades sociais, culturais, geográficas e epidemiológicas dos povos indígenas, garantindo que o Estado promova ações em saúde correspondentes às necessidades indígenas.

A relação de como é feita “a regulação dos assuntos humanos” (FREUD, 2011) deve ser conscientizada pelo indivíduo, pois são supostos iguais que, mesmo diferentes, devem conviver para evitar as consequências da barbárie e do adoecimento. Isso porque os eventos nefastos podem expressar a tendência social imperativa presente no mundo administrado: a frieza, a indiferença e, com elas, a possibilidade da existência de genocídios, sendo que o abandono é, aqui, considerado genocídio em tempos de pandemia de Covid-19. Essa análise alude às discussões sobre as técnicas totalitárias da tomada e conservação do poder ao longo do processo histórico. Destarte, as manifestações da barbárie são fenômenos repetidos na busca ou recondução da dominação. Para Adorno (1995b), inexistente um sujeito revolucionário coletivo centrado na organização de trabalhadores e que possibilitaria a transformação da sociedade mediante uma práxis teoricamente orientada. Esta é a virada da Teoria Crítica adorniana: nela, a teoria é a última manifestação da práxis que é realizada pelo indivíduo. E, para que a barbárie não se repita, Adorno (1995a) reporta-se à luta pela não repetição de Auschwitz, destacando ser preciso considerar o contributo da Educação e da Sociologia Política. (TAVARES e PINTO, 2022, p.93).

Apesar de compreender a segunda maior população indígena do país, o Estado de Mato Grosso do Sul ainda carece de políticas efetivas que garantam a qualidade de vida para essa população. Segundo os autores supracitados, muitas aldeias são caracterizadas pela precariedade nas condições territoriais e sanitárias, que evidenciam o longo processo de exclusão social, marcado pela violência.

No dia 13 de maio de 2020 foi constatado o primeiro caso de Covid-19 entre os indígenas de Mato Grosso do Sul e um dia depois, outros dois casos foram confirmados. Esses primeiros registros da doença foram identificados em índios Guarani-Kaiowá que trabalhavam no mesmo local e moravam na mesma aldeia situada na Reserva Indígena de Dourados. Inicialmente, a recomendação oficial era o isolamento social, todavia, com o aumento dos casos, a falta de testes e/ou equipe capacitada para realizá-los, a Secretaria de Estado de Saúde (SES-MS) delineou a estratégia de atendimento aos povos indígenas que, posteriormente, atuou coordenadamente com esforços do Distrito Sanitário Especial Indígena de Mato Grosso do Sul (DSEI-MS).

O aumento dos casos externou a complexidade de incorporação das medidas sanitárias de contenção do avanço da Covid -19 no contexto indígena, pois as condições de moradia das aldeias não permitiam o isolamento social de doentes. Ademais, a falta de água potável nas aldeias, para suprimento básico, impedia ações básicas importantes como a higienização das mãos, tão difundida como método preventivo durante toda a pandemia. Apesar disso, houve mobilizações das lideranças indígenas em busca de espaços alternativos para o isolamento social dos acometidos pela doença e seus familiares em conjunto com entidades indigenistas e prefeituras locais. De modo geral, as ações de enfrentamento da Covid -19 revelaram o despreparo e a lentidão da Secretaria Especial de Saúde Indígena (SESAI), inclusive negligenciando sugestões das lideranças, professores e agentes indígenas que apontaram a incompatibilidade de aplicação dos protocolos publicados à realidade vivida nas aldeias, a ausência de equipamentos de proteção individual e a falta de profissionais de saúde.

Segundo Brasil (2020), o ministro da saúde Luiz Henrique Mandetta, determinou Emergência em Saúde Pública de Importância Nacional (ESPIN) em consequência a Infecção Humana pelo novo Coronavírus (2019-nCoV), através da portaria nº 188, de 3 de fevereiro de 2020. Dentro das atribuições desse decreto, o governo federal ativou o COE (Centro de Operações de Emergência) e instituiu que:

Art. 2º Estabelecer o Centro de Operações de Emergências em Saúde Pública (COE-nCoV) como mecanismo nacional da gestão coordenada da resposta à emergência no âmbito nacional.

Parágrafo único. A gestão do COE estará sob responsabilidade da Secretaria de Vigilância em Saúde (SVS/MS).

Art. 3º Compete ao COE-nCoV:

I- planejar, organizar, coordenar e controlar as medidas a serem empregadas durante a ESPIN, nos termos das diretrizes fixadas pelo Ministro de Estado da Saúde;

II- articular-se com os gestores estaduais, distrital e municipais do SUS;

III- encaminhar ao Ministro de Estado da Saúde relatórios técnicos sobre a ESPIN e as ações administrativas em curso;

IV - divulgar à população informações relativas à ESPIN; e

V - propor, de forma justificada, ao Ministro de Estado da Saúde:

a) o acionamento de equipes de saúde incluindo a contratação temporária de profissionais, nos termos do disposto no inciso II do caput do art. 2º da Lei nº 8.745, de 9 de dezembro de 1993;

b) a aquisição de bens e a contratação de serviços necessários para a atuação na ESPIN;

c) a requisição de bens e serviços, tanto de pessoas naturais como de jurídicas, nos termos do inciso XIII do caput do art. 15 da Lei nº 8.080, de 19 de setembro de 1990; e

d) o encerramento da ESPIN. (Brasil, 2020).

Conforme a Secretaria de Estado de Saúde de Mato Grosso do Sul (2020) foi apresentado o plano de contingência para resposta às emergências em saúde pública causada pelo sars-cov-2 coronavírus - Covid-19, em caso de surto da doença foi definido o nível de resposta e a estrutura de comando correspondente a ser configurada, em cada nível de resposta. Esse foi composto por três níveis de resposta: Alerta, Perigo Iminente e Emergência em Saúde Pública. Cada nível é baseado na avaliação do risco do Coronavírus (COVID-19) afetar o Estado de Mato Grosso do Sul, bem como, seu impacto para a saúde pública.

Nessa senda, Lima (2022) pesquisando o Mato Grosso do Sul, concorda que essa ausência veio “apenas” demonstrar o nível de agudização da exclusão social.

A falta de capacitação para atender a esse público é uma vertente que a pandemia trouxe de seu sombrio mar para a superfície. O tocante dessa mudança, talvez, esteja no entendimento de que a educação não está baseada, apenas, no ler e escrever, mas na formação de sujeitos com subjetividades próprias e completamente singulares. Dessa forma, apesar de determinadas mudanças morais, concluímos que as atividades remotas propostas pela Prefeitura de Corumbá em parceria com a SEMED no universo desta pesquisa, reproduzem uma desigualdade de acesso à informação educacional quando se trata de ofertar as mesmas condições de acesso e o mesmo padrão de qualidade para sujeitos surdos, reafirmando estereótipos negativos nas percepções dos próprios alunos que utilizam um sistema linguístico diferente da maioria. (LIMA, 2022, p.27).

O trecho acima pode ajudar a sustentar a questão estrutural do capitalismo desajustado que pesou mais na gestão municipal do Ensino do que o negacionismo do presidente, em quase todo o Estado do Mato Grosso do Sul.

Em Aquidauana, cidade situada a norte do estado, o primeiro caso foi registrado no dia 9 de julho, seguido de um aumento exponencial no número de casos. Os indígenas Taunay-

Ipegue conferiram a chegada da pandemia a um evento político nessa mesma data. Em menos de um mês do evento, havia 56 casos confirmados e quatro mortes, mobilizando as organizações indígenas Aty Guasu Kaiowá e Guarani, Articulação dos Povos Indígenas do Brasil (Apib), Conselho do Povo Terena e Cimi, entre outras, a fazerem uma nota de repúdio. Essa nota solicitava a abertura de um inquérito pelo Ministério Público Federal contra os organizadores do evento, a contratação de equipes de saúde e a estruturação de um espaço para atendimento. As duas últimas solicitações se fundamentavam no fato de que havia apenas um médico para atender aproximadamente 7 mil indígenas no Distrito Sanitário Especial Indígena de Aquidauana.

No dia 24 de agosto, iniciou-se a intervenção dos Médicos Sem Fronteiras (MSF), vista como uma conquista pelas lideranças indígenas envolvidas que com o apoio da Articulação dos Povos Indígenas do Brasil (APIB) e da Associação Brasileira de Saúde Coletiva (ABRASCO) conseguiram reverter a decisão inicial da Secretaria Especial de Saúde Indígena (SESAI), que havia negado o pedido de intervenção proposto pelo Conselho do Povo Terena e defensorias Públicas da União e do Estado de Mato Grosso do Sul. Os autores citam ainda outras formas de mobilização das lideranças indígenas locais, como a implantação e manutenção de barreiras sanitárias, restringindo o acesso e a circulação de pessoas estranhas nas aldeias; e a articulação com agentes sociais, recorrendo a insumos e equipamentos necessários para garantir o isolamento.

De modo geral, o contexto pandêmico se caracterizou como um obstáculo ao controle social, uma vez que impossibilitou e/ou reduziu as oportunidades de discussão das questões indígenas conduzidas pelo Conselho Distrital de Saúde Indígena do Estado de Mato Grosso do Sul. Apesar disso, durante esse período, as lideranças indígenas reforçaram laços sociais de solidariedade e fomentaram articulações com atores sociais, com vistas a superar o cenário de sucateamento da infraestrutura, da insuficiência de recursos humanos capacitados e da morosidade no desenvolvimento de estratégias adequadas ao enfrentamento da Covid -19 no contexto indígena.

Teruel (2021) também traz na publicação da revista *Corumbella*, considerações a respeito dos indígenas e dos idosos e relata que, em relação à vacinação na população indígena 2020/2021, esta já apresenta seus primeiros resultados. Cita que em janeiro de 2021 foram notificados 455 casos positivos de Covid-19 em pessoas autodeclaradas indígenas, em abril foram confirmados apenas 45 casos. Com a vacinação surtindo efeito, os idosos de 80 anos ou mais apresentaram uma queda de aproximadamente 61% no número de óbitos, comparando os períodos de março e abril de 2021.

Contudo o autor ressalta que devido à vulnerabilidade dos indígenas, eles foram inseridos como um dos grupos prioritários da vacina contra a Covid-19. Para Mato Grosso do Sul foram destinadas 97 mil doses da vacina na primeira remessa enviada no dia 18 de janeiro de 2021, sendo que a previsão era imunizar 46.180 pessoas que residem em aldeias do Estado.

A teoria do conhecimento explicou a história como encadeamento de fenômenos que tendem a sacrificar a felicidade individual às gerações futuras. Adorno e Horkheimer (1985) afirmaram tratar-se de endeusar a história: a ideia de progresso e de história universal constituem a ilusão de que existe uma humanidade idêntica a si, unida, harmônica, assim como há o denominado progresso e as vítimas desse progresso. Pensar a humanidade, o conhecimento e sua constituição histórica implica considerar que a dominação e a racionalidade instrumental nos levam a *Halbbildung*. (TAVARES e PINTO, 2022, p.94).

Observamos que a pandemia trouxe à tona as diferenças estruturais que alicerçam as desigualdades e que as fortalecem devido ao sistema capitalista, o qual nossa sociedade vivencia. Dentre as classes sociais, as mais afetadas são as mais vulneráveis, diante disso, expusemos acima as dificuldades relacionadas, dentro de contexto de pandemia, pela população indígena no nosso estado de Mato Grosso do Sul.

Uma vez estando implantado o estado de calamidade pela pandemia em várias cidades do estado, uma das preocupações é como cada município se posicionou, sobretudo no campo da educação para o enfrentamento da pandemia. Infelizmente, as pesquisas realizadas em Corumbá revelaram que grande parte dos mecanismos estatais usados eram mais paliativas o que afetou os mais desvalorizados – os excluídos de dentro, uma vez que Corumbá se revela uma cidade desigual e muito heterogênea até com participação de alunos vindos da vizinha Bolívia, como explicitam Santos, Marques e Moura (2021).

O contexto pandêmico fez emergir problemas estruturais do sistema educacional brasileiro, tais como: a desigualdade entre o ensino público e o privado; os impactos que a falta de merenda causa sobre a população mais pobre; a ausência de políticas de democratização da internet; a falta de formação continuada docente para o uso de tecnologias. A pandemia da Covid-19 revela um cenário de profundas desigualdades educacionais em um país que, segundo Barros e Matias (2021), não se preparou adequadamente para seu enfrentamento, aprofundando os problemas sociais preexistentes. (SANTOS, MARQUES e MOURA, 2021, p.4).

O trecho acima, embora revele um resultado de estudo efetuado em Mato Grosso do Sul, no município de Corumbá, pesquisas do mesmo teor indicam o mesmo caminho – os problemas estruturais do capitalismo dificultaram o enfrentamento da pandemia e a educação foi um dos setores que mais sofreu e visualizou as desigualdades sociais, como cita a pesquisa de Jonas António Francisco (2022), sobre Moçambique, por exemplo:

Em relação aos parâmetros de enfrentamento pode-se constatar que Moçambique, tanto como outros países de capitalismo periférico, tem passado por grandes dificuldades locais para materializar, no geral, as recomendações da Agenda Globalmente Estruturada da Educação em tempo de pandemia, já que as condições materiais não são satisfatórias. (FRANCISCO, 2022, pp. 504-505).

Para entender melhor o caso de Corumbá, tivemos de conversar com algumas figuras públicas que também foram pelo mesmo caminho – o desmonte das políticas públicas dificultou o enfrentamento da Covid-19 em Corumbá ao indagar à entrevistada sobre sua formação ela afirmou: “Sim. Eu sou pedagoga, sou Mestre em Saúde Pública e sou Doutora em Saúde Pública. (Entrevista em 26 de junho às 19h37min).” Ao perguntar sobre a importância da ativação do COE para a saúde pública no nosso país:

Olha, é... COE é o ... é abreviação de comitê operativo de emergência, tá? O COE para a Covid-19, né? Que é o caso da sua pesquisa, foi criada uma estratégia é... de ... articulação entre instituições e entre áreas da própria saúde pública para tomar decisões, fazer é... apontamentos de necessidades é... Orientar serviços, né? Orientar a comunidade, uma comitiva que contribui, né? para o enfrentamento de determinadas situações, no caso, nesses dois últimos anos, a emergência para o coronavírus e aí a gente teve a possibilidade de instalar um comitê operativo de emergência, um. COE no município de Corumbá sob a coordenação da secretaria municipal de saúde. (Entrevista em 26 de junho às 19h37min).

Foi indagado também como o COE pode contribuir para ações relacionadas a saúde em nosso município:

Olha, a.COE, ela ... ela... é uma comissão que operacionaliza, né? Então, a gente discute com todos os profissionais de saúde do município, as estratégias de internação, as de ocupação dos leitos, as de atendimento,né? As pessoas que se contaminam por Covid e devem ficar em casa no período de reclusão, como é que vai ser a orientação, como é que vão ser os cuidados, é... todo o trabalho, né? O que é feito a partir dos protocolos de saúde né? Dentro do hospital e dentro dos serviços de saúde dos outros serviços de saúde é... sempre com o suporte técnico da ... do comitê operativo do COE, né? Para as questões específicas, tá? Como é a emergência da Covid no município de Corumbá, então a função da COE, não é uma função de resolver as coisas, ela tem a função de dar suporte técnico, se houver necessidade, pois os protocolos de saúde já existem as ações já existem o que acontece é juntar as expertises, né? Que a gente chama, os conhecimentos técnicos de vários profissionais para contribuir nas respostas práticas que precisam ser dadas para a população, essa é a forma como a.COE contribui para os municípios. (Entrevista em 26 de junho às 19h37min).

Em relação às circunstâncias que a entrevistada acredita que o COE deva ser desativada foi mencionado:

Olha, a COE ela é uma comissão de emergência, né? Então a partir do momento que não há mais a emergência para qual ela foi instituída, ela pode ser é ... desfeita, ela pode ser extinta, no entanto, no quesito, né? Covid-19, as secretarias municipais e secretarias estaduais de saúde mantiveram os COEs, né? Eles continuam em funcionamento, sob alerta, porque a gente ainda não saiu da pandemia, houve uma

redução do número de pessoas mortas, dos óbitos, mas a gente continua, é... com o alerta por conta das novas contaminações, né? Com a alta da contaminação muito elevada e que continua subindo no Brasil, há a necessidade de que os COEs permaneçam em alerta, atentos, por conta de possíveis problemas nas redes de saúde. (Entrevista em 26 de junho às 19h37min)

Em relação ao papel das instituições de ensino superior dentro da COE foi descrito:

Ah, ótimo, excelente pergunta! Bom, as instituições de ensino superior auxiliam, né? Nos trabalhos dos COEs com as pesquisas, né? E as análises de dados, é ... a partir do ... do que a gente tem de conhecimento tem de conhecimento nesta área, tá? A grande maioria das vezes fazem parte dos COEs, profissionais das instituições de ensino superior que têm formação de graduação ou de pós-graduação nas áreas de saúde pública, então assim a gente pode contribuir no trabalho dos COEs, no caso da UFMS- Campus do Pantanal, a gente entra com a minha contribuição, por conta da minha formação em saúde pública, a gente entra com o pessoal da graduação da pós-graduação em geografia para nos ajudar com o geoprocessamento dos dados de Covid por satélite, e aí a gente consegue saber em que bairros, né? Em que localização na região do pantanal profundo nas zonas rurais, entendeu? A gente consegue saber onde estão localizados os focos de maior registros de Covid, qual é a emergência, né? (Entrevista em 26 de junho às 19h37min)

Sobre o trabalho dos participantes dentro da COE ser acolhido pelo governante municipal foi respondido:

Olha, é... nós, é ... fomos muito bem acolhidos desde do primeiro dia tá? Foi o primeiro dia que teve um caso em Corumbá e que se instituiu a COE, né? Nós fomos convidados imediatamente a fazer parte do grupo, né? Nós sempre tivemos uma boa relação com a secretaria de saúde em outras áreas, é ... por conta do trabalho, né? Com saúde pública e aí a nossa interface com o grupo de vigilância de vetores, né? Quem trabalha com as epidemias, foi imediato nós fomos convidados, assim foi muito interessante, porque a gente começou a contribuir desde o primeiro dia. Com menos de uma semana, nós já estávamos fazendo os primeiros mapas de localização, entendeu? Então a gente foi o auxílio imediato e boa recepção pela gestão municipal. (Entrevista em 26 de junho às 19h37min).

Acerca da concepção das iniciativas tomadas pelo nosso governante federal sobre a saúde pública foi respondido que:

Olha é ... eu analiso a intervenção federal, né? No suporte, no apoio às estruturas estaduais e municipais como falho em alguns momentos, né? Houve a demanda, houve a gestão, mas todas as providências foram tomadas com demora, né? Com a pressão dos próprios gestores estaduais e dos gestores municipais para que o governo federal tomasse atitudes proativas, então, eu acredito que houve demora é ... na operacionalização de ações de gestão por parte do governo federal ao longo do período crítico da Covid -19 no Brasil. (Entrevista em 26 de junho às 19h37min).

Ao questionar se acredita que diante da volta às aulas, os casos de contaminação por Covid-19 aumentaram, foi apontado que:

Olha, a percepção que a gente tem é que, não foram... não foi o início das aulas que aumentou a Covid 19, né? Que fez reacender os casos de Covid 19 no Brasil, e aqui em Corumbá, né? Houve sim, né? Um número de pessoas que se contaminaram na volta às aulas, mas não, não foi a volta às aulas que fez isso, é o volume de pessoas circulando na cidade sem máscaras, né? Que aumentam a contaminação entre pessoas na cidade. (Entrevista em 26 de junho às 19h37min).

A entrevistada assinala a sua visão acerca da volta às aulas presenciais no município de Corumbá como:

Olha, eu é ... observo o retorno às aulas presenciais no município de Corumbá como uma iniciativa que se junta à iniciativa nacional, né? É... dois anos e alguns meses né? Sem a presença das crianças, na escola, foram causados muitos problemas de ensino e aprendizagem, em especial de aprendizagem para as crianças, né? No entanto, o nosso olhar para a questão de saúde pública faz com que ... eu pense que se fosse possível, nós esperaríamos um pouco mais até a gente conseguir estabilizar mesmo, né? O volume de contaminações, talvez fosse interessante para as famílias. (Entrevista em 26 de junho às 19h37min).

Quando questionada se a COE possui algum dado relacionado à saúde dos discentes e docentes das escolas públicas no município foi respondido que:

Não, não tem um trabalho específico assim não, tá? É... cada secretaria sabe o número desses profissionais que foi contaminado, mas COE não faz esse monitoramento, nosso trabalho é o suporte técnico para os serviços de saúde e orientação para os serviços em geral, mas a gente não tem essa informação, assim de forma precisa, não temos (Entrevista em 26 de junho às 19h37min).

No *link* <http://sisms.corumba.ms.gov.br/boletim/> é possível acessar os boletins epidemiológicos com a evolução de casos de Covid- 19, desde a data de 21 de março de 2020 com casos de suspeitos, confirmados e descartados na cidade de Corumbá. Observamos o decreto que assinala as atribuições do Centro de Operações de Emergência e também a partir da entrevista com uma das representantes da.COE, que todos os que fazem parte desse comitê são pessoas que tem seu trabalho ou formação ligados à área da saúde, porém é importante salientar que a COE restringe os seus participantes.

Seria interessante que dentro da COE existisse a representação de membros de vários grupos que acabam relacionando-se com a sociedade, representantes do comércio, policiais, professores entre outros, porque essas pessoas interagem com outras, no seu dia a dia, e poderiam ajudar na questão da conscientização da sociedade, já que foi notado que informações acerca da doença foram obtidas pelas pessoas através das divulgações midiáticas, porém não houve a conscientização das mesmas.

Gostaríamos de salientar, que não há dentro desse comitê do município um representante que seja professor da educação básica, já que esses profissionais também trabalharam na linha de frente contra a doença. Muitos profissionais, ao lidar com a evasão de muitos alunos, adotaram a estratégia de ir aos lares deles para tentar fazer com que esses continuassem a estudar, mesmo de forma remota, e mantivessem contato com a comunidade escolar, seja através de atendimento remoto ou presencial.

Quanto às medidas enfrentadas pelo estado de Mato Grosso do Sul e o município de Corumbá destacamos as relacionadas à educação, porque a escola como espaço de socialização e ambiente com pluralidade de pessoas como crianças, jovens e adolescentes, adultos e até mesmo alguns profissionais da educação, já idosos, acaba sendo um espaço que favorece a propagação da doença.

Conforme é explanado por Arruda (2020), diante da disseminação do vírus, a escola passa a ser um dos espaços mais temidos pelo risco da transmissão que representa, devido a diversidade de pessoas geram interação entre aqueles que possuem acentuada propensão aos sintomas graves da doença (jovens) aos demais que possuem alguma morbidade, o autor descreve: “Crianças e jovens entram em contato diário com adultos de diferentes grupos familiares: professores, profissionais da educação, pais e mães, avós e avôs, parentes de maneira geral.” (ARRUDA 2020, p.259).

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9394/96 (LDB) em seu Artigo 12, Inciso I, assinala que uma das incumbências das instituições escolares é “elaborar e executar sua proposta pedagógica” (BRASIL, 1996), diante do exposto, observou-se a necessidade da construção do Projeto Político Pedagógico nas instituições escolares, pois o mesmo deverá ser um documento norteador.

A LDB institui, em seu Artigo 14, que os sistemas de ensino definirão as normas da gestão democrática do ensino público, na educação básica, de acordo com as suas peculiaridades e possui como um de seus princípios, o Inciso I que menciona a participação dos profissionais da educação na elaboração do PPP da escola. Para Veiga (2012), o projeto político pedagógico é mais do que um conjunto de planos de ensino, que é elaborado apenas para fins de exigências burocráticas, tendo sua construção vivenciada por todos os envolvidos no processo educacional.

Para a autora, a elaboração do PPP tem um propósito, e também é de cunho sociopolítico, pois está associado ao comprometimento social e político dando ênfase ao interesse em comum de grande parte da população. A fim de manter o nome da escola sob

sigilo, serão apresentadas algumas informações que constam na apresentação do PPP da escola escolhida sem mencionarmos o seu nome.

O PPP é um processo de tomada de consciência da escola, por isso é libertador, tornando a escola mais responsável, mais autônoma e transformadora. É a liberdade para que o grupo de professores passe a tomar decisões coletivas através dos objetivos e das práticas pedagógicas. Como projeto, deve constituir-se em tarefa de toda equipe escolar e, mais especificamente, da coordenação e da direção da escola, às quais cabe liderar o processo de construção juntamente com os alunos e professores. A equipe técnica e administrativa, os professores, os alunos, os pais e a sociedade local, são corresponsáveis pela elaboração e execução, contando ainda, com a colaboração e assessorias de profissionais ligados à educação. A finalidade do projeto é tornar a escola cada vez mais eficaz e competente, por isso ela deve estar:

- Conectada com as necessidades da sua comunidade;
- Voltada para a formação;
- Voltada para os avanços tecnológicos e científicos
- Comprometida com a formação humana, científica e afetiva e sucesso dos alunos;
- Pronta para resolver desafios que a gestão escolar impõe numa perspectiva democrática e global; Charczuk (2020) afirma que o modo para executar o processo de ensino e aprendizagem, assim como, o exercício da docência se fez necessário o ensino remoto que contou com a adoção de recursos tecnológicos, tais como, o de forma primordial a utilização da internet com o objetivo de permitir aos professores, dos diversos níveis de ensino, o envio e compartilhamento de materiais didáticos e atividades remotas com os alunos. A adoção de tais medidas surtiu na população uma série de críticas que se centrou em dois grandes focos de problematização:
- (i) a enorme desigualdade socioeconômica dos brasileiros e, conseqüentemente, a falta de acesso aos recursos necessários para o acompanhamento de aulas remotas por grande parte da população; e (ii) a contraposição entre ensino presencial e educação a distância (EaD), ou ensino remoto, e a pretensa qualidade daquele em detrimento destes. (CHARCZUK 2020, p.2).

Assim sendo, Charczuk (2020) discute sobre o exercício da docência realizado por meio de tecnologias digitais, o uso da internet e a elaboração do ensino remoto. A autora objetiva pensar na ação docente e nas possibilidades de encontro entre professor, aluno e conhecimento, diante de um contexto diverso da sala de aula durante a implementação do ensino remoto.

Charczuk (2020) assinala a existência de uma falsa dicotomia entre Ensino Presencial e EaD ou ensino remoto, que aparece como algo determinante para os debates sobre as alternativas encontradas para transpor as aulas dos diferentes níveis de ensino presencial para outras formas de sustentar o ensinar.

A autora ressalta que o ensino mediado por tecnologias digitais, sendo remoto ou EaD, são mal vistos pelo senso comum porque muitas vezes são vistos como uma forma de ensino de má qualidade. Então segundo a mesma, não é a maneira de ensinar que garante a proposta didática pedagógica, o efeito de troca, mas sim os modelos teóricos conceituais que sustentam e asseguram as construções de aprendizagens. Para Silva e Silva (2021), na pandemia, o ensino

remoto foi uma possibilidade adotada para a continuidade do ano letivo pela maioria das instituições, seguindo assim as orientações de suas respectivas Secretarias de Estado de Educação. Todo esse processo é assegurado, legitimamente, pelas instituições superiores e pelo próprio Estado. Diante do exposto, os autores salientam as discussões acerca das questões de acesso, organização curricular e qualidade no ensino e fazem um diálogo sobre a prática curricular numa perspectiva crítica.

Para Silva e Silva (2021, p.1608)

[...] os sistemas de ensino só puderam contar com um eixo normativo legal a partir da atuação do Conselho Nacional de Educação (CNE), por meio do Parecer nº 05/2020, que trata da reorganização do calendário escolar e da possibilidade de cômputo de atividades não presenciais para fins de cumprimento da carga horária mínima anual, que, em razão de tal pandemia, dispôs orientações com vistas à organização do ensino, desde a Educação Infantil até o Ensino Superior.

Silva e Silva (2021) destacam as proposições do MEC ao ensino, durante o isolamento social, sobre a educação básica e o ensino superior, porém vamos atentar para as orientações acerca da educação básica nos anos iniciais do ensino fundamental.

Nesta etapa, existem dificuldades para acompanhar atividades online, uma vez que a criança do primeiro ciclo encontra-se em fase de alfabetização formal, sendo necessária supervisão de adulto para realização de atividades. No entanto, pode haver possibilidades de atividades pedagógicas não presenciais com as crianças desta etapa da educação básica, mesmo considerando a situação mais complexa nos anos iniciais. Aqui, as atividades devem ser mais estruturadas, para que se atinja a aquisição das habilidades básicas do ciclo de alfabetização. (BRASIL, 2020 p.11).

Podemos observar nessa modalidade de ensino, que a divisão de responsabilidades juntamente com os familiares dos educandos é prejudicada, por estes, muitas vezes, não possuírem instrução adequada para acompanhar os estudos dos alunos. De acordo com o Centro de Inovação para a Educação Brasileira (2020 *apud* Silva e Silva 2021), as redes estaduais e municipais de educação seguiram as seguintes estratégias como: redes sociais, materiais digitais, aulas *on-line*, aulas via TV, plataformas digitais, orientações e cronograma de atividades para pais e disponibilização de materiais impressos.

Diante da situação de pandemia, o uso de recursos tecnológicos passou a se tornar mais necessário e o nosso presidente, à época, sancionou a lei nº 14.172, de 10 de junho de 2021, a fim de garantir acesso à internet a alunos e a professores da educação básica pública para fins educacionais e que em seu artigo 2º assinala sobre valores repassados:

Art. 2º A União entregará aos Estados e ao Distrito Federal o valor de R\$ 3.501.597.083,20 (três bilhões, quinhentos e um milhões, quinhentos e noventa e sete mil e oitenta e três reais e vinte centavos) para aplicação, pelos Poderes Executivos estaduais e do Distrito Federal, em ações para a garantia do acesso à internet, para fins educacionais, aos alunos e aos professores da rede pública de ensino dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios, em virtude da calamidade pública decorrente da Covid -19.

O presidente Jair Bolsonaro aprovou a Lei 14.180/21, instituindo a Política de Inovação em Educação Conectada com o intuito de, através do uso da tecnologia, oferecer acesso universal à internet de alta velocidade e o acréscimo da utilização didática das tecnologias digitais pelas escolas públicas. Brasil (2021b) aponta o objetivo e os mantenedores para inserção do Programa de Inovação Conectada:

Art. 1º Fica instituído o Programa de Inovação Educação Conectada em consonância com a estratégia 7.15 do Plano Nacional de Educação, aprovado pela Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014, com o objetivo de apoiar a universalização do acesso à internet em alta velocidade e fomentar o uso pedagógico de tecnologias digitais na educação básica.

Art. 2º O Programa de Inovação Educação Conectada visa a conjugar esforços entre órgãos e entidades da União, dos Estados, do Distrito Federal, dos Municípios, escolas, setor empresarial e sociedade civil para assegurar as condições necessárias para a inserção da tecnologia como ferramenta pedagógica de uso cotidiano nas escolas públicas de educação básica. (BRASIL,2021, b).

O Programa de Inovação Educação Conectada está em consonância com o Plano Nacional de Educação (PNE), que objetiva a universalização do acesso à internet e o uso pedagógico das tecnologias digitais, na educação básica, que foi aprovado diante da lei número 13.005 de 25 de junho de 2014, possui diretrizes, metas e estratégias com duração decenal, que asseguram a manutenção e o desenvolvimento do ensino no Brasil, instituído de forma a implementar políticas públicas educacionais que visem modificar a realidade educacional no nosso país. Para discussão neste trabalho tem-se as metas e estratégias específicas no PNE, que nos remetem à implementação dos recursos tecnológicos que, de acordo com Brasil (2014), o PNE em sua meta 5, pretende alfabetizar todas as crianças, no máximo, até o final do 3º (terceiro) ano do ensino fundamental e em relação às suas diretrizes definem:

5.3) selecionar, certificar e divulgar tecnologias educacionais para a alfabetização de crianças, assegurada a diversidade de métodos e propostas pedagógicas, bem como o acompanhamento dos resultados nos sistemas de ensino em que forem aplicadas, devendo ser disponibilizadas, preferencialmente, como recursos educacionais abertos;
5.4) fomentar o desenvolvimento de tecnologias educacionais e de práticas pedagógicas inovadoras que assegurem a alfabetização e favoreçam a melhoria do

fluxo escolar e a aprendizagem dos (as) alunos (as), consideradas as diversas abordagens metodológicas e sua efetividade (Brasil,2014).

Quanto à meta 7, que objetiva fomentar a qualidade da educação básica em todas as etapas e modalidades, com melhoria do fluxo escolar e da aprendizagem de modo a atingir médias nacionais estabelecidas para o IDEB. Especificamente relacionadas à tecnologia em suas diretrizes define:

7.15) universalizar, até o quinto ano de vigência deste PNE, o acesso à rede mundial de computadores em banda larga de alta velocidade e triplicar, até o final da década, a relação computador/aluno (a) nas escolas da rede pública de educação básica, promovendo a utilização pedagógica das tecnologias da informação e da comunicação; (Brasil, 2014).

Conforme Câmara (2022), o governo federal lançou uma medida provisória 1088/21 com crédito extraordinário de R\$3,5 bilhões no Orçamento da União para financiar o acesso à internet em escolas públicas, que será repassado ao Ministério da Educação, o qual encaminhará os recursos para os estados e o Distrito Federal. Segundo Câmara (2022), o dinheiro pode ser utilizado na compra de terminais, cedidos aos alunos e professores, e na aquisição de soluções de conectividade móvel. Os investimentos deverão ser feitos para beneficiar alunos da rede pública das famílias que estão no cadastro único do governo para programas sociais (CadÚnico) e os matriculados em escolas de comunidades indígenas e quilombolas.

Araújo *et al.* (2022) descrevem as experiências das mães e identifica os principais desafios no acompanhamento das atividades escolares de seus filhos durante as aulas não presenciais na pandemia. Com o ensino remoto, exige-se da mulher, mãe de família, uma sobrecarga, pois além de trabalhar no lar, muitas vezes, fora de casa, também tem que acompanhar os deveres escolares com os filhos.

O acompanhamento educacional das mães para com seus filhos, comumente realizado antes da pandemia da covid-19, pautava-se em subsidiar um reforço pedagógico do conteúdo escolar, previamente trabalhado pelos professores em sala de aula. Contudo, as novas demandas educacionais direcionadas às mães e seus filhos envolvem agora: a assistência, a orientação e a explicação do conteúdo escolar com o auxílio dos professores de forma remota. (ARAÚJO *et al.*, 2022, p.2).

Com respeito às dificuldades de acesso aos equipamentos e conexões, Araújo *et al.* (2022) enfatiza que para a execução do ensino remoto-domiciliar as famílias apresentavam falta de recursos e poucas habilidades com a tecnologia e para que esse ensino de fato pudesse

ocorrer, seria necessário que eles dispusessem de recursos tecnológicos, tais como: celular, *tablet* ou computadores com acesso à internet.

A pandemia da Covid -19 trouxe um contexto desafiador para a Educação Básica que teve de se adequar à nova realidade. Professores e estudantes vivenciaram tempos de isolamento social, no qual o ensino remoto tornou-se o modelo de caráter emergencial indispensável para a continuidade do processo de ensino-aprendizagem em nosso país. Todavia, a aplicação ensino remoto não atingiu a todos de forma igualitária, aflorando imensas dificuldades do processo educativo e revelando as desigualdades sociais no acesso à educação. O ensino remoto somente intensificou as precariedades e discrepâncias já conhecidas no cotidiano escolar de professores e alunos. As dificuldades enfrentadas pelos sujeitos, no âmbito educacional, não são inéditas e restritas a esse campo. Segundo Santos (2020, p. 19), a emergência sanitária da Covid -19 foi agregada a um contexto já fragilizado pelas emergências sanitárias de outras epidemias não extintas, pela emergência alimentar, pela emergência da violência doméstica e pela emergência permanente da violência policial. Somadas as vulnerabilidades socioeconômicas temos a exclusão digital, que atinge grande parcela dos estudantes brasileiros, tornando impraticável o ideal de educação pública democrática e de qualidade no panorama pandêmico. Segundo dados apurados por Cunha, Silva e Silva (2020), a impraticabilidade se deve ao fato de que:

[...] apenas 37% dos domicílios possuem internet e computador. A ausência deste equipamento pode se tornar um empecilho para o desempenho do aluno, embora pode não ser para a conexão que é realizada, sobretudo, por celular. O computador realiza um conjunto de aplicações que podem não ser compatíveis ou facilitadas quando feitas nos smartphones. (CUNHA, SILVA & SILVA, 2020, pp. 32-33).

Cunha, Silva e Silva (2020) ainda reforçam que mesmo na possibilidade de disponibilidade de aparelhos celulares, ainda podem existir obstáculos como a falta de compatibilidade com navegadores, aplicativos e plataformas empregados pelo ensino remoto. Tais condições contribuíram para uma educação remota excludente, capaz de aumentar o abismo das desigualdades educacionais preexistentes. De acordo com as fontes expostas, observou-se que o governo buscou dispor de leis e decretos para inserir as tecnologias na educação em nível nacional, porém observamos que essas tecnologias de fato não alcançaram ainda a maioria dos educandos da educação básica, principalmente os que possuem condições econômicas desfavorecidas. Silva e Silva (2020) mostram que a história da Educação no Brasil foi marcada pela negação dos direitos básicos, elevando a desigualdade social em situação de alta vulnerabilidade. Segundo os autores,

Refletir a educação, em tempos de pandemia, nos permite ver o denominado “ensino remoto” seguindo a tendência mundial em meio ao combate ao novo coronavírus, e os desafios da prática docente em contextos vulneráveis onde a formação dos professores e o currículo não atendem as necessidades da escola em tempo de pandemia. (SILVA e SILVA 2020, p.51).

Silva e Silva (2020) trazem em seu trabalho, através da abordagem bibliográfica, os reflexos da educação em tempos de pandemia, a fim de analisar a importância da prática docente no enfrentamento dos desafios pedagógicos em escolas situadas no contexto de alta vulnerabilidade social e salientam que o ensino está sendo prestado de modo precarizado, sucateado e excludente para a camada social mais vulnerável diante da pandemia. Os autores salientam o conceito de vulnerabilidade social para além do enfoque na questão econômica, ele está: [...]” marcado pela violação de direitos, exclusão social e econômica, política negada aos sujeitos inseridos em um contexto empobrecido, expandindo assim a desigualdade social.” (SILVA e SILVA, 2020, p.58).

Silva e Silva (2020) apontam que diante da pandemia as escolas estão passando por dificuldades no contexto de vulnerabilidade e salienta para inexistência de uma educação pública para todos de forma democrática e de qualidade na qual é assegurada pela Constituição de 1988. Dessa forma existe a falta de uma política pública que atenda a realidade dos alunos em vulnerabilidade, situação em que se necessita de computadores, *tablets*, internet, espaço para estudar, lanche e condições de sobrevivência.

Devido à disseminação da Covid -19, as aulas presenciais, no nosso país, passaram a ser suspensas a partir desse momento, surge a necessidade da implementação do ensino remoto. Cipriani, Moreira e Cariús (2021) fizeram uma pesquisa por meio de um questionário que contou com a participação de 209 docentes da cidade de Juiz de Fora, MG, que atuavam na Educação Básica durante a pandemia. Essa pesquisa teve o intuito de analisar como os professores pensavam, sentiam, quais eram seus desafios e perspectivas nesse período. Os autores afirmam que a suspensão das aulas presenciais e o distanciamento social provocaram nos professores uma série de pensamentos, sentimentos e atitudes que merecem destaque sendo divididas em duas categorias: uma de traços psicológicos e outra de atitudes.

No que concerne aos traços psicológicos,

O estado de ansiedade, a preocupação e a angústia foram palavras bastante repetidas pela maioria dos participantes, bem como a saudade que sentiam do contato presencial com os alunos. Ademais, termos que revelam medo, insegurança, susto, cautela, desconforto, incerteza, confusão, reflexão e impotência também foram mencionados pelos docentes. Chamam a atenção afirmações de que os docentes se sentem incomodados, cansados, esgotados, exaustos, estressados, pressionados,

sobrecarregados, tensos, deprimidos, irritados, sentindo-se mal, frustrados, entediados e tristes, o que aponta para a possibilidade de que o psicológico, a saúde emocional dos profissionais tenham sido afetados pela situação vivenciada, portanto, merecem atenção e cuidados. (CIPRIANI, MOREIRA e CARIÚS 2021.p.8).

Notamos que os docentes foram bombardeados por uma série de sentimentos e pensamentos desencadeados em razão de terem de exercer sua prática docente dentro de um novo contexto alternativo que foi desencadeado devido a pandemia. Com respeito às atitudes:

Percebeu-se que os docentes, apesar das dificuldades, estavam se adaptando à situação do distanciamento social. O estudo revelou novas aprendizagens com a suspensão das aulas presenciais e com a adoção de diferentes meios e recursos de trabalho para as aulas online. Nessa direção, as distintas ferramentas e metodologias emergiram como desafios e descobertas. A necessidade de se reinventar, de ressignificar práticas e o incentivo à criatividade foram reforçados no cotidiano educacional, em tempos de pandemia. Nesse contexto, os professores afirmaram que as demandas aumentaram e que estão trabalhando muito mais do que o habitual, o que ocasionou a sobrecarga pelo maior esforço e dedicação. (CIPRIANI, MOREIRA e CARIÚS 2021.p.9-10).

Conforme o texto exposto, observamos que os docentes não mediram esforços para efetivar sua prática que demandou atualização constante, a obtenção de maior instrução para o trabalho com as tecnologias e fez com que os professores levassem mais trabalho para casa também.

No dia 12 de fevereiro de 2020, as aulas nas escolas municipais de Corumbá começaram e assim todos os professores ministraram suas aulas normalmente sem a preocupação com o alastramento do vírus que em nosso país, estados e municípios iriam enfrentar mais adiante. Após a constatação do primeiro caso da doença no Brasil, as autoridades políticas começaram a determinar medidas de contingência.

Em Corumbá, como mencionado na seção anterior, as aulas presenciais passaram a ser suspensas, na data de 18 de março de 2020, veio a ordem para todos os professores adotarem o isolamento em suas casas. Nas escolas os gestores e funcionários administrativos passaram a trabalhar de forma escalonada.

Os professores passaram a receber as orientações através do grupo de *WhatsApp* fechados da escola que era destinado apenas para funcionários da instituição. Diante disso começaram a ser orientados pelos coordenadores escolares a desenvolver cursos online, que foram disponibilizados para professores do Brasil todo pelo endereço eletrônico do AVA MEC, esses contavam com certificados gratuitos e tinham variados temas como: BNCC, Tecnologias da Educação, alfabetização e letramento, entre outros.

O município teve que investir em uma nova plataforma de tecnologia para as atividades serem inseridas de forma virtual para que todos os alunos da Rede Municipal de Ensino pudessem acessar as atividades de forma online. Infelizmente, na escola que foi realizada a entrevista com os professores, houve poucos acessos tanto dos alunos como dos pais pela plataforma virtual contratada pelo município, os mesmos se dirigiam à escola, semanalmente ou de 15 em 15 dias para buscarem as atividades impressas e darem devolutiva das mesmas e assim se encerrou o ano de 2020, 100% (cem por cento) à distância.

O ensino continuou a distância até o segundo semestre de 2021. Em 19 de julho de 2021, os pais dos alunos foram chamados à escola para assinar um termo de autorização para o retorno ou não retorno dos alunos para a forma de ensino presencial. As aulas presenciais voltaram no dia 02 de agosto de 2021 apenas com alguns alunos, que foram os que os pais autorizaram a voltar a estudar de forma presencial, com a volta às aulas, de forma parcial, as escolas tiveram que seguir protocolos de biossegurança.

Tanto os professores como os alunos deveriam usar máscaras, álcool em gel e manter o distanciamento. Diante disso os professores passaram a ter que se desdobrar. Diante de tal situação deveriam ministrar as aulas, de forma presencial, e estar atento aos pais e alunos que estavam estudando de forma remota, sanando dúvidas dos educandos e dos pais. A partir dos desafios que foram colocados sobre os professores, devido a Covid-19 surgiu a ideia de pesquisar sobre o ensino remoto em uma escola pública de Corumbá-MS na pandemia: vantagens e desvantagens na ótica de seus docentes. Para tanto, serão entrevistados os professores regentes do ensino fundamental, uma vez que esses profissionais carregam uma carga de disciplinas maior e conseqüentemente, possuem mais responsabilidades sobre sua turma.

Os professores regentes eram os administradores dos grupos de *WhatsApp* de sua turma e repassavam todas as informações para os alunos e suas respectivas famílias tanto de cunho pedagógico como social, desde as datas de entregas de atividades, correções de tarefas, informavam locais de vacinação contra a Covid-19, entrega de hortifrútis nas escolas, cadastramento de Cadastro de Pessoa Física para alunos que não possuíam esse documento etc. Foram realizadas dez perguntas para esses profissionais e serão analisadas à luz dos estudos referentes à Teoria Crítica.

4. O ENSINO REMOTO, NAS ESCOLAS PÚBLICAS DE CORUMBÁ, NA VISÃO DOS PROFESSORES SOBRE SI

Os professores, ao serem surpreendidos pela pandemia, tiveram que se utilizar de dispositivos tecnológicos de forma urgente e imediata. Oliveira e Agostini (2020) mencionam que as novas tecnologias trazem uma nova forma de pensar o mundo e, assim, o próprio processo de formação é resultado do desenvolvimento da razão instrumental em nosso tempo. Os autores afirmam que:

Os profissionais de diversas instâncias sentem a necessidade de repensar os métodos, as técnicas e as habilidades. Os cidadãos em geral se deparam com inusitados padrões de comportamento e de sociabilidade, influenciados pelas tecnologias, administrando seus gostos, suas atitudes, bem como o seu imaginário. (Oliveira e Agostini 2020, p.3)

As exigências de mudanças contínuas, impostas pelas mídias, integram as sociedades multitelas. Para Oliveira e Agostini (2020) convivemos com uma diversidade de telas em espaços públicos e acabamos por modificar a modalidade e o significado do olhar que é reestruturado com as novas tecnologias de modo acelerado e intenso. E ainda, “Vivemos em meio a um mosaico de estímulos visuais móveis e descontextualizados, ao vagar de tela em tela, de forma intermitente e interativa” (Oliveira e Agostini 2020 p.4)

Para trabalhar com o ensino remoto, os professores tiveram que aprender por conta própria sem terem formação para lidar com isso. Adorno (1996) nos traz a ideia de formação enquanto apropriação subjetiva da cultura. Dentro dessa apropriação cultural os sujeitos se relacionam com o mundo e tem o conhecimento de pertencimento dentro de um contexto histórico e social, desta forma, engendra seus valores dentro da sociedade se apropriando subjetivamente da cultura que está inserido.

Não obstante, estamos inseridos por uma dominação imposta pela indústria cultural, a qual coopera com a semiformação dos professores que passam a seguir as imposições de uma nova forma de ensinar sem levar em conta a formação do sujeito de forma crítica e para a emancipação. Nesta seção pretendemos desvelar as repercussões do ensino remoto perante o trabalho docente, tratando de seus sentimentos, capacidade de superação e mecanismos de autossuperação.

4.1 O Sentimento dos professores e capacidade de superação no Ensino Remoto

Os professores e alunos, inclusive pais, encontram-se numa situação de estresse devido ao desânimo de terem sobreposição de atividades escolares e extraescolares, embora inovações não faltassem para a sua superação, a verdade é que se constitui nova rotina e as crianças começaram a ficar em casa todo o seu rico tempo. Para isso, nosso ponto de partida era: **Como**

você se sentiu ao ter de se adequar ao ensino remoto? Os relatos abaixo mostram o sentimento dos professores:

- **O sentimento de desespero**

Desamparada, porque na realidade nós estávamos sem saber o que fazer, esperando que aquele decreto ficasse somente por 15 dias. E aí diziam, vamos ficar mais uma semana, mais uma semana no remoto, vamos ficar em casa, no isolamento. O pavor de contrair e de transmitir essa doença, a Covid-19, a questão de se adequar. Tive que abrir o meu celular para formar grupos, eu tive a minha intimidade invadida e também invadi a intimidade e o espaço do outro, que são espaços da família, vi coisas que não deveria ver. Inclusive, teve um pai e um irmão, não sei quem era, eu até bloqueei, pedi nudes enquanto eu cobrava atividades do aluno ou se estava fazendo, o que estava acontecendo, que eu queria notícias. Ele falou, se você me mandar nudes, eu mando notícias dele. Imagina, olha a troca. Então, me senti desamparada porque nós não tivemos formação para isso. Nós tivemos várias palestras, fala da Secretária da Educação, para informação, para dizer de agora em diante vocês vão trabalhar dessa forma, vocês podem observar aqui, ali, vamos trabalhar assim. Não tivemos. Nós tivemos que, como autodidatas, pesquisar no YouTube, que é um excelente professor, vamos para o YouTube, vamos pesquisar dicas na internet, vamos observar relatos de outros professores que estão na mesma situação, baixar aplicativos que eu não sei usar, gravar vídeos no meu quarto, me adequando a um ambiente como se fosse escola, mas não é. Então, abrir espaço na minha casa como se fosse uma escola, tentar dar essa aula e não conseguir, na realidade, desamparada e frustrada, sem formação. **[Professor B]**.

Olha, também não foi fácil não, até porque a gente não tinha também todo esse conhecimento em relação à tecnologia. Tivemos que aumentar a nossa capacidade da internet, aprender a dar aula nas plataformas online, então não foi fácil. **[Professor J]**

- **O sentimento de autossuperação**

No começo foi bastante difícil, eu estava em dois lados, estava em sala de aula, mas também estava na gestão de outra unidade.

Então, o que eu fazia na gestão, eu tentava trazer para a minha sala de aula, buscava refletir na minha sala de aula, para que eu conseguisse desenvolver o melhor que eu pudesse. A situação mais crítica foi ter de fazer as buscas ativas, tendo que procurar números de telefones inexistentes, às vezes, tinham o telefone do aluno na secretaria, porém já não era mais usado pelo responsável e tivemos que colocar plaquinhas nas mercadorias que ficavam nas redondezas da escola, para que os responsáveis que fossem até lá aparecessem na escola para nos disponibilizar o número de telefone para que se pudesse entrar em contato com os alunos, e conseguir atingir o máximo deles possível, para que voltassem à escola para buscar as atividades. **[Professor C]**

Bem, na parte de adaptação ao ensino remoto, foi necessário fazer algumas adaptações também em casa, na parte tecnológica, computadores, instrumentos que possam atender os nossos alunos também, internet, então tivemos que realizar sim essa adaptação com a parte de tecnologia. **[Professor I]**

- **O sentimento de desafio**

Foi uma experiência desafiadora em que tivemos que aprender a lidar com a tecnologia e também ensinar usando meios de comunicação, da tecnologia e que pudesse ajudar os alunos a aprender. **[Professor D]**

Foi um reaprender né, uma nova adequação porque a gente vinha de uma prática já instalada no nosso dia a dia, no nosso fazer pedagógico e nós tivemos que nos deparar com um ensino diferente, com um ensino com gravações, áudios, vídeos, atividades diferenciadas. **[Professor E]**

Eu me senti desafiada, por quê? por mais que eu tenha conhecimento, que eu lide com a questão da tecnologia, né? o ensino remoto necessitou de um aprofundamento tecnológico. Então, eu me senti desafiada por quê? novas possibilidades de repasse do conhecimento foram apresentadas. O professor teve que se readequar e se reinventar na sua forma metodológica. Qual seria essa nova forma metodológica para você usar, caso fosse o Google Meet, como você iria usar sua metodologia? Então, para essa pergunta, repito, eu me senti desafiada. **[Professor H]**

- **O sentimento de estranheza**

No primeiro momento bastante incomodada, mas não incomodada pela tecnologia, mas porque, como em sala de aula eu percebi, como eu tinha dificuldade, aí não sou só eu porque a gente conversa com os outros professores, como os professores não foram preparados, não para a pandemia, mas não foram preparados para desenvolver essa tecnologia que está à disposição dos professores, de alguns alunos que o professor poderia ter utilizado de uma melhor maneira, então é a nossa capacitação como professor, na área da tecnologia anda bem falha. **[Professor F]**

- **O sentimento de surpresa**

Pegou a gente de surpresa, porque a nossa formação acadêmica não visa essa parte do ensino remoto. Basicamente que 100% dos professores, alguns que se dedicam para essa área, com certeza eles já estavam bem aparados, na teoria como na prática, mas muitos professores não tiveram essa formação, não tiveram essa prática de ensino remoto. Então nós tivemos que correr contra o tempo, aprender rapidamente como que faz o funcionamento de uma rede social, em meio de tecnologias, de plataformas, gravação de vídeo, mas a rede de ensino buscou o máximo que pôde dar a formação para os professores, para a gente poder se adequar a situação nova. **[Professor B]**

- **O sentimento de sobrecarga**

Assim foi encarado... não só para mim, como acho que para a maioria, com um pouco de dificuldades, porque nós precisávamos inserir alguns dados para o sistema, tudo isso era uma questão muito burocrática, mas em relação às atividades nós fazíamos normalmente, só que o que eu acho é que nós nos sobrecarregamos, porque era muita cobrança, a gente precisava ficar disponível, o tempo todo, nos grupos de WhatsApp, para tirar dúvidas dos pais para os alunos, tirar dúvidas dos alunos, pesquisar as atividades que estiverem adequadas a serem mandadas para casa, porque eram atividades que você tinha que pesquisar. **[Professor K]**

E, assim, tudo ficou complicado para todos, como explicitam Santos e Portela (2021) e Francisco (2022).

Assim, ficou comprovado que há dificuldades na aprendizagem dos estudantes quanto à interpretação e compreensão textual. Neste viés, os recursos tecnológicos surgiram como uma alternativa, a fim de obtermos essas habilidades. Mediante esta necessidade, passei a pesquisar ferramentas tecnológicas que proporcionassem

leituras mais dinâmicas, uma leitura mais divertida e de fácil compreensão. (SANTOS e PORTELA, 2021, p.2).

Enquanto para as profissionais de educação – preparadas para ensinar o sentimento foi de sobrecarga – intensificação do trabalho docente, segundo Francisco (2022), aos pais, cabia aceitar essa nova realidade de ficar com as crianças em casa e fazê-las aprender também. Para os pais era preciso montar uma nova rotina – home office e apoio ou realização das tarefas escolares de seus educandos.

Olha, a minha ansiedade foi ao grau máximo no início. Porque você recebia uma imposição de cima, que tinha que trabalhar de forma remota com essas crianças, de forma virtual, você sabendo que isso não renderia, porque as famílias não tinham internet, ou eles não tinham créditos para colocar para eles poderem fazer as atividades, ou o sinal não pegava. Aí você se sente meio que... Como você vai fazer para que essas crianças peguem suas atividades? E também tem algumas famílias que têm pais analfabetos. Aí você fica procurando formas de poder ajudar essa criança. **[Professor A]**.

Para os profissionais da educação o desafio era enorme – gerir o ensino remoto ou híbrido, o que demandou aprender novas técnicas didáticas, sobretudo com o uso das tecnologias de informação e comunicação – mudança repentina na pedagogia. “Entretanto, apesar do empenho dos atores envolvidos, a implementação de projetos desse porte implica a superação de desafios e fragilidades e a necessidade de muito diálogo entre as partes envolvidas”. (MATTA, REGO, SOUTO e SEGATA, 2021, p.219). Esse processo de mudança pela busca de transmissão dos conteúdos via novos caminhos – organizar as atividades para crianças fora da sala de aulas – criou sobrecarga na classe docente.

Com a suspensão das aulas presenciais e, portanto, incremento do modelo de ensino remoto, tivemos que adotar e nos adaptar às mais diferentes ferramentas digitais de forma que pudessem melhor atender nossos alunos. No início, eu como professor senti algumas dificuldades em encontrar ferramentas as quais seriam mais satisfatórias de trabalhar com meus alunos. (SANTOS e PORTELA, 2021, p.1).

Na tentativa de superar o Ensino remoto, tanto a família, como os professores tiveram que ter capacidade de superação; sentimento de superação para enfrentar a imprevisibilidade do ensino remoto. Esse desenvolvimento estratégico pessoal fez, por consequência, surgir dois novos movimentos: mecanismos de autossuperação na pós-pandemia, mas também, uma constante (res)socialização dos alunos.

4.2. Capacidade de superação no Ensino Remoto

Prosseguindo com a nossa análise sobre o sentimento de capacidade de superação que os professores de Corumbá tiveram após o retorno ao Ensino presencial, lançamos uma questão para entender a provisão das condições materiais para ministrar as aulas, durante o Ensino Remoto.

No rol dos comentários das nossas entrevistas, o denominador comum é que o problema era a internet, embora a solução fosse de trabalhar em casa, nem sempre resolvia como é descrito nos relatos dos professores:

Bom, eu sou solteira, tenho só dois cachorros, cuido, pago minha água, minha luz, não pago aluguel e ganho, digamos assim, para me remediar. Então, ao longo da minha carreira, eu fui comprando computador, fui comprando celular, eu tenho uma internet que eu divido com o vizinho para não ficar tão cara e eu tenho, digamos assim, eu tenho os meios, tive os meios para, digamos, tentar dar essas aulas. Por isso, ao meu lado, eu professora que investi, não ganhei nada, gastei do meu salário, paguei para trabalhar, porque isso são coisas que eu uso particularmente. Na escola, não tinha internet. Se eu fosse trabalhar dessa forma, nos dias que eu tinha dois plantões na escola, eu não tinha internet para fazer isso. Não tinha computador que funcionasse direito na escola e outros, somos vários professores. Então, nós tínhamos que fazer o quê? Eu trazia meu note quando eu trabalhava na escola para rotear do meu, da minha internet móvel para o computador, para poder falar com os pais ou gravar alguma coisa ou mandar alguma coisa. Eu tinha que tirar do meu bolso, eu paguei para trabalhar. Eu trabalhei duas vezes ou mais, porque eu tinha que preparar as aulas, gravar as aulas, mandar as aulas, ver se eles estavam fazendo, explicar novamente, explicar no grupo, explicar no particular. Então, eu acredito que o professor teve que trabalhar duas, três vezes, se munir dos meios para chegar até os pais muitas vezes não chegamos, ligar, pedir, por favor, entre em contato, tal. Mas assim, tive que tirar do bolso. [Professor B]

Foi bem defasado, devido às circunstâncias da internet da nossa cidade não ser boa, muitas vezes oscilava ou ficávamos praticamente sem rede mesmo, e a outra dificuldade é que praticamente os alunos não tinham essa internet também para que nós pudéssemos realizar essa aula online, então baseou-se muito em telefonemas, mensagens, porque via meet, via zoom, praticamente não deu para ser realizado com êxito. [Professor C]

A partir das citações acima compactuamos com o pensamento de Cecílio e Reis (2016) ao mencionarem que o tempo do docente torna-se cada vez mais curto devido às suas atribuições se intensificarem com a inserção das tecnologias.

O uso de tecnologias favorece a intensificação de suas atividades diárias e o aumento de sua jornada de trabalho, além do contrato estabelecido devido ao acesso a e-mails, buscas de material, pesquisas e uso do ambiente virtual de aprendizagem, de onde eles estiverem. (CECÍLIO e REIS 2016, p.307)

O hábito de levar trabalho para os lares sempre foi algo muito comum praticado por muitos professores, a pandemia permitiu que esse fato se estendesse para a vida de todos os

docentes. Com base nas entrevistas, nota-se que a jornada de trabalho desses profissionais estenderam-se ao ambiente familiar implicando na massificação do ensino, pois não contaram com recursos apropriados para desenvolverem seu trabalho diante da realidade pandêmica.

4.3. Sentimento de superação e a imprevisibilidade no Ensino Remoto

Para a superação dos desafios impostos pelo ensino remoto, os professores falaram muito em adaptação para terem que se adequar à nova forma de intermediar o ensino e aprendizagem em caráter emergencial.

Eu vou colocar regular, porque ao mesmo tempo que nós professores temos conhecimento de uma prática vivenciada dentro da escola, nós tivemos que nos adequar a fazer o ensino remoto e esse ensino remoto... [Professor G]

A prática pedagógica do professor teve de ser adaptada também, porque o aluno não está em sala de aula, ele está no ensino remoto, você tem que realizar atividades, blocos de atividades para que esses alunos possam levar e os pais vão ter que fazer com eles também. Assim, a nossa prática pedagógica precisou sim passar por algumas modificações também. [Professor I]

Então, eu precisei me adaptar, a prática foi de maneira à distância, então não foi uma prática muito presente, porque era tudo muito para todos, você não tinha como fazer uma prática individualizada por essa mesma questão da nossa clientela ser uma clientela periférica, então nem todos os alunos tinham celulares, nem todos os pais estavam no grupo, além dos outros alunos que a gente não conseguia alcançar, eles buscavam as atividades na escola e muitas vezes a gente não tinha esse contato com os pais, então foi um pouco ampla, não foi nada restrito, não tinha como a gente saber das dificuldades de cada aluno, então, foi bem assim a prática. [Professor K]

Para se adaptar a uma nova forma de ensinar é necessário tempo, algo que não foi ofertado aos professores. Outra questão relevante é o fato do uso da tecnologia ter se dado de forma operacional e não crítica, notamos um despreparo dos professores para utilizarem as ferramentas tecnológicas, pois não receberam formações adequadas para alimentar as plataformas digitais utilizadas em suas aulas remotas.

Um desespero se adequando ao novo, aquilo que eu não sabia fazer, ter que pedir orientações para os meus colegas mais práticos, mais descolados, na internet, porque eu não sei, não tive essa formação, nem na graduação, não tive uma formação para mexer com os meios midiáticos para chegar até isso. [Professor B]

Em nosso município, não existiram medidas que fizessem com que o acesso democrático à internet se efetivasse, tanto para os alunos como para os professores. Deparamo-nos com uma falsa ideia de que existe democracia em torno da internet, tanto no sentido de tê-la como de saber utilizá-la. A partir do momento em que os docentes apropriam-se da tecnologia virtual, acontece o aumento de sua jornada de trabalho, pois exige muito mais que presencialmente, além da pouca experiências com o novo modelo, levando a muito mais trabalho do que presencialmente.

Diante da realidade apresentada pela escola, não foram medidos esforços para tentar levar o ensino aos alunos, mas, como muitas famílias, não possuíam acesso a internet, o que restou foram os pais irem buscar as atividades e desenvolvê-las com as crianças.

A prática pedagógica pautou-se na construção de meios, mecanismos, buscando os meios midiáticos para que essas atividades fossem desenvolvidas. Houve necessidade, em alguns momentos, de trazer o responsável à escola para capacitá-lo, a fim de que ele pudesse auxiliar o seu filho em casa também.

O que eu observei na rede foi a dificuldade com a internet e com os alunos que dispunham de tecnologias para que acompanhassem esse ensino. Então, as escolas providenciaram atividades impressas, e dentro dessas atividades impressas, é que os responsáveis vinham buscar, muitas vezes, os professores e todos nós tentávamos auxiliar esse responsável para que chegasse até o aluno, qual era a maneira como ele deveria desenvolver essas atividades. [Professor C]

As famílias também tiveram que se adequar para que as crianças e jovens não perdessem o acesso ao ensino, por mais que fosse de forma bem superficial, o que veio favorecer a semiformação dos alunos.

4.4. Mecanismos de autossuperação no pós-pandemia e o Ensino Remoto

Em menção às falas dos professores B,C e G, ponderamos uma sobrecarga de trabalho dos docentes e o sentimento de frustração com base na dificuldade de ter o contato com esses alunos:

Para mim, eu que estava com quinto ano, foi muito difícil porque eu já tinha alunos que não estavam alfabetizados e essa situação se agravou, durante a pandemia, por eles não estarem em contato comigo. E assim, foi frustrante porque eu não consegui atingi-los. Muitos alunos eu fui até a casa, peguei endereço na secretaria da escola, fui procurando as casas nos bairros ao redor da escola, e muitos endereços não existiam também. Então, dos 30 alunos que eu tinha, eu consegui atingir apenas 13. Então, foi frustrante porque eu não consegui atingir o meu objetivo como profissional naquele ano. [Professor C]

Olha, as consequências, eu acredito assim, também fiquei com o psicológico abalado, o emocional abalado, me senti invadida e invasiva, né? E assim, tive que me adequar, me sentir na realidade, essa é a fala. A consequência é sentir-se incapaz, sentir-se frustrada, por quê? Porque você não chega ao objetivo, você pensa, você planeja, mas não chega ao objetivo. Então, é frustrante. [Professor B]

Então, a gente como trabalha com rede pública de ensino e a nossa clientela tem um poder aquisitivo um pouco baixo, então basicamente quando você precisava daquele retorno, você não tinha porque, já tinha trocado de telefone, já tinha trocado de número, aí você tinha que fazer a busca ativa para poder receber de novo esse aluno, trabalhar com ele, mas além do trabalho remoto, também tinha os pais que vinham buscar bloco de atividades, então a gente tinha retorno de 60%, apenas, dos alunos. [Professor G]

Foram inúmeras tarefas desenvolvidas pelos docentes, eles alimentavam um sistema virtual com atividades online, postavam essas atividades em aplicativos que eram formados por

grupos nos quais estavam inseridos os responsáveis pelos alunos e os alunos que tinham *smartphones*.

Devido à falta de comunicação com os responsáveis que não tinham telefones e os que tinham, mas trocavam o número de telefone e não informavam os professores como também os que não tinham acesso à internet levou os docentes a decidirem ir à residência dos alunos fazendo uma busca ativa. Essa busca foi uma forma de tentar amenizar a evasão escolar, pois diante das dificuldades de acesso à informação e à tecnologia, muitos desistiam de continuar realizando as tarefas escolares.

Os professores consideraram o uso da tecnologia como um recurso muito importante na prática pedagógica, desde que seu acesso seja disponibilizado para todos, como percebemos nas falas dos professores abaixo:

A repercussão do ensino remoto na minha prática pedagógica, né? Particularmente, repercutiu em nova busca de conhecimento também para o nosso trabalho, você procurar novos conhecimentos, né? novas práticas, novos procedimentos pedagógicos para atender aquele aluno de forma remota e híbrida depois com o passar do tempo. [Professor I]

É... deixou assim muitas questões relevantes, eu achei que o uso da tecnologia, por exemplo, é um recurso muito importante que a gente precisa saber usar, mas quando a gente tem esse acesso, porque não adianta nada a gente falar de tecnologia e os alunos não terem esse recurso disponível, mas são recursos indispensáveis, são recursos muito importantes onde a gente pode trabalhar principalmente na alfabetização, com jogos, várias questões didáticas que atraem a atenção dos alunos e isso faz com que eles aprendam melhor, então eu tive a oportunidade de fazer uma pós-graduação durante o tempo da pandemia e a gente desenvolveu alguns jogos de consciência fonológica, alguns jogos pedagógicos, esses jogos eu sempre encaminhava aos grupos, isso daí era uma questão positiva, só que como eu falei, nem todos os alunos dispunham de internet, de celulares e não podiam participar, então a gente até tentava fazer a nossa parte, mas o retorno não era 100% positiva. [Professor K]

É interessante e necessário o uso das novas tecnologias no ensino desde que seja trabalhada de forma planejada e consciente, que permita que os alunos apropriem dos conhecimentos, interajam e reflitam sobre esses conhecimentos.

5. O ENSINO REMOTO NAS ESCOLAS PÚBLICAS DE CORUMBÁ NA VISÃO DOS PROFESSORES SOBRE OS ALUNOS

A escola é um espaço que além de trabalhar com os conteúdos curriculares e reprodução de normas institucionalizadas também permite aos alunos instituírem relações sociais fora dos laços consanguíneos, essas relações entre os alunos são importantes para a construção da sua identidade como também para a construção do conhecimento de forma crítica.

Nesta seção exporemos a visão dos docentes sobre a visão dos professores sobre os alunos em relação a sua aprendizagem, interação e socialização.

5.1. Aprendizagem e classe social dos alunos

Observamos que a formação inicial dos professores e a situação de pobreza ajudaram, na contramão para satisfazer o perfil dos alunos corumbaenses, em tempo de pandemia.

As mudanças ocorridas no período de pandemia trazem uma grande necessidade de reinvenção, não só na área educacional, mas também em outras áreas, como na profissional e pessoal. Há alguns modos e jeitos tradicionalistas que podem ser alterados com maior facilidade e outros que não se deixam ser alterados com a mesma facilidade e dinâmica. A didática dos professores, se vista de uma forma macro e unilateral, tem sido capaz de atender aos alunos, porém, ao adentrar o recinto das situações micro, a base da norma que rege o processo educacional se manteve inalterada. (LIMA, 2022, p.21).

Corroboramos com os estudos de Lima (2022) que era preciso, especialmente, em Corumbá reinventar rapidamente a educação para adequar tanto à pandemia como ao perfil de vulnerabilidade de seus educandos, o que deteriorou de forma drástica a situação de aprendizagem dos alunos: “Aqui na nossa escola principalmente, foram muito afetados porque a grande maioria é de família humilde e a região que eles moram não tem internet, então eles foram muito afetados pela pandemia”. **[Professor A]**. Devido a vulnerabilidade dos alunos, a dependência ao ensino presencial, em Corumbá foi difícil garantir o acesso dos alunos ao direito ao ensino.

[...] os professores indicam o contrário: os problemas não são apenas intraescolares, mas dizem respeito à falta de condições adequadas para realizar o ensino remoto. Saviani (2020a), ao analisar as relações entre capital, conjuntura nacional, pandemia e educação, afirma a existência de uma crise conjuntural (causada pela pandemia) e outra estrutural (inerente ao modelo capitalista). Para Mészáros (2011), a crise estrutural do capital é resultado de sua busca expansionista irracional com consequências devastadoras e irreversíveis para sua própria existência como sistema de controle do metabolismo social. As crises cíclicas da formação capitalista foram se tornando cada vez mais frequentes, a ponto de se tornarem fundamentais e incorrigíveis. Essa crise incontrolável e estrutural provoca impactos em todas as esferas da vida social. No campo educacional, por exemplo, observamos a subsunção de seus princípios omnilaterais de formação à uma perspectiva instrumental, voltada à formação de capital humano ou o processo crescente de intensificação e precarização do trabalho docente. (SANTOS, MARQUES e MOURA, 2022, p.5)

Nesse sentido podemos afirmar que o problema da covid-19 vislumbrou a má execução de políticas distributivas do Estado, pelo Município de Corumbá, como pode se observar no discurso a seguir.

Eu acredito que sim, porque com o ensino regular presencial, os alunos têm um acompanhamento dos professores que estudaram para isso. Nós somos formados para alfabetizar, no caso, porque sou alfabetizadora, mas nós fomos formados para ensinar e na ausência da escola presencial, os alunos foram afetados a questão da aprendizagem, a questão da proteção, porque a escola hoje não exerce somente a função de ensinar, mas também proteger, de garantir o ensino, o direito ao ensino, à aprendizagem e também a proteção. A escola é um ambiente em que as crianças se sentem protegidas e se sentem livres para falar e o que está acontecendo com elas em outros lugares. **[Professor B]**.

Podemos considerar que vivemos em um mundo onde se universalizou nossa vida em rede. De alguma forma todos temos algum contato com a internet, até mesmo as pessoas que são excluídas na mais profunda miséria, que é o caso dos alunos dessa instituição escolar que é localizada numa zona periférica e que mesmo assim essa comunidade está em um meio cultural que é dominado por essa rede.

Diante das respostas a indagação citada acima trazemos a contribuição de Marcuse (1964, p.150) quando diz que: “Contudo, quando a técnica se torna a forma universal de produção material, circunscreve toda uma cultura; projeta uma totalidade histórica um “mundo”.

Para o autor a técnica já dá a cultura uma forma de ser, ela age na cultura de uma forma que ela dá a mesma uma trajetória. Essa nova técnica não seria uma solução para o problema mas uma nova forma de viver esse problema, com essa nova forma tecnológica os problemas tomam um novo formato, eles se adequam a essa nova realidade a essa nova técnica. Os alunos já tinham dificuldade na questão da aprendizagem antes do ensino remoto e o mesmo diante da pandemia não veio para melhorar essa situação, mas sim para se adaptar a esse contexto sem trazer uma solução para isso.

5.2. Interação entre alunos e professores no Ensino Remoto

A interação entre alunos e professores durante a pandemia, também ilustra o lado fraco da gestão pública em escolas de Corumbá. Embora os alunos tenham constatado que o apoio dos professores foi crucial para enfrentar o estado desigual de vulnerabilidade de alunos vindos

de classes desfavorecidas, a classe que mais sofreu com essa interação é a de professores, porque como trabalhador assalariado, teve sua força de trabalho explorada mais ainda.

Tal foi se manifestando a partir da sobrecarga de tarefas, o que gera desconforto na classe docente, com a prática de intensificação do trabalho docente, como ilustram alguns pesquisadores dessa temática:

Em relação a essa tendência de intensificação do trabalho docente, Contreras (2012) aponta fatores como: falta de tempo; média de alunos atendida por professor (proporção professor/aluno); trabalho extrassala; cansaço crônico; correção de provas; duplicação da jornada (professores turbos). Os professores concordam que esse processo de precarização e intensificação de seu trabalho geram consequências muito nefastas para a qualidade do ensino por eles oferecidas. Sem tempo para prepararem aulas, acabam usando cartilhas com conteúdo prontos. (FRANCISCO, 2022, p.497).

A interseção entre alunos e professores, embora intensificasse o trabalho da classe docente, o ensino remoto aproximou cada vez mais a classe docente “a realidade dos alunos, embora, também noutros casos o sentimento seja de um distanciamento cada vez maior. Muitos alunos se sentiam afastados de seus professores por conversar virtualmente e, algumas nem conseguiam conversar nesse modelo devido a precariedade das condições de internet.

Nesse contexto, o novo modelo dificultou a adaptabilidade dos alunos e se sentiram sobrecarregados e/ou abandonados pelas condições existentes o que, por via de consequência não conseguiram absorver os conteúdos. O relato dos dois professores abaixo, mostram o que as desigualdades sociais afetou a interação dos alunos com os professores:

“Aqui na nossa escola, ela não se tornou de forma remota. A prefeitura tentou impor, mas na nossa região as famílias são humildes, o sinal de internet não funciona. Nem pra telefone não funciona, você imagina pra internet que é pior ainda. Não funcionou com a gente”.

[Professor A].

A interação assim, são várias. Inicialmente, a interação mais com os pais, mas lá no início, no início da pandemia, nós não tínhamos uma grande interação, porque na realidade foi proposto que nós formássemos grupos de *WhatsApp*, e não era obrigação, não era obrigatório, nós poderíamos formar esses grupos ou não. Logo em seguida, nós estávamos com plataformas da prefeitura, em que nós preparávamos os blocos de atividades, mandava para coordenação, coordenação mandava para a Secretaria da Educação, e ficava acessível para os pais lá. Só que os pais não acessavam, logo os pais precisavam de orientação dos professores, para eles poderem acessar. Porém, o que aconteceu comigo, passei vários dias ensinando os pais a como entrar na plataforma da prefeitura para acessar as atividades, e eles diziam, bom professora, até aqui eu cheguei, já aprendi, agora a senhora pode imprimir para mim? Então, através dos meios, das mídias, isso no primeiro ano, 2020, no segundo semestre de 2020, nós já formamos os grupos, nós já tínhamos mais liberdade para passar atividades nos grupos para os pais. Sempre a interação era maior com os pais. Quando eu, minha experiência, eu percebi que eu só estava interagindo com os pais, eu procurei mecanismos para poder ver essas crianças, e então eu pedi para que gravassem vídeos,

para que eles falassem, e deixei de exigir tanto, por quê? Porque eles não tinham internet, eles não tinham celular, às vezes era um único celular para a família toda, eles não tinham computadores, poucos os que tinham computadores. Então, assim, a interação seria mais com coisas do dia a dia, com animal de estimação, falar do seu dia a dia, como você está, como que você não está, e observando que os pais que vinham para a escola, no plantão de atendimento, que eram dois dias na semana, que nós interagíamos com os pais e não com as crianças, eles vinham buscar as atividades e muitas vezes eu pedia que eles gravassem vídeos da criança fazendo atividade, muitas vezes eu vi criança sentada no chão, ou de joelho na frente de uma cadeira, com a atividade, o bloco de atividade na cadeira para ela fazer, a mãe parecia que queria bater naquela criança para que a criança falasse comigo, para que a criança fizesse direito, e essas atividades vinham com a letra do pai, da mãe, mas nunca da criança, muito difícil vir com a letra da criança. Então, a interação com a criança foi mínima, foi mais com os pais. **[Professor B]**.

Portanto, aqui está mais explícito que a interação entre alunos ficou nitidamente comprometida com a condição vulnerável dos alunos e de suas famílias, do que a própria postura dos professores, como espelham os estudos de Lima (2022) que as desigualdades sociais colocaram a responsabilidade unilateral nos professores para dar conta do processo de ensino e isso incentivou a exclusão daqueles alunos que, a priori, suas condições sociais de aprendizagem eram dependentes do ensino presencial.

A didática dos professores, se vista de uma forma macro e unilateral, tem sido capaz de atender aos alunos, porém, ao adentrar o recinto das situações micro, a base da norma que rege o processo educacional se manteve inalterada. O período pandêmico tornou possível a emersão desse processo de inclusão que, paradoxalmente, ainda se mantém excludente por ser uma educação pensada apenas para aqueles que ouvem. (LIMA, 2022, p.19).

Portanto, Lima (2022) nos alerta a pensar como a falta de políticas e regulamentações concretas para enfrentar a pandemia, no concernente a garantia da interação entre os alunos e professores – aqui entendida como igualdade condições de acesso ao ensino de qualidade – pode ter colocado aos alunos de Corumbá na inclusão excludente.

Portanto, cabia ao município criar condições que, no momento da pandemia a educação fornecida, independentes da situação social dos alunos e suas famílias fosse de qualidade e, não, pelo contrário, que a omissão desse ente concorresse para uma educação menos favorável àqueles alunos cujas condições sociais reforçam ou aumentam o não acesso às tecnologias de informação – os únicos meios que garantiam a interação, transmissão e assimilação dos conteúdos. Assim, podemos concordar com muitas pesquisas feitas em Corumbá que enfatizam que durante a pandemia do covid-19, houve reforço e/ou aumento ou até foi fácil escancarar o nível acirrado das condições desiguais no acesso ao conhecimento para as camadas sociais que sempre foram esquecidas nas políticas públicas. (SANTOS, MARQUES e MOURA, 2021 e LIMA, 2022).

Debater sobre a avaliação escolar requer reflexões mais amplas sobre o papel da escola na formação humana. A educação escolar, na perspectiva do desenvolvimento omnilateral dos alunos, implica o ensino e a aprendizagem de saberes sistematizados, que visam a superação da reprodução das relações de dominação e desigualdade. Sendo assim, concordamos com Saviani (2020b) quando afirma que a organização e viabilização das condições de transmissão e assimilação dos saberes sistematizados são fundamentais. Diante da declaração de emergência em saúde pública realizada pela OMS em decorrência da infecção humana pelo coronavírus, as aulas presenciais foram afetadas drasticamente, considerando-se que a principal recomendação para redução da circulação do vírus é o distanciamento social. Em Corumbá, região do Pantanal Sul-mato-grossense, tal medida foi regulamentada pelo Decreto Municipal n.º 2.263 de 16 de março de 2020. (SANTOS, MARQUES e MOURA, 2021, p.7).

O que se deu na prática, em Corumbá, o governo local ficou apenas na regulamentação e não exatamente na provisão de condições. Este posicionamento nos coloca a incluir que a pandemia escancarou as mazelas do capitalismo ao ilustrar que até em microambientes sociais o Estado esteve apenas a regulamentar e não prover as condições sociais – valeu a teoria do Estado mínimo, como ilustram os depoimentos dos professores.

Então, nas escolas onde eu trabalhei, na verdade não tivemos muito, o que teve foi grupos de alunos criados, onde na maioria das vezes não eram nem as crianças que participavam, e sim os pais, então alguns pais disponibilizavam esses celulares para os alunos terem acesso, alguns vídeos que eram enviados, alguns tutoriais de atividades, mais poucos, mas em relação ao aluno fazer aula online, eu não tive essa experiência, mas a gente mandava atividades para as peças que os pais buscavam na escola, os responsáveis buscavam, e os alunos desenvolveu em casa. **[Professor K]**

De acordo com as respostas dos docentes, como consequência do distanciamento social, a interação entre alunos e professores não se efetivou, pois poucos alunos tinham acesso a internet, dificultando tanto essa interação como o desenvolvimento das atividades de forma virtual. Diante disso os responsáveis pelos alunos passaram a optar por buscar as atividades de forma presencial, arcando com a responsabilidade de desenvolvê-las com os alunos.

5.3. A pós-pandemia na aprendizagem dos alunos

Embora a necessidade de voltar a escola fosse a melhor hipótese na pós-pandemia, questões essenciais como seriam retomadas e recuperadas as aulas não foi claramente nem regulamentadas nem esclarecidas. Foi nesse contexto que a nossa pesquisa procurou saber dos professores.

Portanto o período de pós-pandemia se caracteriza pela implementação de mecanismos de recuperação, o que de certa forma, dependendo das capacidades dos sujeitos e das escolas,

demandando enfrentar desafios para que de fato os alunos aprendessem. Outrossim o uso de bons instrumentos, por parte dos professores, para diagnosticar a situação real de cada grupo de alunos pode ser importante nesse momento, para depois potencializar a aprendizagem. De novo, pode se ver que a responsabilidade cai nas mãos dos professores, como nos alteram Lacerda e Geco Junior (2021) que:

Em suma, a prontidão do professor com dúvidas sobre o conteúdo e as tarefas, o compartilhamento de experiências pessoais, o feedback personalizado e a comunicação aberta com os estudantes promovem a presença do professor e a coesão do grupo, que são cruciais para o engajamento e a motivação no ambiente online. (LACERDA e GRECO JUNIOR, 2021, p.33).

O professor devia somar seus esforços para dar conta dos desafios, como ilustram os depoimentos dos professores de Corumbá. “Com muita dificuldade. Essa dificuldade já existia e piorou, piorou mais ainda com a pandemia”. **[Professor A]**.

Na atualidade estamos vivenciando um momento inovador no cenário educacional. Sabemos que os professores e alunos não estavam preparados para lidarem com esse novo modelo de educação, que emerge em meio às necessidades nesse contexto da pandemia do COVID-19 em que o mundo está inserido. O isolamento social tem sido uma das principais medidas para conter a expansão do vírus. Diante dessa situação as aulas presenciais necessitaram ser suspensas. Nessa perspectiva, os órgãos responsáveis pela organização do sistema educacional como o Conselho Nacional de Educação (CNE), trouxe orientações para a retomada das aulas na modalidade remota. Os recursos tecnológicos tornam-se ferramentas essenciais nesse processo. Mas nos deparamos com a falta de preparação dos professores e alunos para lidar com esses recursos, devido à falta de formação continuada e de recursos tecnológicos disponíveis nas instituições de ensino. De acordo com Demo (2007, p. 109) afirma que “carências de recursos para comprar as ferramentas tecnológicas, acesso à internet, se depara com currículos defasados e ambientes escolares atrasados, que não possuem os recursos tecnológicos para o professor e aluno”. (SILVA, SANTOS e de PAULA, 2021, p.4).

Os professores entrevistados reconhecem que, no diagnóstico, que os alunos voltaram sem condições de aprendizagem, logo cabia a elas para retorná-lo os alunos ao ritmo de aprendizagem, como aconselham Lacerda e Greco Júnior (2021).

É importante reconhecer a potencialidade do aluno em um determinado assunto para desenvolver outras capacidades, entender como deve ser feita a adaptação do conteúdo, realizar relatórios contínuos para observar o desenvolvimento e ter um contato com o professor de sala de recursos que seja relevante e priorize a troca de conhecimentos sobre a evolução dos alunos. (LACERDA e GRECO JUNIOR, 2021, p.131).

Enfim, a aprendizagem dos alunos pós-pandemia, veio de fato a escancarar a inoperância das políticas públicas em educação, porque a defasagem se caracterizou mais nas escolas, pelo menos no entender das professores entrevistados:

Esses alunos voltaram em relação à aprendizagem e vieram com uma aprendizagem bem defasada. Não posso dizer que eles vieram sem saber nada, que eles sabem, porém eles estacionaram, porque aquilo que eu falei lá no início, quem tem a didática, a metodologia, a maneira de ensinar e como chegar aos objetivos são os professores, os pais não estudaram para isso e também não tinham paciência para ensinar. O que acontece? Eles vieram com uma aprendizagem defasada para o nível que eles deveriam estar. Muitos alunos nem pegavam no caderno, nem pegavam no lápis, na borracha para fazer, para realizar as atividades, como eu disse antes, os pais faziam ou alguém fazia por eles. Então, veio defasado e também vieram com o emocional abalado. Ainda ontem eu atendi, hoje eu estou na coordenação, ainda ontem eu atendi uma menina que começou a chorar do nada, crise de ansiedade. Eu fiquei pensando, gente, da onde surgiu isso? Da pandemia, da pandemia. Então, assim, as crianças voltaram com uma aprendizagem comprometida, digamos assim, não estão no nível que deveriam estar, o emocional ou psicológico abalado. Então, o nosso trabalho é muito maior, porque nós, além de sermos professores, o que antes nós dizíamos que éramos psicólogos e médicos e tudo mais, hoje muito mais. E um detalhe, o professor também não está bem. **[Professor B]**.

O conceito defasagem referenciado pelo professor entrevistado foi que mais ilustrou o quão as desigualdades sociais escamotearam nas escolas de Corumbá, como previam muitos estudos que com a retomadas das aulas, no pós-pandemia “Os reflexos serão excessivos na aprendizagem causando abandono escolar, defasagem, acentuando os problemas já existentes e reforçando as fragilidades um grupo com necessidades específicas potencializando a iniquidade”. (LACERDA e GRECO JUNIOR, 2021, p.129). As falas dos dois professores mostram que a pós-pandemia trouxe mais desafios, do que o simples voltar à sala de aula; falta do cumprimento de rotina das atividades escolares.

Os alunos voltaram sem ritmo, de sala de aula, sem rotina. Já não era mais rotina deles formar fila, entrar numa sala de aula com vários outros alunos, maneira de portar-se na sala de aula. E é algo que ainda está sendo construído após essa pandemia, porque por mais que estejamos no mês de outubro, os professores ainda não conseguiram atingir essa questão da rotina dos alunos. Faltam ainda bastante, continuam faltando a presença do responsável para acompanhar essas atividades, o desenvolvimento das atividades, observar os cadernos, porque até mesmo em casa, esses alunos já não têm essa rotina de parar, estudar, procurar ler as atividades que devem ser desenvolvidas. **[Professor C]**

E nos alertam que isso pode ser por causa da ansiedade e o medo que os alunos tiveram durante a pandemia, e que,

Vários estudos têm possibilitado grande contribuição para uma visão mais ampla dos efeitos da pandemia diante do desafio da educação. Com esses estudos podemos

perceber um aumento de vários sintomas como a da ansiedade, medo, confusão mental, depressão, incapacidade, raiva, estresse pós-traumático entre outros. (SILVIA, SANTOS e de PAULA, 2020, p.6).

E a outra professor comenta dizendo:

Eu vi que os alunos voltaram com muitas dificuldades de aprendizagem. Alguns não conseguem acompanhar os conteúdos previstos para as aulas e as séries estão muito fora da idade série, abaixo, e não realizam as atividades durante esses dois anos, eles ficaram sem as atividades. Então isso dificultou muito o trabalho. **[Professor D]**

A volta às aulas além de encarar a defasagem na aprendizagem, mostraram que os alunos tiveram muita ansiedade de voltar à escola e colocou aos professores o grande desafio para a recuperação dos conteúdos precedidos durante à pandemia. Assim, para os professores entrevistados os desafios na pós-pandemia se resumem em **defasagem** e **ansiedade** tanto parte dos alunos como dos professores, como ilustram as falas a seguir:

Eles voltaram bastante ansiosos né? Porque foi um período longo, afastados da escola e eles voltaram com a aprendizagem bastante defasada né, e com essa necessidade mesmo de interação e foi um período que não podia ter toque, não podia ter aproximação, abraço, todos usando máscara, então eles sentiram muito porque eles agem por impulso e eles queriam estar próximos dos colegas, então foi um período bastante difícil. **[Professor E]**

Um processo bastante complicado, né? Se a gente avaliar que o processo ensino-aprendizagem a gente não deve considerar somente a leitura escrita, mas também muito o fator emocional, a pandemia muito, acho que não só a sociedade como a nossa categoria profissional, né, os professores voltaram diferente, os alunos voltaram diferentes e aí a maturidade de como é que a gente lidar com esse momento com as crianças que voltaram mais pobres, né, porque essa é a minha realidade, eu dou aula para crianças carentes, eu dou aula para crianças carentes, os meus alunos são crianças carentes, então os alunos voltaram mais pobres, os alunos voltaram com muita vontade de interação social, eles perderam dois anos e poucos de convívio social e isso você não vai devolver, né? Como se queimasse a etapa daquela criança que nasce e tem que aprender a andar porque ela ficou dois anos e pouco deitada ou numa cadeira de rodas, então agora elas têm que andar, então os alunos voltaram com muita dificuldade e aqueles que já tinham iniciado seu processo educacional voltaram com bastante déficit, é um grande desafio. **[Professor F]**

Voltaram com bastante dificuldade. Eu tiro pela minha série que eu dou aula no quarto ano, esse ano de 2022, se contar os dois anos afastados da escola por causa da pandemia, eles tiveram somente o primeiro ano das séries iniciais. Então eles vieram com bagagem, com conhecimento da primeira série, do primeiro ano do ensino fundamental. Então quando a gente recebeu, quando os professores esses alunos, nós tivemos que fazer, voltar um pouquinho no tempo, revisar bastante conteúdo, ter paciência bastante para a gente poder caminhar aos pouquinhos para ver que aluno que podia caminhar naquela série, que aluno que tem que ter um tratamento especial, uma atividade diferenciada para poder alcançar o conteúdo do quarto ano. Então eu acho que eles voltaram com bastante deficiência, também outra coisa do convívio social, não só de aprendizagem, mas também aquela função social que a escola exerce, que eu trabalho em grupo, trabalho em comunidade com a família também. Então a escola não trabalha somente ensinar a ler e escrever, mas existe uma função social que são os grupos dentro da classe, são as atividades proporcionadas pelas escolas que

precisa dos grupos e também a escola proporciona aquela atividade com a família também. **[Professor G]**

Então, como se torna muito difícil, a questão do social, da afetividade. Esses alunos me retornam em três níveis, né? Vou falar primeiro um pouquinho do nível de aprendizagem, como eles se retornaram. Eles me retornaram em três níveis. Quais são esses três níveis? Um aluno que estava em alfabetização, um aluno que estava alfabetizado e um aluno que já estava consolidado com aquela alfabetização que eu poderia progredir com ele. O que prejudicou nessa questão do isolamento social? A afetividade e a mediação do aluno, do professor. A afetividade é importante no aprendizado, porque, a meu ver, a criança precisa ter a confiança no educador, seja ele pai, mãe ou o próprio professor, ela tem que ter aquela confiança no educador para ela começar a despertar um interesse por aquele assunto. Então, nessa fase do isolamento, não havia essa confiança e essa mediação dos pais para com os alunos. Isso prejudicou muito. E hoje eu encontro muitos alunos que dependem, ficando dependendo desse conteúdo que não foi consolidado durante esse tempo pandêmico né?, de isolamento. **[Professor H]**

Os alunos retornaram bastante em busca de aprendizado com muita dificuldade de conseguir acompanhar as atividades, então tivemos que realmente realizar adaptações nas atividades para poder atender esses alunos que voltaram com muita dificuldade. **[Professor I]**

Nossa, vieram muito defasados, porque esses alunos, no caso eu trabalho com o primeiro ano, eles não tiveram pré-1, não tiveram pré-2, que são a base para a alfabetização, em relação à coordenação motora fina, em relação à postura dentro da sala de aula, até se acostumarem com a rotina, com todas as rotinas que tem na escola. Então foi muito difícil, está sendo ainda. **[Professor J]**

Segundo os pontos anteriores as entrevistas para este ponto, durante a pandemia, os vulnerabilizados tiveram mais dificuldades de aceder aos conteúdos e sua aprendizagem também foi afetada. Outrossim, ao voltarem à escola essa experiência inesperada impactou na sua volta ao processo de ensino e aprendizagem em Corumbá, como argumentam as nossas entrevistadas:

Os alunos voltaram com muitas dificuldades, porque na verdade foram dois anos que foram perdidos, que muitos alunos não conseguiram aprender as habilidades necessárias que eles precisavam de acordo com cada série, e isso deixou o ensino muito defasado, no entanto que agora nós temos que estar correndo atrás e fazendo, engajando tantos, articulando tantas outras atividades e projetos e programas que tanto a Secretaria como o Governo Federal oferecem para a gente poder recuperar, que agora tem a recomposição de aprendizagem, o “MS Alfabetiza”, tudo isso para ver se a gente consegue correr atrás desse tempo que ficou perdido, desses anos, onde os alunos não adquiriram as habilidades necessárias que eles precisavam. **[Professor K]**

O ensino remoto para esses alunos demandou uma soma de esforços tanto para os professores, como para os gestores escolares e quiçá as cúpulas municipais e estaduais. Nosso ponto de vista é que em meio a pandemia e a pós-pandemia exige que haja uma tendência

profissional de flexibilização curricular de modo que sejam recuperadas dos alunos as habilidades prioritárias, tentando, nisso, desenvolver no professor outras ou novas competências que facilitem o mapeamento das habilidades adquiridas pelos alunos, nos conteúdos necessários para não prejudicar a aprendizagem dos vulnerabilizados na pós-pandemia, em Corumbá e, quiçá, criar nos professores um sentimento e capacidades de superação dos desafios do ensino remoto.

5.4. Mecanismos de ressocialização dos alunos na pós-pandemia

Diante das respostas dos professores observamos que ao retornarem para a escola, os alunos voltaram com muitas dificuldades na aprendizagem, inclusive muitos deles retrocederam na aprendizagem.

Aprendizagem, eu já disse, aprendizagem ficou um pouquinho deficiente, porque basicamente ficamos dois anos parados com os alunos apenas se envolvendo remotamente. Então, alguns professores, eu também, vou ser bem realista, se eu for trabalhar realmente atividade e conteúdos que é do quarto ano, eu vou estar ficando com eles, porque a gente precisa voltar em algumas atividades do segundo e do terceiro ano para poder acompanhar esse ano letivo e ter uma base mínima para poder passar de ano, para poder passar para outra série. [Professor G]

Difícil. Eles estão com muita defasagem. Então, o que eram habilidades que eram esperadas para que fosse desenvolvido, os professores tiveram de retroceder para que conseguissem atingir os alunos, para que conseguisse chamar a atenção até mesmo dentro da rotina de sala de aula, o que eles perderam. E temos aqueles alunos que também não frequentaram sala de aula, que também não tinham essa rotina. E essa aprendizagem, ela retrocedeu. As séries tiveram que retroceder dois anos porque os alunos não estão alfabetizados. Digamos assim que 80% dos alunos estão sentindo de veras dificuldades em realizar processos simples, tanto na disciplina de matemática quanto na disciplina de língua portuguesa, que são as mais exigidas, que delas dependem das demais. Língua portuguesa, o aluno não consegue ler, interpretar, não consegue redigir um texto coeso ou mesmo uma frase coesa, dependendo da série qual ele se insere. [Professor C]

Silva, Oliveira e Agostini (2021) vinculam a essência educativa no tempo da pandemia, à reflexão da aparência em torno do modo educativo que se articula na remissão do seu duplo caráter dialético diante das próprias consequências da pandemia, isto é, daquilo que Adorno chamou de adaptação e resistência na sua perspectiva da teoria crítica.

Conforme Adorno (1995) para que aja a educação para a emancipação se faz necessário a adaptação, pois ela nos prepara para operar na realidade. Porém ela precisa estar associada a resistência. Nas palavras do autor:

A educação seria impotente e ideológica se ignorasse esta finalidade de adaptação, e não preparasse os homens a operarem na realidade. Mas ela seria igualmente

questionável se se reduzisse a isto, produzindo nada mais do que well adjusted people. Nesta medida, no conceito de educar para tornar racional e para tornar consciente existe de antemão uma cisão, uma ambiguidade. (Adorno 1995, p.143)

Quando a educação fica estagnada na adaptação ela gera um conformismo desencadeando nas pessoas passividade diante disso ela abre uma lacuna para o ressurgimento da barbárie. Desta forma, é importante que a escola dissemine valores que contribuam para a emancipação fazendo o uso cotidiano da reflexão e não esquecendo do passado para que atrocidades como as que ocorreram em Auschwitz não se repita.

Analisando as dificuldade dos alunos para conviver socialmente na escola. Destacamos a fala de dois professores:

A parte de socialização das crianças e aprendizagem, ela está acontecendo com o decorrer dos dias, dos meses que a gente percebe, mas tem melhorado a cada dia mais. No começo, no início do ano, foi bem um pouquinho difícil para eles porque eles estavam se adaptando a um novo recomeço. E agora não, agora você já percebe que eles já estão criando aquela rotina escolar, mesmo sendo finalzinho de ano, eles já estão criando essa rotina diária. [Professor I]

E sobre a convivência social, que eu toquei bastante, no começo do ano eles tinham dificuldade de falar em público, de se comunicar, de trabalhar em grupos, mas hoje eu sinto que eles trabalham bem em grupo, estão se comunicando melhor, o aluno ficar em casa, vamos dizer, um tempo, dois anos, eles viram muita coisa dentro da casa deles. E aqui agora na escola, que eles passam quatro horas na escola, eles estão vivenciando e vendo outro tipo de coisa. São outro tipo de pessoas, lá eram a família, aqui não, aqui são os amigos, os colegas de sala de aula mas eles estão socializando bem. Se o professor trabalhar bem, essa parte de desenvolver trabalhos em grupos, eles caminhando bem. [Professor G]

Para que houvesse continuidade na transmissão do ensino, todos tiveram que se adaptar a uma nova realidade, que foi a educação remota. Fato esse que causou estranheza em todos envolvidos no processo educacional.

Os alunos que eram acostumados a terem aulas de forma presencial tiveram que se adaptar, esses jovens e adolescentes ficaram sem contato com os professores, colegas devido ao distanciamento social.

Infelizmente no que concerne à realidade da escola pública no município de Corumbá, pouquíssimos conseguiram interagir de forma remota diante da falta de conectividade e de recursos tecnológicos.

A falta de socialização os deixaram a par de interagir em sociedade pois a escola para muitos era o único lugar em que eles se comunicavam fora do ambiente familiar era um espaço significativo na vida deles.

6. CONDIÇÕES DE TRABALHO ENSINO REMOTO NA VISÃO DOS PROFESSORES

A adoção ao trabalho virtual se tornou imprescindível para que a transmissão dos conteúdos curriculares ocorresse, diante das medidas de distanciamento social os professores precisaram improvisar em seus lares um espaço para que pudessem dar continuidade ao seu trabalho.

De início esses profissionais careceram de formações para trabalhar diante dessa nova realidade, conforme foi apontado nas seções anteriores por mais que não medissem esforços na realização dessa nova configuração de trabalho, os professores não conseguiram atingir todos os alunos e não tiveram muito retorno, no caso de atividades disponibilizadas de forma remota.

Essa situação levou vários desafios para os docentes, aprender a utilizar recursos tecnológicos num espaço curto de tempo, planejar e elaborar atividades em formatos compatíveis para alimentar plataformas digitais, buscar formas que impedissem os alunos de evadir a escola, conciliar o trabalho em casa com a família entre outros.

Este tópico vem tratar a respeito algumas questões enfrentadas pelos professores como o isolamento social da escola, a tendência de normalização da proletarização pós-pandemia e o uso das tecnologias no ensino pós – pandemia.

6.1. Condições de isolamento social da escola durante a pandemia

Diante do que foi concluído no ponto anterior, pode-se ver que as condições materiais tanto das famílias dos alunos quanto dos problemas estruturais das escolas concorrem para que as escolas corumbaenses corresse riscos de ter mais o processo de ensino e aprendizagem, já que o ensino remoto se demonstrava insustentável.

Para tal, uma das questões lançadas era para entender nos sujeitos se, com a inoperância das políticas públicas de proteção contra o covid-19, era preferível o encerramento do sistema escolar. Na visão dos entrevistados, o “fechamento” das escolas era melhor forma de proteção, porque a vulnerabilidade dos alunos e dos professores era maior, quanto as condições sanitárias fossem aquelas – escolha entre proteção e vulnerabilização.

“Sim porque a escola é o maior ... em que as crianças convivem mais, é um local fechado, também com salas fechadas e as crianças não tem noção assim de ter um afastamento e toda vez que tinha que fazer o uso da máscara, elas não tinham a precaução de ficar o tempo todo com a máscara. Imagina quando a Covid estava no auge? [Professor A].

Devido as condições precárias das salas o afastamento dos alunos se tornou a primeira estratégia de afastamento ao contato para evitar que situações ocorressem tão cedo, nomeadamente o alastramento do contágio em massa. Outrossim, em outros espaços do mundo, do Brasil, do Mato Grosso do Sul, as condições materiais podiam ser diferentes se as políticas públicas do capitalismo pudessem oferecer uma escola igual. Nessa ideia, podemos até corroborar com a ideia de Francisco (2022) de que a covid-19, em países periféricos veio mostrar o quão a dualidade negada do capitalismo tem sido veiculada pela escola pública.

Trata-se de um novo *modus operandi*, segundo Kuenzer (2007), do capitalismo que consiste da negação da dualidade em que, ao invés de, *a priori*, negar a participação da população ao acesso ao conhecimento, se camufla o acesso à escola e que dentro do processo interno de escolarização vários eventos fazem com que essa participação encontre vários obstáculos.

Durante a pandemia do covid-19, em Corumbá, as escolas, como núcleos de gestão tiveram que se arrumar para enfrentar a dualidade negada, pelo que tiveram que escolher entre a precarização do trabalho docente a proteção ou vulnerabilidade dos alunos, como explicita a fala do **Professor C**: “Sim, sim, porque implicava na saúde de todas as pessoas, independente do prejudicial que os alunos sofreram, os professores também foram prejudicados. Porque o que aconteceu com os alunos da defasagem está refletindo até hoje, nos dias de hoje, em sala de aula”.

Na fala do Professor pode-se extrair que a pandemia trouxe de novo para aquela escola o problema da defasagem. Contudo, precisa lembrar que tal foi em tanto porque as políticas de provisão escolar não foram cabalmente possíveis para se ter condições que pudessem proteger os alunos e os professores. É daqui que ressaltamos o conceito da escolha da proteção no lugar da vulnerabilização, como veio explícito nas duas a seguir:

- “Sim, pois era um meio de conter a doença, para não ter mais contágio”. [**Professor D**];
- “Sim, deveria né? Foi uma necessidade que nós entendemos como questão de saúde, então a saúde, o bem-estar físico, ele deveria ser preservado”. [**Professor E**].

Nessas falas, corroborando com Matta, Rego, Souto e Segata (2021) afirmam que o “**rei ficou nú**” com a pandemia, porque as desigualdades que estavam escamoteadas acabaram aparecendo a tona, e;

A crise do coronavírus muito mais potencializou vulnerabilidades e desigualdades já existentes do que criou novas situações. No Brasil, de acordo com levantamentos epidemiológicos e análises das ciências sociais, os pretos parecem estar pagando um alto preço pela doença. Além disso, o caso das populações ameríndias merece menção

especial. No Brasil, mas também na maioria dos países da América Central e do Sul, as condições muito degradadas de assistência à saúde desfrutadas pelos povos ameríndios foram especialmente destacadas. (MATTA, REGO, SOUTO e SEGATA, 2021, p.57).

Nesse sentido, no caso específico de Corumbá, como temos vindo a descrever, uma região com diversidade étnica e socioeconômica e de fronteira, a discriminação que a população tem sido exposta acabou sendo evidenciada pela pandemia. Assim, os professores relatam que, por causa dos problemas estruturais, em tempo de pandemia, o importante era a saúde das pessoas.

Sim, eu faço parte do grupo de professores que fizeram o coro de que naquele momento da pandemia o mais importante era a saúde da população brasileira e que com tantos problemas educacionais que nós já temos, nós encontraríamos os caminhos para que isso fosse recomposto ao longo do tempo, mas era realmente necessário. A pandemia não foi uma coisa qualquer, a pandemia foi um processo muito muito profundo, impactou muito a sociedade mundial, o Brasil não é uma ilha e era importante sim que tantos professores como os alunos funcionários da educação tivessem esse tempo em casa. **[Professor F]**

Tal foi confirmada com o outro professor que enxergou que além do sentimento de fraqueza individual na proteção dos alunos contra a pandemia, era preciso entender que não cabia mais a escola decidir sobre a permanência dos alunos na escola – era uma questão de Estado.

Eu responderia sim e não, sim porque basicamente que os professores estavam mais propícios a ter o risco do contágio e que as crianças, pela idade que os professores regentes, dão atenção, dão atendimento, mas assim, o que eu posso dizer? O professor queria que o aluno estivesse na sala, mas acho que por causa de normas jurídicas, impostas pelo município, pelo estado, então fez a gente ficar um pouquinho longe da escola. Eu acho que os alunos deveriam estar dentro da escola, eu acho que não precisava ficar afastado da escola, mas existem normas que a gente precisa obedecer, então a gente teve que cumprir né? **[Professor G]**.

Há, no dizer dos professores, um sentimento de vulnerabilização em quase todo o mundo, numa primeira fase da pandemia. Não obstante, com o andar do tempo, as condições materiais de cada escola, cada município, cada Estado foi adotando medidas para se adaptar da melhor forma às novas exigências da pandemia no ensino como no relato a seguir.

Sim, na minha visão, sim. No primeiro momento era inevitável porque o mundo estava diante de uma coisa nova que... Muitos países não sabiam resolver aquela questão. Então, no primeiro momento, sim, era inevitável. Deveria ser fechado. Mas, já no segundo momento, eu acho que as escolas deveriam estar caminhando para forma híbrida, ou remota, enfim, uma nova forma do ensino e, aos poucos, estarem liberando seus alunos para retorno nas escolas. **[Professor H]**

As escolas, o fechamento das escolas ocorreu de fato, porém as crianças foram atendidas com ensino remoto. Elas foram feitas assim, o fechamento das escolas, elas ficaram, eu concordo com o fechamento, até para proteção da saúde das crianças e de suas famílias. **[Professor I]**

É preciso pontuar aqui que a necessidade de se fechar as escolas estava mais ligadas à necessidade de proteção do que exatamente a posição do Estado de tomar providência para a proteção. Tal ficou agravante quando as escolas perceberam a dissipabilidade da vacina era fraca “Sim, sim. Estamos correndo risco, não tinha vacina. Então foi uma forma de proteger, proteger a vida”. [Professor J], **é que fechar as escolas era questão de segurança aos vulneráveis – os alunos e seus familiares**, como evidencia a fala da nossa última entrevistada:

Na minha opinião, sim, eu concordo, porque foi uma questão de saúde global, então tantas crianças corriam risco quanto nós adultos mesmo, se viéssemos trabalhar a gente poderia estar com grandes séries de riscos, então eu concordei com escolha de fechar as escolas, foi tudo para a nossa segurança. [Professor K]

A questão de proteção e vulnerabilização dos alunos e professores, incluindo seus familiares em Corumbá, pode ser vista tanto na interação entre os alunos e professores, durante a pandemia e na pós-pandemia. Foi assim que gradativamente a medida que as escolas iam se abrindo cada entidade ia tomando as precauções para evitar a propagação da covid-19.

Embora as medidas a serem tomadas tenham sido divulgadas em nível internacional que consistiam em: distanciamento físico; lavagem das mãos; limpeza e desinfecção; a lição mais importante de proteção dos vulnerabilizados em escolas de Corumbá foi a de que o papel dos educadores e educadoras era tão importante para (re)criar e manter as condições de aprendizagem e ao mesmo tempo se posicionarem no cuidado dos alunos para com a sua saúde e dos seus familiares. No dizer de Tavares e Pinto (2022) encontra na pandemia uma materialização da exclusão social, como relataram as nossas entrevistas, na perspectiva frankfurtiana e que parafraseando Adorno (1995), nos lembra:

“a escola é, para o desenvolvimento do indivíduo, quase o protótipo da alienação social”. Daí a necessidade de se compreender o caráter ideológico presente na sociedade capitalista com seus mecanismos de dominação que perpetuam as condições injustas de existência dos sujeitos nesse meio social excludente e de banalização da educação como cultura. Como a sociedade é permeada por discursos vazios de sentido formativo emancipatório, a educação escolar, por sua vez, é positivada via legislação. Todavia, na sua materialização ou substantivação, manifesta-se fragilidade de efetivação dos direitos sociais quando confrontados aos interesses econômicos burgueses, que são excludentes para a classe trabalhadora (TAVARES e PINTO, 2022, p.95).

Tendo-se constatando essa fragilidade passada pela classe social excluída, pudemos compreender as condições de isolamento social da escola durante a pandemia.

6.2. Tendência de normalização da proletarização pós-pandemia

Levantamos a seguinte questão para os professores: **O ritmo e a jornada na pandemia eram mais intensos que agora? Ou se a partir da pandemia ficou mais intenso, por conta da normalização do uso da tecnologia?**

Diante da seguinte questão observamos que os docentes se dividiram em três grupos ; os que consideravam que o ritmo e a jornada do seu trabalho se intensificaram depois da pandemia, porque os alunos voltaram com um atraso no sentido cognitivo com mais dificuldades em relação aos conteúdos que deveriam ter aprendidos e aos conteúdos que terão que aprender relacionados a sua idade e série, fora o emaranhado de projetos arremessados sobre os professores para terem que ser desenvolvidos com os estudantes.

[...]porém agora que voltou-se ao normal, parece que todos os projetos sobrecaíram sobre a escola e todo mundo tentando resgatar o que ficou para trás, tentando resgatar projetos, tentando resgatar tempo, tentando resgatar aprendizado, só que sobrecarregou a escola, sobrecarregou os professores, e nesse sentido está sendo ruim, porque não estamos conseguindo fazer esse resgate do aprendizado do aluno devido a muita demanda que a escola tem sofrido, conforme todos estão tentando resgatar alguma coisa do que ficou para trás. [Professor C]

O segundo grupo acreditava que essa intensificação ocorreu durante a pandemia, com base nas respostas devido à sobrecarga de trabalho e a prontidão e disponibilidade cobrada de forma imediata pelos alunos, familiares e gestores escolares.

Durante a pandemia, nosso trabalho foi triplo. Por quê? Até a noite, nós estávamos praticamente 24 horas disponíveis pros pais, pra qualquer atendimento e também da escola, porque nós éramos policiados, digamos assim, policiados no sentido de que, se eu mandar, eu ouvi uma fala da minha coordenadora, se eu mandar mensagem, você demorar pra responder, porque você não está disponível. [Professor B]

E por fim o terceiro grupo que pensam nessa intensificação nesses dois momentos

Na minha visão eu acredito que os dois períodos, os dois tempos que a gente viveu, eles têm as suas particularidades. O professor no seu período de aprendizagem, no seu período de aprendizagem normal, ele precisa cumprir com um número de atividades, de tarefas, de compromissos da sua prática pedagógica, assim como no período da pandemia ele também precisou. Eram metodologias diferentes, mas tanto uma quanto a outra exigia um compromisso, uma prática pedagógica, a sua particularidade, as suas dificuldades, assim como qualquer trabalho. [Professor E]

Com base nas citações expostas nos valem de uma análise crítica em relação trabalho docente, ao observarmos que mesmo diante do avanço tecnológico não é possível acabar com o trabalho alienado porque continuamos servindo em prol das classes dominantes, como

menciona Marcuse (1967, p.88): “o trabalho que criou e ampliou a base material da civilização, foi principalmente labuta, trabalho alienado, penoso, desagradável – e ainda é”

6.3. Normalização do uso da tecnologia no ensino depois da pandemia

Os professores consideraram o uso das tecnologias importante para aprimorar o ensino desde que seu acesso seja universalizado, que não foi o caso da maioria dos alunos.

Acredito que facilita sim. Facilita pra formação do professor, facilita a pesquisa, facilita pra você levar uma aula interativa, né? Mas esse fator, tecnologia, ele precisa estar universalizado e acessível ao aluno, porque enquanto não tiver ele demanda muita energia do professor, né? Então assim, enquanto ele não tiver totalmente acessível, universalizado, a gente vai ter dificuldade na própria escola, nem sempre. A internet, né? 50% é o que o professor possa utilizar, né? Na sua hora de atividade, por exemplo. A gente sabe, né? Assim, são poucos computadores, a internet ela é limitada, então assim, mas é um processo de desafio que eu acho que tá colocado e que não tem mais como voltar pra trás. [Professor F]

É importante a utilização das novas tecnologias nos espaços educacionais, desde que sua utilização seja feita de forma consciente e crítica. Oliveira e Agostini (2020) consideram a rede informatizada como uma nova forma de potencializar os conhecimentos que abre perspectivas em termos de pesquisas e interações. E julgam necessário que sua utilização seja de forma planejada como meio de contribuir em benefício para a humanização e não a mera adaptação dos sujeitos.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a elaboração desse trabalho almejamos fazer uma crítica ao ensino remoto a partir das narrativas dos docentes que o vivenciaram durante a pandemia numa escola pública no município de Corumbá.

Trouxemos um breve histórico sobre a Covid – 19 no Brasil e no estado de Mato Grosso do Sul, acentuando que para entender sobre o que acontece na educação é imprescindível refletir sobre os outros fatores que estão ligados a ela, tal como foi importante compreender como se deu a propagação desse vírus na sociedade e as políticas envolvidas para a diminuição do contágio. Até porque todos os envolvidos no processo educacional foram afetados diante da disseminação dessa doença.

Conforme exposto nesse trabalho, ao longo da história no nosso país as medidas sanitárias só eram motivos de preocupação quando de certa forma de interesse das classes dominantes. A chegada da Covid -19 no nosso país não foi levada em consideração pelo nosso governante a nível federal que a diminuía através de seus discursos por meio da mídia a gravidade dessa doença.

Em Mato Grosso do Sul, observamos uma mobilização da comunidade científica realizando vários projetos com grupos de pesquisas com a ajuda das universidades públicas e privadas.

O município de Corumbá contou com o COE, um comitê compostos por pessoas que tinham seu trabalho ou formação ligados à área da saúde, como também como acadêmicos da graduação e pós graduação da universidade federal para ajudar no geoprocessamentos de dados da Covid -19 alimentando o boletim epidemiológico da cidade.

A partir das entrevistas realizadas com os professores iniciamos uma análise com base na Teoria Crítica ou Escola de Frankfurt. Essas análises dos dados foram centralizadas nas seções quatro, cinco e seis, sendo este estudo composto por oito seções.

Dentro da escola de Frankfurt utilizamos os teóricos Theodor Adorno e Herbert Marcuse. Que nos permitem refletir sobre o real objetivo do uso das tecnologias:

A tecnologia, como modo de produção, como totalidade de instrumentos, dispositivos e invenções que caracterizam a era da máquina, é assim, ao mesmo tempo, uma forma de organizar e perpetuar (ou modificar) as relações sociais, uma manifestação do pensamento e dos padrões de comportamento dominantes, um instrumento de controle e dominação. (Marcuse 1999, p. 73).

Nesse sentido entendemos a tecnologia pautada por meio de uma racionalidade tecnológica que explora e controla as pessoas sempre a serviço de seus dominantes. O que ocorreu diante do ensino remoto nas escolas públicas resultou no enfraquecimento da assimilação dos saberes.

A ideia de que a tecnologia na pandemia permitiu que os alunos tivessem acesso à educação diante do isolamento social é falsa. Consideramos a partir das análises que sua propagação não foi democrática e mesmo para os que tiveram o seu acesso foi de forma muito superficial e fragmentada.

No nosso país tivemos um governante que não se preocupou com efetivação da conectividade para todos os alunos, que barrou políticas que permitissem que essa tecnologia chegasse a todos, principalmente aos que mais careciam que foram os alunos das regiões periféricas.

Refletimos que na nossa cidade isso também não ocorreu apesar dos esforços desmedidos diante de todos os professores, sem a ajuda do seu governante isso não foi possível. O uso da tecnologia na educação eclodiu numa fragilização das experiências formativas desencadeando uma semiformação dos alunos, um fato que pode levar possivelmente à barbárie:

A formação cultural agora se converte em uma semiformação socializada, na onipresença do espírito alienado, que, segundo sua gênese e seu sentido, não antecede a formação cultural, mas a sucede. Desse modo, tudo fica aprisionado nas malhas da socialização. Nada fica intocado na natureza, mas sua rusticidade - a velha ficção - preserva a vida e se reproduz de maneira ampliada. Símbolo de uma consciência que renunciou à autodeterminação, prende-se de maneira obstinada a elementos culturais aprovados. Sob seu malefício gravitam como algo decomposto que se orienta à barbárie (ADORNO, 2010, p. 9).

Em razão das exigências do novo formato de se educar apresentado, os docentes tiveram que se desdobrar para trabalhar com o ensino remoto, conciliando o seu trabalho com a vida familiar.

Não contaram com locais adequados, internet, formações para o uso de dispositivos e plataformas tecnológicas. Essas circunstâncias contribuíram para a precarização do trabalho docente.

Os autores nos fazem pensar que a educação deve servir para preparar não só as pessoas para o mercado do trabalho mas também para a vida, para viver em sociedade pensando e agindo sobre ela.

A tecnologia é uma ferramenta muito importante para utilizarmos na sociedade vida em sociedade principalmente na educação, devemos pensar em formas de resistência sobre a apropriação do uso desses mecanismos tecnológicos na educação.

A sua utilização deve partir de objetivos pautados na emancipação humanidade para a construção de uma sociedade permeada pela justiça e igualdade. Diante do exposto, continuaremos realizando futuros estudos sobre o tema, este trabalho traz contribuições para a universidade e para o município de Corumbá.

8. REFERÊNCIAS

- ADORNO, T. **Educação e emancipação**. Tradução: Wolfgang Leo Maar. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995a.
- ADORNO, T. **Palavras e sinais – modelos críticos**. Petrópolis: Vozes, 1995b.
- ADORNO, W. T. Teoria da semicultura. **Educação & Sociedade**, Campinas, ano 17, n. 56, p. 388-411, 1996.
- ARAÚJO, D. C. G.; OLIVEIRA, L.N. de; B, R, C. de S.; BITTAR, C. M. L. **Percepções sobre o ensino remoto-domiciliar durante o isolamento físico: o que as mães têm a nos relatar?**. SAÚDE E SOCIEDADE (ONLINE), v. 31, p. 1-12, 2022.
- ARAÚJO, Sâmara Carla Lopes Guerra de e YANNOULAS, Silvia Cristina. Trabalho docente, feminização e pandemia In Retratos da Escola/Escola de Formação da Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação (Esforce): Brasília: CNTE, v. 14, n. 30, set./dez. 2020.
- ARRUDA, E. P. **Educação remota emergencial: elementos para políticas públicas na educação brasileira em tempos de Covid-19**. Em Rede – Revista de Educação a Distância, Porto Alegre, v. 7, n. 1, p. 257-275, maio 2020.
- BANDEIRA, B. S e OLIVEIRA, A. O. **Formação cultural e semiformação: contribuições de Theodor Adorno para pensar a educação hoje**. Educação, Porto Alegre, v. 35, n. 2, p. 1-232, maio/ago. 2012.
- BANDEIRA, B. S.; OLIVEIRA, A. DA R. Formação cultural e semiformação: contribuições de Theodor Adorno para pensar a educação hoje = Cultural formation and semi-formation: Theodor Adorno's contributions to a reflection on contemporary education. **Educação**, v. 35, n. 2, p. 225–232, 1 jan. 2012.
- BARBOSA Da Silva JR, J. **As doenças transmissíveis no Brasil, tendências e novos desafios para o Sistema Único de Saúde, in: Ministério da Saúde/Secretaria de Vigilância em Saúde, Saúde Brasil 2008, 20 anos do Sistema Único de Saúde no Brasil**. Brasília, 2009, pp 281-309. Disponível em: https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/saude_brasil_2008.pdf . Acesso em: 18 de jun. 2022.
- BATESON, G.; RUESCH, J. *Comunicacion: la matriz social de la psiquiatria* Buenos Aires: Paidós, 1965.
- BÍBLIA SAGRADA**. Trad. De João Ferreira Almeida. 2ª edição revista e atualizada no Brasil, Barueri –SP: Sociedade Bíblica do Brasil. 1993. 1248 p.
- BOGDAN, R., e BIKLEN, S., (1994). **Investigação Qualitativa em Educação – uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto: Porto Editora.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Senado Federal, [2022]. Disponível em:
http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 14 abr. 2022.

BRASIL. **Decreto n. 9.204 de 23 de novembro de 2017. Institui o Programa de Inovação Educação Conectada e dá outras providências**. Disponível em:
http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2017/Decreto/D9204.htm. Acesso em: 1 abr. 2022.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9394, de 20 de dezembro de 1996**. Brasília, DF: Ministério da Educação e Cultura, 1996.

BRASIL. **LEI Nº 13.005, DE 25 DE JUNHO DE 2014**. Plano Nacional de Educação - PNE e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/113005.htm Acesso em: 1 abr. 2022.

BRASIL. **LEI Nº 14.180, DE 1º DE JULHO DE 2021**. Institui a Política de Inovação Educação Conectada. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2021/lei/L14180.htm Acesso em: 1 abr. 2022.

BRASIL. MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Portaria GM/MS Nº 913, de 22 de abril de 2022. Declara o encerramento da Emergência em Saúde Pública de Importância Nacional (ESPIN) em decorrência da infecção humana pelo novo coronavírus (2019-nCoV) e revoga a Portaria GM/MS nº 188, de 3 de fevereiro de 2020**. Disponível em:
<https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-gm/ms-n-913-de-22-de-abril-de2022-394545491>. Acesso: 10. jun. 2022

BRASIL. **Ministério da Saúde. Portaria MS/GM nº 188, de 3 de fevereiro de 2020. Declara Emergência em Saúde Pública de importância Nacional (ESPIN) em decorrência da Infecção Humana pelo novo Coronavírus (2019-nCoV)**. Disponível em:
<http://www.in.gov.br/web/dou/-/portaria-n-188-de-3-de-fevereiro-de-2020-241408388>. Acesso em: 11. jun. 2022

BUENO, F. T. C.; SOUTO, E. P.; MATTA, G. C. **Notas sobre a Trajetória da Covid -19 no Brasil**. In: MATTA, G.C., REGO, S.; SOUTO, E.P.; SEGATA, J. (Org.). **Os impactos sociais da Covid -19 no Brasil: populações vulnerabilizadas e respostas à pandemia**. 1ed.rio de janeiro: Editora Fiocruz, 2021, v., p. 27-39.

CÂMARA DOS DEPUTADOS DO BRASIL. Disponível em:<
<https://www.camara.leg.br/noticias/842607-medida-provisoria-libera-r-35-bilhoes-para-internet-em-escolas-publicas/>>. 3 de mar de 2022. Acesso em: 02 de abr de 2022.

CASTIGLIONI, A. **História da Medicina**. São Paulo, Cia. Editora nacional, 1947.

CECÍLIO, S.; REIS, B.M. Trabalho docente na era digital e saúde de professores universitários. **Educação: Teoria e Prática**, Rio Claro, v. 26, n. 52, p. 295-311, 2016.

CHARCZUK, S. B. **Sustentar a Transferência no Ensino Remoto: docência em tempos de pandemia**. *Educação & Realidade*, Porto Alegre v. 45, n. 4, p1-20, jan. 2020. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/edreal/a/S7dGKjBx7Ch4FxCwVc93pVg/?lang=pt#>. Acesso em: 10 mar. 2022.

CIPRIANI, F. M.; M.A. F. B.; CARIUS, A. C.. **Atuação Docente na Educação Básica em Tempo de Pandemia. E Ducação e Realidade Edição eletrônica**, v. 46, p. e105199, 2021.

CUNHA, L. F. da; SILVA, A. de S.; SILVA, A. P. da. (2020). **O ensino remoto no Brasil em tempos de pandemia: diálogos acerca da qualidade e do direito e acesso à educação**. Revista. Cm Censo: Estudos Educacionais do Distrito Federal, 7 (3), 27-37.
<http://www.periodicos.se.df.gov.br/index.php/comcenso/article/view/924>.

FERNANDES, Adalberto Campos. **As grandes pandemias da história da Europa e os seus impactos na nossa civilização: desafios da moderna saúde pública**. In Cadernos. Ibero americanos de Direito Sanitário Brasília, 10(2): abr./jun.,2021
<https://doi.org/10.17566/ciads.v10i2.780>

FRANCISCO, Jonas António. **Precarização e intensificação do trabalho docente durante a pandemia: as condições materiais e tendências de proletarização em Moçambique**. In Revsita Gesto Debate, vol.22, nr 29, Campo Grande. jan/dez 2022. ISSN: 2595-3109.

HOUVÈSSOU, G. M.; SOUZA, T. P.; SILVEIRA, M. F. **Medidas de contenção de tipo lockdown para prevenção e controle da Covid -19: estudo ecológico descritivo, com dados da África do Sul, Alemanha, Brasil, Espanha, Estados Unidos, Itália e Nova Zelândia, fevereiro a agosto de 2020**. Epidemiol. Serv. Saúde., v. 30, n.1, 2021. Disponível em: http://scielo.iec.gov.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-49742021000100013. Acesso em: 07 de abr. de 2022.

Inoculação. In: DICIO, **Dicionário Online de Português**. Porto: 7Graus, 2022. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/inoculacao/>. Acesso em: 12 mai.2022

REZENDE, J.M. Epidemia, endemia, pandemia, epidemiologia. **Revista de Patologia Tropical / Journal of Tropical Pathology**, Goiânia, v. 27, n. 1, 2007. DOI: 10.5216/rpt.v27i1.17199. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/iptsp/article/view/17199>. Acesso em: 3 abr. 2023.

REZENDE, J.M. **À sombra do plátano: crônicas de história da medicina**. 1ª ed. São Paulo: Editora Unifesp, 2009. 408p.

KATZ, Helena. **Pandemia: porque não usar. Logos**, [S.l.], v. 27, n. 2, p.113-127, nov. 2020. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/logos/article/view/54469>. Acesso em: 22 jun. 2022.

KROPF, S. P.; LOPES, T. C.; CERQUEIRA, E.; VALENTE, P.; LIMA, A. L. S.; SOUTO, E. P.; BERMUDEZ, L.; ALMEIDA, B.; PIMENTA, D. N.; MELO, C. P. L. **A Fiocruz no tempo presente: ciência, saúde e sociedade no enfrentamento da pandemia de Covid-19**. In: **Matta, Gustavo Corrêa et al. (Org.). Os impactos sociais da Covid -19 no Brasil: populações vulnerabilizadas e respostas à pandemia**. 1ed.Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2021, v., p. 197-208.

LACERDA, Tiago Eurico de, GRECO JÚNIOR, Raul. **Educação remota em tempos de pandemia: ensinar, aprender e ressignificar a educação**, Curitiba-PR: Editora Bagai, 2021.

LIMA, Carlos Roberto de Oliveira. **Ensino remoto para quem?: uma análise do ensino oferecido em uma escola municipal de corumbá para alunos surdos em tempos de pandemia**. In **Revista Humanidades e Educação** DÍCIO. Imperatriz (MA), v. 4, n. 6, p. 1628, jan./jun. 2022. ISSN: 26750805.

MACIEL, E.; FERNANDEZ, M.; CALIFE, K.; GARRETT, D.; DOMINGUES, C.; KERR, L.; DALCOLMO, M. **A campanha de vacinação contra o SARS-CoV-2 no Brasil e a invisibilidade das evidências científicas**. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 27, p. 951-956, 2022.

MARCUSE, Herbert. **A ideologia da sociedade industrial**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1967.

MARCUSE, Herbert. **Algumas implicações sociais da tecnologia moderna**. In:

MARCUSE, Herbert. **Tecnologia, Guerra e Fascismo**. São Paulo: UNESP, 1999. P. 73-104.

MATO GROSSO DO SUL. Decreto nº 15.393, de 17 de março de 2020. **Dispõe sobre a suspensão das aulas presenciais nas unidades escolares e centros da Rede Estadual de Ensino**. Diário Oficial de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2020.

MATTA, G.C., REGO, S., SOUTO, E.P., and SEGATA, J., (orgs). **Os impactos sociais da Covid -19 no Brasil: populações vulnerabilizadas e respostas à pandemia** [online]. Rio de Janeiro: Observatório Covid 19; Editora FIOCRUZ, 2021, 221 p. Informação para ação na.Cvid-19 series. ISBN: 978-65-5708-032-0. <https://doi.org/10.7476/9786557080320>.

MESQUITA, N.G. **O papel da ciência e dos cientistas de MS na pandemia da Covid -19. Corumbella**, Mato Grosso do Sul, v.5, n.5, p.8-15. mai. 2021. Disponível em: <https://www.fundect.ms.gov.br/wp-content/uploads/2021/06/CORUMBELLA-maio2021-internet.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2022.

MOREIRA, M. A. **Pesquisa em Educação em Ciências: Métodos Qualitativos. Programa Internacional de Doctorado en Enseñanza de las Ciencias**. Universidad de Burgos, Espanha; Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil. Texto de Apoio nº 14. Publicado em *Actas del PIDEAC*, 4:25-55, 2002.

NEUFELD, P. M. **Memória médica: a Gripe Espanhola de 1918. Revista Brasileira de Análises Clínicas**, Rio de Janeiro, v.52, n.3, n.p, set.2020. Disponível em: <http://www.rbac.org.br/artigos/memoria-medica-gripe-espanhola-de-1918/>. Acesso em: 21 de mai. 2022.

OLIVEIRA, A. C.; LUCAS, T. C.; IQUIAPAZA, R. A. **O que a pandemia da covid-19 tem nos ensinado sobre adoção de medidas de precaução?**. Texto contexto - enferm., Florianópolis, v. 29, e20200106, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tce/a/cgMnvhg95jVqV5QnnzfZwSQ/abstract/?lang=pt> Acesso em: 10 de abr. de 2022.

OLIVEIRA, M. R. F. de; AGOSTINI, N. Sociedade Multitela e a Semiformação: um desafio ético de grande monta. **Revista Eletrônica de Educação**, [S. l.], v. 14, p. e3753069, 2020.

DOI: 10.14244/198271993753. Disponível em:
<https://www.reveduc.ufscar.br/index.php/reveduc/article/view/3753>. Acesso em: 31 jan. 2023.

OMS. **Histórico da Pandemia de COVID-19**. Disponível em <
<https://www.paho.org/pt/covid19/historico-da-pandemia-covid-19>> Acesso em 20 deFev.
 2022.

PIRES, M. F. C. **O materialismo histórico-dialético e a Educação. Ensaios. Ago 1997.**
Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1414-32831997000200006> Acesso em: 11. jun.
 2022

POLIGNANO, M. V. **História Da Saúde Pública no Brasil: uma pequena revisão.**
História Das Políticas de Saúde No Brasil, Minas Gerais, n., p.01-25, 31 out. 2006.
 Disponível em:
[https://files.comunidades.net/contecomigo/historiadaspoliticadesaudenobrasil_16030112SES
 MT_.pdf](https://files.comunidades.net/contecomigo/historiadaspoliticadesaudenobrasil_16030112SESMT_.pdf). Acesso em: 02 de jun. 2022.

PREFEITURA MUNICIPAL DE CORUMBÁ. Decreto nº 2.263, de 16 de março de 2020.
 Dispõe sobre as medidas para enfrentamento da emergência de saúde pública de importância
 internacional decorrente do Novo Coronavírus-COVID-19, e dá outras providências. Diário
 Oficial de Corumbá, 2020.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. **Metodologia do Trabalho Científico: Métodos e
 Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico - 2ª Edição.** Novo Hamburgo: Editora
 Feevale, 2013. v. 1. 276 p.

PUCCI, Bruno. A teoria da semicultura e suas contribuições para a teoria crítica da educação.
 In: _____ et. al. (Org.). **A educação danificada: contribuições à teoria crítica da educação.**
 Petrópolis: Vozes; São Carlos: Ufscar, 1998.

REGO. S. PALACIOS, M.; BRITO, L.; SANTOS, R. I. dos. **Bioética e Covid-19:
 vulnerabilidades e saúde pública. In: Matta, Gustavo Corrêa; Rego, Sergio; Souto, Ester
 Paiva; Segata, J. (Org.). Os impactos sociais da Covid -19 no Brasil: populações
 vulnerabilizadas e respostas à pandemia. 23ed.Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2021, v. 2, p.
 1-231.**

SANTOS, Andreia Inamorato dos. **Educação Aberta: histórico, práticas e o contexto dos
 recursos educacionais abertos.** In: SANTANA, B.; Rossini, C; Pretto, N.L. (Org.) Recursos
 Educacionais Abertos: práticas colaborativas e políticas públicas. São Paulo e Salvador: Casa
 da Cultura Digital e EDUFBA, 2012. Disponível em: <
<http://www.aberta.org.br/livrorea/livro/home.html>>. Acesso em: 15 mar. 2022.

SANTOS, D. C. **O Direito à Saúde em Tempos de Pandemia: os Desafios e as
 Perspectivas no Âmbito da Saúde e da Economia.** Revista.Centífica Intr@ciência, v. 1, p.
 1-14, 2021.

SANTOS, Fabiano Antonio dos; MARQUES, Hellen Jaqueline; MOURA, Maria Aparecida
 Dias de. **Avaliação da aprendizagem e ensino remoto: o que dizem os professores?** In

Dossiê: **Gestão educacional e trabalho pedagógico no contexto de pandemia da covid-19**
doi.org/10.26512/lc27202139019

SANTOS, Francisco Clever Nunes dos e PORTELA, Antonio Edilson Cardoso. **Relato dos desafios e das superações do ensino remoto** In **Seminário docentes**, Ceara, 2021.

SANTOS, V.P. **O desafio da pandemia da Covid -19: o que podemos aprender com a história?** *Jornal Vascular Brasileiro*, [online], v.20, p 1-3. 19 mar. 2021. Disponível em : <https://www.scielo.br/j/jvb/a/nVYtC3TRh5BNrmpzXHFCTZw/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 15 mar. 2022.

SAVIANI, Demerval. **A pós-graduação em educação e a especificidade da pesquisa educacional**. *Argumentos Pró-Educação*, Pouso Alegre, v. 2, n. 4, p. 3-19, jan./abr. 2017.

SCHMIDT, Beatriz; PALAZZI, Ambra; PICCININI, Cesar Augusto Entrevistas online: potencialidades e desafios para coleta de dados no contexto da pandemia de COVID-19 *Revista Família, Ciclos de Vida e Saúde no Contexto Social*, vol. 8, núm. 4, 2020.

Secretaria de Estado de Saúde de Mato Grosso do Sul. **Plano de contingência para resposta às emergências em saúde pública doença pelo sars-cov-2 coronavírus - Covid-19: Campo Grande- MS**, 2020. Disponível em: <https://www.coronavirus.ms.gov.br/wp-content/uploads/2020/06/14-05-PLANO-DE-CONTINGENCIA-PARA-REVIS%C3%83O-DO-COE-PDF.pdf>. Acesso em: 03 de jul.2022.

SILVA, J. E. do N.; SILVA, M. G. R da. **Práticas docentes em tempos de pandemia: refletindo sobre escolas públicas situadas em contexto de vulnerabilidade social**. In:

RODRIGUES, J. M. C.; SANTOS, P. M. G. dos (Orgs.). *Reflexões e desafios das novas práticas docentes em tempos de pandemia* [recurso eletrônico]. João Pessoa: Editora do CCTA, 2020. Disponível em: encurtador.com.br/dLOUZ. Acesso em: 08 fev. 2022.

SILVA, Valeria Vieira da; SANTOS, Helisandrados Reis; PAULA, Luiz Henrique de. **Os desafios enfrentados no processo de ensino e aprendizagem em tempos de pandemia nos cursos de graduação**. In **Educação como (re) Existência: Mudanças, conscientização e conhecimentos**. VII Congresso Nacional de Educação. Maceió, 2020.

SUPREMO TRIBUNAL FEDERAL (BR). **STF reconhece competência concorrente de estados, DF, municípios e União no combate a.Cvid-19**. Brasília: STF;2020. Disponível em<<https://www.stf.jus.br/portal/cms/verNoticiaDetalhe.asp?idConteudo=441447>> Acesso em 13 de abr. 2022.

TAVARES, Cludes Maria Rosa e PINTO, Rômulo Fabriciano Gonzaga. **Educação em tempos de pandemia: possibilidade de formação ou o silêncio como barbárie** In *Revista Humanidades e Inovacao*, vol.05, nr.9, Palmas, 2022. ISSN: 2358-8322.

TAVARES, Cludes Maria Rosa e PINTO, Rômulo Fabriciano Gonzaga. **Educação em tempos de pandemia: possibilidade de formação ou o silêncio como barbárie** In *Revista Humanidades e Inovação*, vol.05, nr.9, Palmas, 2022. ISSN: 2358-8322.

TERUEL, Caio. **No foco da imunização. Corumbella, Mato Grosso do Sul**, v.5.n.5, p. 16 – 18. abr.- jun. 2021. Disponível em: <https://www.fundect.ms.gov.br/wp-content/uploads/2021/06/CORUMBELLA-maio2021-internet.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2022.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. 1.ed. São Paulo: Atlas, 1987.175p.

TUCÍDIDES. **História da Guerra do Peloponeso. Prefácio de JAGUARIBE, Hélio. Tradução do grego de Mário da Gama Kury– 4º. edição** – Brasília: Editora Universidade de Brasília, Instituto de Pesquisa de Relações Internacionais; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2001.

VEIGA, I. P. A. **Projeto político-pedagógico da escola: uma construção coletiva**. In: VEIGA, I.P.A. (Org.). **Projeto político-pedagógico da escola: uma construção possível**. 29ed.Cmpinas - SP: Papirus, 2012, v., p. 11-52.

ANEXO A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado participante, você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa intitulada “CRÍTICA AO ENSINO REMOTO: INVESTIGANDO A PERCEPÇÃO DE DOCENTES NA ESCOLA PÚBLICA DE CORUMBÁ-MS NO CONTEXTO PANDÊMICO À LUZ DOS PENSADORES DA ESCOLA DE FRANKFURT”, desenvolvida pelos pesquisadores Ananda de Souza Mendes.

O objetivo central do estudo é “analisar a percepção dos docentes sobre o ensino remoto em uma escola pública de Corumbá-MS sobre o contexto pandêmico”.

O convite para a sua participação se deve diante aos desafios que foram debruçados sobre os professores devido ao surgimento da Covid -19. Tendo como critério para a participação na pesquisa a entrevista com os professores regentes do ensino fundamental que vivenciaram o ensino remoto, uma vez que esses profissionais carregam uma carga de disciplina maior e o conseqüentemente possuem mais responsabilidades sobre sua turma.

Sua participação é voluntária, isto é, ela não é obrigatória, e você tem plena autonomia para decidir se quer ou não participar, bem como retirar sua participação a qualquer momento. Você não terá prejuízo algum caso decida não consentir sua participação, ou desistir da mesma. Contudo, ela é muito importante para a execução da pesquisa. Serão garantidas a confidencialidade e a privacidade das informações por você prestadas.

Qualquer dado que possa identificá-lo será omitido na divulgação dos resultados da pesquisa, e o material será armazenado em local seguro. A qualquer momento, durante a pesquisa, ou posteriormente, você poderá solicitar do pesquisador informações sobre sua participação e/ou sobre a pesquisa, o que poderá ser feito através dos meios de contato explicitados neste Termo.

Sua participação consistirá em responder um roteiro de entrevista semiestruturada onde a gravação seja condição indispensável à participação. As entrevistas serão gravadas com uso de alguns dispositivos, sendo o notebook para aqueles que fizeram a entrevista via Google Meet, pelo smartphone para aqueles que quiserem fazer através de ligações ou para aqueles que quiserem ser entrevistados presencialmente usando o gravador de voz disponível no mesmo, em seguida as entrevistas serão transcritas.

O tempo de duração da entrevista é de aproximadamente 30 minutos. As entrevistas serão transcritas e armazenadas, em arquivos digitais, mas somente terão acesso às mesmas os pesquisadores.

Ao final da pesquisa, todo material será mantido em arquivo, sob guarda e responsabilidade do pesquisador responsável, por pelo menos 5 anos, conforme Resolução CNS nº 466/2012.

O benefício relacionado com a sua colaboração nesta pesquisa é contribuir para que vivências e desafios impostos para os docentes diante da pandemia sejam divulgadas por meio de um trabalho científico.

Toda pesquisa possui riscos potenciais. Maiores ou menores, de acordo com o objeto de pesquisa, seus objetivos e a metodologia escolhida. Diante disso essa entrevista apresenta como risco o constrangimento diante da entrevista. Como medidas para minimizar essa situação os docentes só responderão os questionamentos que sentirem confortáveis para responder.

Em caso de eventuais danos decorrentes de sua participação na pesquisa, você será indenizado.

Rubrica do participante

Rubrica do pesquisador

Os resultados desta pesquisa serão divulgados em palestras dirigidas ao público participante, relatórios individuais para os entrevistados, artigos científicos e no formato de dissertação/tese.

Este termo é redigido em duas vias, sendo uma do participante da pesquisa e outra do pesquisador. Em caso de dúvidas quanto à sua participação, você pode entrar em contato com o pesquisador responsável através do email anandamendessouza@gmail.com, do telefone (67)999244909.

Em caso de dúvida quanto à condução ética do estudo, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da UFMS

(CEP/UFMS), localizado no Campus da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, prédio das Pró-Reitorias 'Hércules Maymone' – 1º andar, CEP: 79070900. Campo Grande – MS; e-mail: cepconep.propp@ufms.br; telefone: 67-3345-7187; atendimento ao público: 07:30-11:30 no período matutino e das 13:30 às 17:30 no período vespertino. O Comitê de Ética é a instância que tem por objetivo defender os interesses dos participantes da pesquisa em sua integridade e dignidade e para contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos. Dessa forma, o comitê tem o papel de avaliar e monitorar o andamento do projeto de modo que a pesquisa respeite os princípios éticos de proteção aos direitos humanos, da dignidade, da autonomia, da não maleficência, da confidencialidade e da privacidade.

Nome e assinatura do pesquisador

_____, _____ de _____ de _____

Local e data

Nome e assinatura do participante da pesquisa

_____, _____ de _____ de _____

Local e data

ANEXO B - CARTA DE APRESENTAÇÃO

Corumbá, 29 de junho de 2022.

Para: Direção Escolar

Vimos, pela presente, solicitar a sua colaboração para que autorize a acadêmica Ananda de Souza Mendes a ter acesso ao Projeto Político Pedagógico da Escola Municipal Almirante Tamandaré como requisito parcial para a obtenção do Título de Mestre em Educação, com a dissertação intitulada: “ O ensino remoto em uma escola pública de Corumbá – MS na pandemia: vantagens e desvantagens na ótica de seus docentes” do Projeto de pesquisa apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Educação do Campus do Pantanal, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, tendo por objetivo analisar a visão do professor sobre o ensino remoto a partir de uma perspectiva Teórico Crítica, sob minha orientação.

Gostaríamos de informar que os dados da pesquisa são sigilosos, não havendo qualquer identificação dos mesmos, de acordo com a Resolução CNS 466/2012 e demais resoluções complementares. É importante esclarecer que a participação nessa pesquisa é voluntária e que a qualquer momento suas dúvidas poderão ser esclarecidas pelo telefone e e-mail abaixo identificados, bem como através de reunião conosco.

Acadêmica: Ananda de Souza Mendes

Telefone: 67 99924-4909

E-mail: anandamendessouza@gmail.com

Orientadora: Isabella Fernanda Ferreira

Telefone: 67 98119-4132

E-mail: bella.fernandaferreira@gmail.com

Certas de contarmos com sua colaboração, antecipadamente agradecemos e colocamo-nos à disposição para quaisquer esclarecimentos.

Ananda de Souza mendes

Pesquisadora

Profª Drª Isabella Fernanda Ferreira

Orientadora

Ciente

ANEXO C- CARTA DE APRESENTAÇÃO

Corumbá, 29 de junho de 2022.

Para: Entrevistado (a)

Vimos, pela presente, solicitar a sua colaboração para que autorize a acadêmica Ananda de Souza Mendes a ter acesso ao Projeto Político Pedagógico da Escola Municipal Almirante Tamandaré como requisito parcial para a obtenção do Título de Mestre em Educação, com a dissertação intitulada: “ O ensino remoto em uma escola pública de Corumbá – MS na pandemia: vantagens e desvantagens na ótica de seus docentes” do Projeto de pesquisa apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Educação do Campus do Pantanal, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, tendo por objetivo analisar a visão do professor sobre o ensino remoto a partir de uma perspectiva Teórico Crítica, sob minha orientação.

Gostaríamos de informar que os dados da pesquisa são sigilosos, não havendo qualquer identificação dos mesmos, conforme a Resolução CNS 466/2012 e demais resoluções complementares. É importante esclarecer que a participação nessa pesquisa é voluntária e que a qualquer momento suas dúvidas poderão ser esclarecidas pelo telefone e e-mail abaixo identificados, bem como através de reunião conosco.

Acadêmica: Ananda de Souza Mendes

Telefone: 67 99924-4909

E-mail: anandamendessouza@gmail.com

Orientadora: Isabella Fernanda Ferreira

Telefone: 67 98119-4132

E-mail: bella.fernandaferreira@gmail.com

Certas de contarmos com sua colaboração, antecipadamente agradecemos e colocamo-nos à disposição para quaisquer esclarecimentos.

Ananda de Souza mendes

Pesquisadora

Profª Drª Isabella Fernanda Ferreira

Orientadora

Ciente

APÊNDICE A- ROTEIRO DA ENTREVISTA COM A ENTREVISTADA

1. Qual a sua formação?
2. Qual a importância da ativação do COE para a saúde pública no nosso país?
3. Como o COE pode contribuir para ações relacionadas a saúde em nosso município?
4. Diante de quais circunstâncias você acredita que o COE deva ser desativado?
5. Qual o papel das instituições de ensino superior dentro da.CE?
6. Como o trabalho de vocês dentro da.CE é acolhido pelo governante municipal?
7. O que pensa em relação as iniciativas tomadas pelo nosso governante federal em relação a saúde pública?
8. Acredita que diante da volta às aulas, os casos de contaminação por Covid-19 aumentaram?
9. Qual a sua visão acerca da volta às aulas presencial no município de Corumbá?
10. A COE possui algum dado relacionado a saúde dos discentes e docentes das escolas públicas no município?

APÊNDICE B - TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM A ENTREVISTADA

1. Qual a sua formação?
 - Sim. Eu sou pedagoga, sou Mestre em Saúde Pública e sou Doutora em Saúde Pública.

2. Qual a importância da ativação do COE para a saúde pública no nosso país?
 - Olha, é... COE é o ... é abreviação, abreviatura de comitê operativo de emergência, tá? A COE para a Covid-19, né? Que é o caso da sua pesquisa, ela foi criada uma estratégia é... de ... articulação entre instituições e entre áreas da própria saúde pública para tomar decisões, fazer é... apontamentos de necessidades é....

3. Como o COE pode contribuir para ações relacionadas a saúde em nosso município?
 - Orientar serviços, né? Orientar a comunidade, uma comitiva que contribui, né? para o enfrentamento de determinadas situações no caso nesses dois últimos anos a emergência para o coronavírus e aí a gente teve a possibilidade de instalar um comitê operativo de emergência, uma.CE no município de Corumbá sobre a coordenação da secretaria municipal de saúde

4. Diante de quais circunstâncias você acredita que o COE deva ser desativado?
 - Olha, a.CE, ela ... ela... é uma comissão que operacionaliza, né? Então, a gente é por exemplo discute com todos os profissionais de saúde do município, as estratégias de internação, as estratégias de ocupação dos leitos, as estratégias de atendimento, né? as pessoas que se contaminam por Covid e devem ficar em casa no período de reclusão, como é que vai ser a orientação, como é que vai ser os cuidados, é... todo o trabalho né? que é feito a partir a partir dos protocolos de saúde né? Dentro do hospital e dentro dos serviços de saúde dos outros serviços de saúde é... sempre com o suporte técnico da ... do comitê operativo da COE, né? Para as questões específicas tá? Como é a emergência da Covid no município de Corumbá, então a função da COE ela não é uma função de resolver as coisas, ela é uma função de dar suporte técnico, se houver necessidade, que os protocolos de saúde já existem as ações já existem o que acontece é juntar as expertises, né? Que a gente chama, os conhecimentos técnicos de vários profissionais para contribuir nas respostas práticas que precisam ser dadas para a população, essa é a forma como a COE contribui para os municípios

5. Qual o papel das instituições de ensino superior dentro da COE?
 - Ah, ótimo, excelente pergunta! Bom, as instituições de ensino superior auxiliam, né? Nos trabalhos das COEs com as pesquisas, né? E as análises de dados, é ...a partir do ... do que a gente tem de conhecimento tem de conhecimento nesta área, tá? A grande maioria das vezes fazem parte das COEs , profissionais das instituições de ensino superior que são, que tem formação de graduação ou de pós graduação nas áreas de saúde pública , então assim a gente pode contribuir no trabalho das COEs, no caso da UFMS- Campus do Pantanal, a gente entra com a minha contribuição , por conta da minha formação em saúde pública, a gente entra com o pessoal da graduação da pós graduação em geografia para nos ajudar com o geoprocessamento dos dados de Covid por satélite , e ai a gente consegue saber que bairros , né ? que localização na região do pantanal profundo nas zonas rurais, entendeu ? a gente consegue saber onde estão localizados os focos de maior registros de Covid , no caso do que é a emergência, né ?

6. Como o trabalho de vocês dentro da COE é acolhido pelo governante municipal?
 - Olha, é...nós, é ... fomos muito bem acolhidos desde do primeiro dia tá? É... primeiro dia que teve caso em Corumbá e que se instituiu a COE, né? Nós fomos convidados imediatamente a fazer parte do grupo, né? Nós sempre tivemos uma boa relação com a secretaria de saúde em outras áreas, é ... por conta do trabalho, né? Com saúde pública e aí a

nossa interface com o grupo de vigilância de vetores, né? Quem trabalha com as epidemias, foi imediato nós fomos convidados, assim foi muito interessante, porque a gente começou a contribuir desde o primeiro dia com menos de uma semana nós já estávamos fazendo os primeiros mapas de localização, entendeu? Então a gente foi, foi o auxílio imediato e boa recepção pela gestão municipal.

7. O que pensa em relação as iniciativas tomadas pelo nosso governante federal em relação a saúde pública?

- Olha é ... eu analiso a intervenção federal, né? No suporte, no apoio as estruturas estaduais e municipais como falho em alguns momentos, né? Houve a demanda, houve a gestão, mas todas as providências foram tomadas com... demora, né? Com pressão dos próprios gestores estaduais e dos gestores municipais pra que o governo federal tomasse atitudes proativas, então, eu acredito que houve demora é ... na operacionalização de ações de gestão por parte do governo federal ao longo do período crítico da Covid -19 no Brasil.

8. Acredita que diante da volta às aulas, os casos de contaminação por Covid-19 aumentaram?

- olha, a percepção que a gente tem é que, não foram... não foi o início as aulas que aumentou a Covid 19, né? Que fez reacender os casos de Covid 19 no Brasil, aliás aqui em Corumbá, né? Houve sim, né? Um número de pessoas que se contaminaram na volta às aulas, mas não, não foi a volta às aulas que fez isso, é o volume de pessoas circulando na cidade sem máscaras, né? Que aumentam a contaminação entre pessoas na cidade.

9. Qual a sua visão acerca da volta às aulas presencial no município de Corumbá?

- Olha, eu é ... observo o retorno as aulas presenciais no município de Corumbá como uma iniciativa que se junta a iniciativa nacional, né? É... dois anos e alguns meses né? Sem a presença das crianças na escola trouxe muitos problemas de ensino e aprendizagem, em especial de aprendizagem para as crianças, né? No entanto, o nosso olhar para a questão de saúde pública, é faz com que ... eu pense que se fosse possível, nós esperaríamos um pouco mais até a gente conseguir estabilizar mesmo, né? O volume de contaminações, talvez fosse interessante pras as famílias, talvez fosse interessante pras crianças e também para os professores, mas como não foi possível fazer isso até por conta de uma, de uma condição ... social, né? Gestões estavam sendo muito pressionadas e a possibilidade é ... de ... prejuízos letivos, tava dada e aí é uma decisão do gestor, né? a grande maioria dos gestores do país voltaram as atividades, a gente tem que monitorar entendeu? Tem que fazer...acompanhamentos específicos na área de saúde pública para ensino fundamental, ensino médio e ensino superior pra observar se há uma evolução no número de contaminações ou se está estagnado
Ne? Tem que fazer observações de campo especificas para isso, para gente saber se há prejuízos ou não.

10. A COE possui algum dado relacionado a saúde dos discentes e docentes das escolas públicas no município?

- Não, não tem um trabalho específico assim não, tá? é... cada secretaria sabe o número desses profissionais que foi contaminado, mas a COE não faz esse monitoramento, nosso trabalho é o suporte técnico para os serviços de saúde e orientação para os serviços em geral, mas a gente não tem essa informação, assim de forma precisa, não temos.

APÊNDICE C - ROTEIRO DAS ENTREVISTAS COM OS PROFESSORES DA ESCOLA

1. Qual a sua formação?
2. Qual o seu tempo de experiência como docente?
3. Acredita que diante da ausência do ensino presencial os alunos foram afetados? De qual (s) forma (s)?
4. Na sua visão as escolas deveriam ser fechadas quando a Covid -19 se alastrou pelo nosso país?
5. Como foi a interação dos alunos em relação ao ensino de forma virtual?
6. Em relação a aprendizagem, como esses alunos voltaram para a escola depois do isolamento social?
7. Como você se sentiu ao ter de se adequar ao ensino remoto?
8. Você contou com condições suficientes em casa (local, computador, internet, luz, etc) para ministrar as aulas e atividades remotamente?
9. Como você descreve sua prática pedagógica durante o ensino remoto?
10. Quais as principais repercussões do ensino remoto sobre a sua prática pedagógica durante o contexto da pandemia particularmente?
11. Como você percebe a aprendizagem e a socialização das crianças e adolescentes depois da pandemia.
12. O ritmo e a jornada na pandemia eram mais intensos que agora? Ou se a partir da pandemia ficou mais intenso, por conta da normalização do uso da tecnologia?
13. O uso da tecnologia facilitou ou não o ensino?

APÊNDICE D – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA COM OS PROFESSORES DA ESCOLA

PROFESSOR “A”

1. Qual a sua formação?

R: Pedagoga.

2. Qual o seu tempo de experiência como docente?

R: Minha formação até agora... Comecei a trabalhar em maio de 2018 como contratada e como efetiva a partir de 2020.

3. Acredita que diante da ausência do ensino presencial os alunos foram afetados? De qual (s) forma (s)?

R: Aqui na nossa escola principalmente, foram muito afetados porque a grande maioria é de família humilde e a região que eles moram não tem internet, então eles foram muito afetados pela pandemia.

4. Na sua visão as escolas deveriam ser fechadas quando a.Cvid -19 se alastrou pelo nosso país?

R: Sim porque a escola é o maior ... em que as crianças convivem mais, é um local fechado, também com salas fechadas e as crianças não tem noção assim de ter um afastamento e toda vez que tinha que fazer o uso da máscara, elas não tinham a precaução de ficar o tempo todo com a máscara. Imagina quando a Covid estava no auge?

5. Como foi a interação dos alunos em relação ao ensino de forma virtual?

R: Aqui na nossa escola, ela não se tornou de forma remota. A prefeitura tentou impor, mas na nossa região as famílias são humildes, o sinal de internet não funciona. Nem pra telefone não funciona, você imagina pra internet que é pior ainda. Não funcionou com a gente.

6. Em relação a aprendizagem, como esses alunos voltaram para a escola depois do isolamento social?

R: Com muita dificuldade. Essa dificuldade já existia e piorou, piorou mais ainda com a pandemia.

7. Como você se sentiu ao ter de se adequar ao ensino remoto?

R: Olha, a minha ansiedade foi pro grau máximo no início. Porque você recebia uma imposição de cima, que tinha que trabalhar de forma remota com essas crianças, de forma virtual, você sabendo que isso não renderia, porque as famílias não tinham internet, ou eles não tinham créditos para colocar para eles poderem fazer as atividades, ou o sinal não pegava. Aí você se sente meio que... Como você vai fazer para que essa crianças vai fazer para que possa pegar

atividade? E também tem algumas famílias que tem alguns pais que são analfabetos. Aí você fica procurando as formas de poder ajudar essa criança.

8. Você contou com condições suficientes em casa (local, computador, internet, luz, etc) para ministrar as aulas e atividades remotamente?

R: Sim. Mas assim, eu já tenho meus aparatos para trabalhar em casa.

9. Como você descreve sua prática pedagógica durante o ensino remoto?

R: A gente tenta se reinventar nessa prática, porque você tem que montar atividade que a criança tente, que a criança consiga fazer sozinha em casa, para além também não se frustrar e acabar... Aí eu não vou conseguir fazer e largar. E você tenta fazer com que também não seja tão fácil, que ela chega a fazer e fale aí eu já sei fazer. Então você fica naquilo de tentar fazer certo, de tentar fazer com que a criança aprenda também e você tenta toda vez se reinventar, né?

10. Quais as principais repercussões do ensino remoto sobre a sua prática pedagógica durante o contexto da pandemia particularmente?

R: Ah eu acho que você tenta estar procurando fazer o melhor para o aluno né? Porque pela região você procura estar fazendo o melhor para eles.

11. Como você percebe a aprendizagem e a socialização das crianças e adolescentes depois da pandemia?

R: Eles voltaram ávidos pelos colegas, por mais que eles se encontrassem na rua, parece que a escola é um local diferente para eles terem amizade, para eles se socializarem bem no início eles voltaram assim meio assustados, observando. Depois, agora já estão pegando fogo.

12. O ritmo e a jornada na pandemia eram mais intensos que agora? Ou se a partir da pandemia ficou mais intenso, por conta da normalização do uso da tecnologia?

R: Eu acho que durante a pandemia era mais intensa, por causa, não era nem por causa da pandemia, mas por causa das cobranças da secretaria. A secretaria estava perdida, então cada hora eles inventavam uma coisa e vinha para cima da gente e sobrecarregava o professor. A cada momento era uma nova ordem, era um novo modo de fazer e aí a gente ficava mais perdido que cego em tiroteio.

13. O uso da tecnologia facilitou ou não o ensino?

R: Na realidade da nossa escola, a gente quase praticamente não usou a tecnologia, porque as nossas crianças não têm sinal de internet aqui para cima, é bem difícil, então eles tinham que pegar atividade na escola. Para alguns facilitou, para os pais que tinham condições e conseguiam ter esse contato com a tecnologia facilitou, que não vinha na escola, mas para alguns não fez a menor diferença, porque eles tinham que vir pegar atividade aqui na escola.

PROFESSOR “B”

1. Qual a sua formação?

R: Bom dia, quero agradecer por ter sido escolhida, no caso, ter me chamado para responder essa pesquisa. Minha formação, eu sou formada em Pedagogia, fiz especialização em Psicopedagogia, em Alfabetização e Letramento e hoje estou fazendo mestrado.

2. Qual o seu tempo de experiência como docente?

R: Poxa vida, desde 1998, quando estava no primeiro ano de Pedagogia em Cascavel, Paraná, e já comecei com uma turma de pré, 38 alunos que nós tínhamos sala, pensa uma loucura, muito tempo.

3. Acredita que diante da ausência do ensino presencial os alunos foram afetados? De qual (s) forma (s)?

R: Eu acredito que sim, porque com o ensino regular presencial, os alunos têm um acompanhamento dos professores que estudaram para isso. Nós somos formados para alfabetizar, no caso, porque sou alfabetizadora, mas nós fomos formados para ensinar e na ausência da escola presencial, os alunos foram afetados a questão da aprendizagem, a questão da proteção, porque a escola hoje não exerce somente a função de ensinar, mas também proteger, de garantir o ensino, o direito ao ensino, à aprendizagem e também a proteção. A escola é um ambiente em que as crianças se sentem protegidas e se sentem livres para falar e o que está acontecendo com elas em outros lugares.

4. Na sua visão as escolas deveriam ser fechadas quando a Covid-19 se alastrou pelo nosso país?

R: A Covid foi uma coisa nova, nunca vivida por nós. Nós temos pandemia, outras, mas nós não temos, nós não tivemos essa experiência da pandemia. Inicialmente, eu fui contra, no primeiro decreto do prefeito, em que nós nos ausentamos das escolas por 15 dias, eu não vi a hora de voltar. Porém, quando você percebe que essa pandemia se alastrou e não era uma mentira, não era uma fake news, pessoas estavam morrendo e realmente assim foi um período muito duro, eu acreditei que a escola, e concordo que a escola, deva ser fechada. Por quê? Porque as crianças, os adolescentes, eles não têm o costume de se cuidar. Na realidade, o professor teria que fazer o que se estivesse aberta? Usando máscara, usando luvas, usando todos os meios de proteção e ainda tentar proteger as crianças que não têm essa noção. E a criança precisa muito do aconchego, do acalento, do toque. Então, não teria como realmente, hoje, olhando o passado, o ano 2000, 2020, não tem como, não teria como a escola estar aberta, porque nós não temos meios para prevenir, esse distanciamento dentro da escola não teria como ocorrer.

5. Como foi a interação dos alunos em relação ao ensino de forma virtual?

R: A interação assim, são várias. Inicialmente, a interação mais com os pais, mas lá no início, no início da pandemia, nós não tínhamos uma grande interação, porque na realidade foi proposto que nós formássemos grupos de *WhatsApp*, e não era obrigação, não era obrigatório, nós poderíamos formar esses grupos ou não. Logo em seguida, nós estávamos com plataformas

da prefeitura, em que nós preparávamos os blocos de atividades, mandava para coordenação, coordenação mandava para a Secretaria da Educação, e ficava acessível para os pais lá. Só que os pais não acessavam, logo os pais precisavam de orientação dos professores, para eles poderem acessar. Porém, o que aconteceu comigo, passei vários dias ensinando os pais a como entrar na plataforma da prefeitura para acessar as atividades, e eles diziam, bom professora, até aqui eu cheguei, já aprendi, agora a senhora pode imprimir para mim? Então, através dos meios, das mídias, isso no primeiro ano, 2020, no segundo semestre de 2020, nós já formamos os grupos, nós já tínhamos mais liberdade para passar atividades nos grupos para os pais. Sempre a interação era maior com os pais. Quando eu, minha experiência, eu percebi que eu só estava interagindo com os pais, eu procurei mecanismos para poder ver essas crianças, e então eu pedi para que gravassem vídeos, para que eles falassem, e deixei de exigir tanto, por quê? Porque eles não tinham internet, eles não tinham celular, às vezes era um único celular para a família toda, eles não tinham computadores, poucos os que tinham computadores. Então, assim, a interação seria mais com coisas do dia a dia, com animal de estimação, falar do seu dia a dia, como você está, como que você não está, e observando que os pais que vinham para a escola, no plantão de atendimento, que eram dois dias na semana, que nós interagíamos com os pais e não com as crianças, eles vinham buscar as atividades e muitas vezes eu pedia que eles gravassem vídeos da criança fazendo atividade, muitas vezes eu vi criança sentada no chão, ou de joelho na frente de uma cadeira, com a atividade, o bloco de atividade na cadeira para ela fazer, a mãe parecia que queria bater naquela criança para que a criança falasse comigo, para que a criança fizesse direito, e essas atividades vinham com a letra do pai, da mãe, mas nunca da criança, muito difícil vir com a letra da criança. Então, a interação com a criança foi mínima, foi mais com os pais.

6. Em relação a aprendizagem, como esses alunos voltaram para a escola depois do isolamento social?

R: Esses alunos voltaram em relação à aprendizagem e vieram com uma aprendizagem bem defasada. Não posso dizer que eles vieram sem saber nada, que eles sabem, porém eles estacionaram, porque aquilo que eu falei lá no início, quem tem a didática, a metodologia, a maneira de ensinar e como chegar aos objetivos são os professores, os pais não estudaram para isso e também não tinham paciência para ensinar. O que acontece? Eles vieram com uma aprendizagem defasada para o nível que eles deveriam estar. Muitos alunos nem pegavam no caderno, nem pegavam no lápis, na borracha para fazer, para realizar as atividades, como eu disse antes, os pais faziam ou alguém fazia por eles. Então, veio defasado e também vieram com o emocional abalado. Ainda ontem eu atendi, hoje eu estou na coordenação, ainda ontem eu atendi uma menina que começou a chorar do nada, crise de ansiedade. Eu fiquei pensando, gente, da onde surgiu isso? Da pandemia, da pandemia. Então, assim, as crianças voltaram com uma aprendizagem comprometida, digamos assim, não estão no nível que deveriam estar, o emocional ou psicológico abalado. Então, o nosso trabalho é muito maior, porque nós, além de sermos professores, o que antes nós dizíamos que éramos psicólogos e médicos e tudo mais, hoje muito mais. E um detalhe, o professor também não está bem.

7. Como você se sentiu ao ter de se adequar ao ensino remoto?

R: Desamparada, porque na realidade nós estávamos sem saber o que fazer, no aguardo de que aquele decreto ficasse somente por 15 dias. E aí diziam, vamos ficar mais uma semana, mais uma semana no remoto, vamos ficar em casa, no isolamento. O pavor de contrair e de transmitir essa doença, o Covid-19, a questão de se adequar. Tive que abrir o meu celular para formar grupos, eu tive a minha intimidade invadida e também invadi a intimidade e o espaço do outro,

que são espaços da família, vi coisas que não deveria ver. Inclusive, teve um pai e um irmão, não sei quem era, eu até bloqueei, pediu nudes enquanto eu cobrava atividades do aluno ou se estava fazendo, o que estava acontecendo, que eu queria notícias. Ele falou, se você me mandar nudes, eu mando notícias dele. Imagina, olha a troca. Então, me senti desamparada porque nós não tivemos formação para isso. Nós tivemos várias palestras, fala da Secretaria da Educação, por informação, para dizer de agora em diante vocês vão trabalhar dessa forma, vocês podem observar aqui, ali, vamos trabalhar assim. Não tivemos. Nós tivemos que, como autodidatas, pesquisar no YouTube, que é um excelente professor, vamos para o YouTube, vamos pesquisar dicas na internet, vamos observar relatos de outros professores que estão na mesma situação, baixar aplicativos que eu não sei usar, gravar vídeos no meu quarto, me adequando a um ambiente como se fosse escola, mas não é. Então, abrir espaço na minha casa como se fosse uma escola, tentar dar essa aula e não conseguir, na realidade, desamparada e frustrada, sem formação.

8. Você contou com condições suficientes em casa (local, computador, internet, luz, etc) para ministrar as aulas e atividades remotamente?

R: Bom, eu sou solteira, tenho só dois cachorros, cuido, pago minha água, minha luz, não pago aluguel e ganho, digamos assim, para me remediar. Então, ao longo da minha carreira, eu fui comprando computador, fui comprando celular, eu tenho uma internet que eu divido com o vizinho para não ficar tão cara e eu tenho, digamos assim, eu tenho os meios, tive os meios para, digamos, tentar dar essas aulas. Isso, o meu lado, eu professora que investi, não ganhei nada, gastei do meu salário, paguei para trabalhar, porque isso são coisas que eu uso particularmente. Na escola, não tinha internet. Se eu fosse trabalhar dessa forma, nos dias que eu tinha dois plantões na escola, eu não tinha internet para fazer isso. Não tinha computador que funcionasse direito na escola e outros, somos vários professores. Então, nós tínhamos que fazer o quê? Eu trazia meu notch quando eu trabalhava na escola para rotear do meu, da minha internet móvel para o computador, para poder falar com os pais ou gravar alguma coisa ou mandar alguma coisa. Eu tinha que tirar do meu bolso, eu paguei para trabalhar. Eu trabalhei duas vezes ou mais, porque eu tinha que preparar as aulas, gravar as aulas, mandar as aulas, ver se eles estavam fazendo, explicar novamente, explicar no grupo, explicar no particular. Então, eu acredito que o professor teve que trabalhar duas, três vezes, se munir dos meios para chegar até os pais muitas vezes não chegamos, ligar, pedir, por favor, entre em contato, tal. Mas assim, tive que tirar do bolso.

9. Como você descreve sua prática pedagógica durante o ensino remoto?

R: Um desespero, se adequando ao novo, aquilo que eu não sabia fazer, a ter que pedir orientações para os meus colegas mais práticos, mais descolados na internet, porque eu não sei, não tive essa formação, nem na graduação, não tive uma formação para mexer com os meios midiáticos para chegar até isso. Para mim, foi como se eu estivesse começando novamente a prática pedagógica, como se fosse lá em 1998, quando eu estava iniciando pedagogia e já assumindo uma sala de aula, que eu quase desisti. E agora, novamente, porque na realidade é um desafio muito grande, foi um desafio muito grande.

10. Quais as principais repercussões do ensino remoto sobre a sua prática pedagógica durante o contexto da pandemia particularmente?

R: Olha, as repercussões, eu acredito assim, também fiquei com o psicológico abalado, o emocional abalado, me senti invadida e invasiva, né? E assim, tive que me adequar, me sentir

Na realidade, essa é a fala. A repercussão é sentir-se incapaz, sentir-se frustrada, por quê? Porque você não chega ao objetivo, você pensa, você planeja, mas não chega ao objetivo. Então, é frustrante.

11. Como você percebe a aprendizagem e a socialização das crianças e adolescentes depois da pandemia.

R: Então, depois da pandemia, nós tivemos, é esse período deste ano, né? Porque o ano passado nós tivemos um escalonado na escola, em que eu atendia uma semana um grupo, na outra semana outro grupo. Eles estão ansiosos, eles estão agitados, eles precisam reaprender a sentar e a prestar atenção, porque eles querem falar, eles querem se expressar, eles estão agitados. Então, com isso, eu acredito assim que pra ocorrer a aprendizagem, a criança precisa acalmar, sentar e prestar atenção e querer. E a criança está agitada. Esse ano, o ano passado, que foi durante o escalonado, e este ano que eu estou percebendo os professores em sala de aula, nós temos uma incidência muito grande de indisciplina, de alunos que não querem fazer as atividades, de alunos que não querem ficar em sala de aula, querem passear pela escola, estão agitados e abalados também.

12. O ritmo e a jornada na pandemia eram mais intensos que agora? Ou se a partir da pandemia ficou mais intenso, por conta da normalização do uso da tecnologia?

R: Durante a pandemia, nosso trabalho foi triplo. Por quê? Até a noite, nós estávamos praticamente 24 horas disponíveis pros pais, pra qualquer atendimento e também da escola, porque nós éramos policiados, digamos assim, policiados no sentido de que, se eu mandar, eu ouvi uma fala da minha coordenadora, se eu mandar mensagem, você demorar pra responder, porque você não está disponível. Então, nós tínhamos que estar disponível no horário de trabalho normal, e depois também, porque os pais chegavam em casa e tínhamos que responder depois do nosso horário de trabalho, estar disponível pra ensinar depois do nosso horário de trabalho, pra aqueles pais que trabalhavam o dia todo. Então, a jornada foi triplicada. O preparar, o pensar, o ter que estudar pra fazer e também o atendimento. Isso, o atendimento lá durante a pandemia. Agora, depois da pandemia, eu acredito que eu observo meus colegas, porque como eu disse, eu não estou em sala de aula esse ano, dobrou o trabalho. Porque as crianças estão com uma aprendizagem defasada, é necessário pesquisar e se redobrar na questão do ensino, por quê? Eu acredito que as mídias, elas vêm pra auxiliar o professor. E as crianças também querem o uso das mídias. Só que é preciso entender que não é distração, não é um lazer, e sim elas devem ser inseridas na metodologia, na didática, no dia a dia. E aí, fazer o bom uso da mídia. Então, o professor que entendeu que as mídias são necessárias, e eu acredito que elas são necessárias pra aprendizagem do dia a dia do nosso aluno de hoje, e ainda mais o pós-pandêmico, o professor tem um trabalho. E aí vem a minha crítica, que eu acredito que você deve estar encerrando, vem a minha crítica do decreto, que o presidente, né, e a questão do nosso tempo de serviço, esse tempo de pandemia, esses dois anos de pandemia, eles foram riscados com o tempo que conta pra nossa aposentadoria. Se nós tivemos que nos dobrar, redobrar em estudar, em aprender pra poder ensinar, se nós ficamos sem auxílio nenhum, se nós ficamos 24 horas praticamente disponível pra esses pais, pra estar respondendo e auxiliando essas crianças, como que você vai dizer, e vai assinar, e vai sancionar, dizendo que esse período de dois anos não conta, não vai contar esse período pra aposentadoria? Então, se me faltam dez anos, me faltam doze, porque eu não vivi, eu não vivi, eu não ensinei, eu não fiz nada 2020, 2021. Praticamente eu fiquei deitada em berço esplêndido, esperando acabar a pandemia pra poder ensinar, porque só é válido o ensino que é em sala de aula, na escola, e a minha casa não se tornou escola, e a minha prática não foi a prática de ensinar, eu não estive 24 horas ligada

nesse computador, nesse celular, que me acompanhou o tempo inteiro, disponível pra poder falar e auxiliar esses alunos, eu não tenho culpa, como eu disse antes, eu não tenho culpa de ter investido pra que a minha prática fosse uma prática boa com os alunos que eu sei que não foi, eu investi, meus alunos não tiveram isso, eu não tenho culpa, eu trabalho num país em que o salário não é digno, em que as famílias não têm condições de ter um celular, de ter um computador, de ter internet em casa. Então, se pediram o ensino remoto, se pediram o ensino à distância, eles têm que dar meios pra isso, e se eu me munir de meios pra auxiliar, eu não tenho culpa que do outro lado o aluno não teve. E muitas vezes eu fui na casa dos alunos, ninguém me pagou a minha gasolina, muitas vezes eu me desgastei sofrendo com o aluno e eu não consigo aceitar que esse tempo que eu me desgastei, que eu trabalhei em dobro ou em triplo, não conte pra minha aposentadoria.

13. O uso da tecnologia facilitou ou não o ensino?

R: Durante a pandemia facilitou muito, o uso da tecnologia, como eu disse antes, é necessário, nós somos, nós estamos vivendo numa era tecnológica. Então, eu acredito que o professor precisa se adequar, o professor precisa utilizar a tecnologia em sala de aula. Não é só dizer eu tô no WhatsApp, como muitos alunos ficam, mas usar pra aprendizagem. Muitas vezes em sala de aula, já antes da pandemia, quando eu tinha dúvida de algum termo ou os alunos estavam questionando algo, eu pesquisava no Google e mostrava pra eles. Então, eu acredito que as mídias, a tecnologia vem pra nos auxiliar e elas são necessárias.

PROFESSOR “C”

1. Qual a sua formação?

R: Bom dia, sou formada em Letras, habilitada em Português e Inglês.

2. Qual o seu tempo de experiência como docente?

R: Vinte anos.

3. Acredita que diante da ausência do ensino presencial os alunos foram afetados? De qual (s) forma (s)?

R: Sim, não houve um acompanhamento, um auxílio por sinal do professor com o aluno, é... muitas vezes o pai não tinha aquela habilidade também para colaborar ajudar o desenvolvimento das atividades realizadas em casa e muitas das explicações, é ... o pai não conseguia realizar com seu filho, então houve essa dificuldade e baseado nessa situação alguns alunos também deixaram de vir buscar atividades porque os pais não conseguiam ajuda-los.

4. Na sua visão as escolas deveriam ser fechadas quando a Covid -19 se alastrou pelo nosso país?

R: Sim, sim, porque implicava na saúde de todas as pessoas, independente do prejudicial que os alunos sofreram, os professores também foram prejudicados. Porque o que aconteceu com os alunos da defasagem está refletindo até hoje, nos dias de hoje, em sala de aula.

5. Como foi a interação dos alunos em relação ao ensino de forma virtual?

R: Pouquíssimos alunos conseguiram corresponder, mesmo porque muitos pais não possuíam as ferramentas tecnológicas, não dispunham de uma internet que pudesse cooperar para a realização dessas atividades. Ou mesmo para que o aluno tivesse contato com os professores, com a escola. Alguns alunos dispunham de celular que tinha que colocar crédito. E colocando crédito, muitas vezes o pai já não tinha aquele quantitativo de crédito para que suportasse uma aula, uma hora aula, e a internet já acabava. Então eles utilizavam a internet mais para meio de comunicação deles, e não para desenvolver as atividades escolares.

6. Em relação a aprendizagem, como esses alunos voltaram para a escola depois do isolamento social?

R: Os alunos voltaram sem ritmo, de sala de aula, sem rotina. Já não era mais rotina deles formar fila, entrar numa sala de aula com vários outros alunos, maneira de portar-se na sala de aula. E é algo que ainda está sendo construído após essa pandemia, porque por mais que estejamos no mês de outubro, os professores ainda não conseguiram atingir essa questão da rotina dos alunos. Faltam ainda bastante, continuam faltando a presença do responsável para acompanhar essas atividades, o desenvolvimento das atividades, observar os cadernos, porque até mesmo em casa, esses alunos já não têm essa rotina de parar, estudar, procurar ler as atividades que devem ser desenvolvidas.

7. Como você se sentiu ao ter de se adequar ao ensino remoto?

R: No começo foi bastante difícil, eu estava em dois lados, estava em sala de aula, mas também estava na gestão de outra unidade. Então, o que eu fazia na gestão, eu tentava trazer para a minha sala de aula, buscava refletir na minha sala de aula, para que eu conseguisse desenvolver o melhor que eu pudesse. A situação mais crítica foi ter de fazer as buscas ativas, tendo que procurar números de telefones inexistentes, que muitas vezes tinham o telefone do aluno na secretaria, porém já não era mais usual do responsável e tivemos que colocar plaquinhas nas mercadorias que ficavam nas redondezas da escola, para que os responsáveis que fossem a essas aparecessem na escola para nos disponibilizar o número de telefone para que a gente pudesse entrar em contato com os alunos, pudesse entrar em contato e conseguir atingir o máximo de aluno possível para que voltasse para a escola para buscar as atividades.

8. Você contou com condições suficientes em casa (local, computador, internet, luz, etc) para ministrar as aulas e atividades remotamente?

R: Foi bem defasado, devido às circunstâncias da internet da nossa cidade não ser boa, muitas vezes oscilava ou ficávamos praticamente sem rede mesmo, e a outra dificuldade é que praticamente os alunos não tinham essa internet também para que nós pudséssemos realizar essa aula online, então baseou-se muito em telefonemas, mensagens, porque via meet, via zoom, praticamente não deu para ser realizado com êxito.

9. Como você descreve sua prática pedagógica durante o ensino remoto?

R: A prática pedagógica pautou-se na construção de meios, mecanismos, buscando os meios midiáticos para que essas atividades fossem desenvolvidas. Houve necessidade em alguns momentos de trazer o responsável na escola para auxiliá-lo para que ele pudesse auxiliar o seu filho em casa também. O que eu observei na rede foi a dificuldade com a internet, com os alunos que dispunham de tecnologias para que acompanhassem esse ensino. Então as escolas providenciaram atividades impressas, e dentro dessas atividades impressas é que os

responsáveis vinham buscar, muitas vezes os professores e todos nós tentávamos auxiliar esse responsável para que chegasse até o aluno, qual era a maneira como ele deveria desenvolver essas atividades.

10. Quais as principais repercussões do ensino remoto sobre a sua prática pedagógica durante o contexto da pandemia particularmente?

R: Para mim, eu que estava com quinto ano, foi muito difícil porque eu já tinha alunos que não estavam alfabetizados e essa situação se agravou durante a pandemia devido a eles não estarem em contato comigo. E assim, foi frustrante porque eu não consegui atingi-los. Muitos alunos eu fui até a casa, peguei endereço na secretaria da escola, fui procurando as casas nos bairros ao redor da escola, e muitos endereços não existiam também. Então, eu atingi de 30 alunos que eu tinha, eu consegui atingir apenas 13. Então, assim, foi frustrante porque eu não consegui atingir o meu objetivo quanto profissional naquele ano.

11. Como você percebe a aprendizagem e a socialização das crianças e adolescentes depois da pandemia?

R: Dificultoso. Eles estão com muita defasagem. Então, o que eram habilidades que eram esperadas para que fosse desenvolvido, os professores tiveram de retroceder para que conseguissem atingir os alunos, para que conseguisse chamar a atenção até mesmo dentro da rotina de sala de aula, o que eles perderam. E temos aqueles alunos que também não frequentaram sala de aula, que também não tinham essa rotina. E essa aprendizagem, ela retrocedeu. As séries tiveram que retroceder dois anos porque os alunos não estão alfabetizados. Digamos assim que 80% dos alunos estão sentindo de veras dificuldades em realizar processos simples, tanto na disciplina de matemática quanto na disciplina de língua portuguesa, que são as mais exigidas, que delas dependem das demais. Língua portuguesa, o aluno não consegue ler, interpretar, não consegue redigir um texto coeso ou mesmo uma frase coesa, dependendo da série qual ele se insere.

12. O ritmo e a jornada na pandemia eram mais intensos que agora? Ou se a partir da pandemia ficou mais intenso, por conta da normalização do uso da tecnologia?

R: Ficou acelerado, ficou mais acelerado porque durante a pandemia nós tínhamos uma demanda, e tínhamos uma demanda. Nós corriamos com as atividades, com as atividades para cumprir os prazos, porém agora que voltou-se ao normal, parece que todos os projetos sobrecarregaram sobre a escola e todo mundo tentando resgatar o que ficou para trás, tentando resgatar projetos, tentando resgatar tempo, tentando resgatar aprendizado, só que sobrecarregou a escola, sobrecarregou os professores, e nesse sentido está sendo ruim, porque não estamos conseguindo fazer esse resgate do aprendizado do aluno devido a muita demanda que a escola tem sofrido, conforme todos estão tentando resgatar alguma coisa do que ficou para trás.

13. O uso da tecnologia facilitou ou não o ensino?

R: Foi faca de dois gumes. Os professores se reinventaram, os professores buscaram, foram criativos, reaprenderam a trabalhar com as mídias, porém para os nossos alunos não foi favorável devido a falta do equipamento, falta de celular, falta de um computador que eles não dispunham nem mesmo da internet.

PROFESSOR “D”

1. Qual a sua formação?

R: Eu sou pedagoga e também sou pós- graduada em educação inclusiva.

2. Qual o seu tempo de experiência como docente?

R: Sete anos.

3. Acredita que diante da ausência do ensino presencial os alunos foram afetados? De qual (s) forma (s)?

R: Eu acho que sim, porque os alunos perderam aquela rotina de estudos onde a presença do professor era fundamental. E o professor, naquela... tinha a vez que ficaram assim muito... o professor diariamente, aquele papel. Ficou meio que sem aquela... aquele aparato do professor, né? diariamente. Por isso que eu acho que o aluno ficou desamparado.

4. Na sua visão as escolas deveriam ser fechadas quando a Covid -19 se alastrou pelo nosso país?

R: Sim, pois era um meio de conter a doença, para não ter mais contágio.

5. Como foi a interação dos alunos em relação ao ensino de forma virtual?

R: Os alunos não se adaptaram ao ensino virtual, porque alguns não tinham acesso à internet, às tecnologias e o que dificultava a realização das atividades que eram propostas por nós durante a pandemia.

6. Em relação a aprendizagem, como esses alunos voltaram para a escola depois do isolamento social?

R: Eu vi que os alunos voltaram com muitas dificuldades de aprendizagem. Alguns não conseguem acompanhar os conteúdos previstos para as aulas e as séries estão muito fora da idade série, abaixo, e não realizam as atividades durante esses dois anos, eles ficaram sem as atividades. Então isso dificultou muito o trabalho.

7. Como você se sentiu ao ter de se adequar ao ensino remoto?

R: Foi uma experiência desafiadora, onde tivemos que aprender a lidar com a tecnologia e também ensinar usando meios de comunicação, da tecnologia e que pudesse ajudar os alunos a aprender.

8. Você contou com condições suficientes em casa (local, computador, internet, luz, etc) para ministrar as aulas e atividades remotamente?

R: A internet da escola não era suficiente para atender todos os professores e nem o computador para todos, onde dificultou muito o trabalho. E até mesmo em casa a gente não estava com a estrutura para trabalhar, nossa casa é nossa casa, então, e aí a gente teve que nos adaptar.

9. Como você descreve sua prática pedagógica durante o ensino remoto?

R: Eu acho que tentei fazer o possível para ajudar os alunos a aprender durante a pandemia, faltou mais recursos para que pudéssemos fazer mais, mas eu fiz o possível.

10. Quais as principais repercussões do ensino remoto sobre a sua prática pedagógica durante o contexto da pandemia particularmente?

R: Bom, para mim os alunos perderam a rotina escolar, ficaram desmotivados em estudar, alguns não conseguem acompanhar os conteúdos previstos e até mesmo as tecnologias, eles não se adaptaram também.

11. Como você percebe a aprendizagem e a socialização das crianças e adolescentes depois da pandemia?

R: Eu acho que os alunos ficaram muito mais agitados na escola, parece que perderam muito tempo sem brincar e se socializar e na aprendizagem aprendendo muita dificuldade, na leitura e em outros aspectos.

12. O ritmo e a jornada na pandemia eram mais intensos que agora? Ou se a partir da pandemia ficou mais intenso, por conta da normalização do uso da tecnologia?

R: Eu acho que que agora ficou mais intenso porque eles voltaram, parece que foram muito tempo perdido, então eu acho que eles querem participar mais, eles estão muito ativos.

13. O uso da tecnologia facilitou ou não o ensino?

R: Durante a pandemia a tecnologia foi fundamental, seria melhor se tivéssemos mais preparados com os recursos para atender os alunos, pois não estávamos estruturados para atender os alunos, poderia ter sido melhor.

PROFESSOR “E”

1. Qual a sua formação?

R: Pedagogia.

2. Qual o seu tempo de experiência como docente?

R: Por volta de 15 anos.

3. Acredita que diante da ausência do ensino presencial os alunos foram afetados? De qual (s) forma (s)?

R: Sim, creio que teve um prejuízo né, tanto pro aprendizado, aprendizado significativo, quanto pra socialização dos alunos.

4. Na sua visão as escolas deveriam ser fechadas quando a.Cvid -19 se alastrou pelo nosso país?

R: Sim, deveria né? Foi uma necessidade que nós entendemos como questão de saúde, então a saúde, o bem-estar físico, ele deveria ser preservado.

5. Como foi a interação dos alunos em relação ao ensino de forma virtual?

R: Foi um período bem difícil, especialmente pra realidade que eu estou hoje, que são alunos que nem sempre tem acesso ao uso das tecnologias, a internet, então foi um período difícil pra todos.

6. Em relação a aprendizagem, como esses alunos voltaram para a escola depois do isolamento social?

R: Eles voltaram bastante ansiosos né? Porque foi um período longo, afastados da escola e eles voltaram com a aprendizagem bastante defasada né, e com essa necessidade mesmo de interação e foi um período que não podia ter toque, não podia ter aproximação, abraço, todos usando máscara, então eles sentiram muito porque eles agem por impulso e eles queriam estar próximos dos colegas, então foi um período bastante difícil.

7. Como você se sentiu ao ter de se adequar ao ensino remoto?

R: Foi um reaprender né, uma nova adequação porque a gente vinha de uma prática já instalada no nosso dia a dia, no nosso fazer pedagógico e nós tivemos que nos deparar com um ensino diferente, com um ensino com gravações, áudios, vídeos, atividades diferenciadas.

8. Você contou com condições suficientes em casa (local, computador, internet, luz, etc) para ministrar as aulas e atividades remotamente?

R: Sim, graças a Deus.

9. Como você descreve sua prática pedagógica durante o ensino remoto?

R: Eu acredito que no fim né, no final do ensino isso, a gente vê como um aprendizado, porque por mais que nós sabemos que a tecnologia está presente, faz parte do nosso dia a dia, muitas vezes a gente tem dificuldade de trabalhar com o uso das tecnologias, a gente acostuma com aquele ensino mais tradicional, então no final a gente, eu vejo como foi um momento difícil, mas oportuno para a gente estar revendo a nossa prática pedagógica.

10. Quais as principais repercussões do ensino remoto sobre a sua prática pedagógica durante o contexto da pandemia particularmente?

R: Eu vejo assim que como eu respondi anteriormente, repercutiu de forma positiva, foi um período muito difícil que nós tivemos que nos readaptar, nos readaptar, mas com tudo isso eu vejo que também repercutiu questões positivas com relação a gente se reciclar e preparar uma metodologia diferente do que a gente estava acostumado.

11. Como você percebe a aprendizagem e a socialização das crianças e adolescentes depois da pandemia.

R: Agora a gente esquece um pouco, já passou o período difícil, a gente já está aí praticamente livre da máscara, já estamos tendo uma maior interação, os abraços já estão voltando, então eu vejo eles mais felizes, mais livres e à vontade.

12. O ritmo e a jornada na pandemia eram mais intensos que agora? Ou se a partir da pandemia ficou mais intenso, por conta da normalização do uso da tecnologia?

R: Na minha visão eu acredito que os dois períodos, os dois tempos que a gente viveu, eles têm as suas particularidades. O professor no seu período de aprendizagem, no seu período de aprendizagem normal, ele precisa cumprir com um número de atividades, de tarefas, de compromissos da sua prática pedagógica, assim como no período da pandemia ele também precisou. Eram metodologias diferentes, mas tanto uma quanto a outra exigia um compromisso, uma prática pedagógica, a sua particularidade, as suas dificuldades, assim como qualquer trabalho.

13. O uso da tecnologia facilitou ou não o ensino?

R: Eu acredito que o uso da tecnologia ela precisa estar envolvida em outras práticas pedagógicas, a gente precisa trabalhar isso no contexto da sala de aula, não de forma isolada, só o uso da tecnologia ou só de repente a lousa, o caderno, o livro. Eu acredito numa proposta que envolva várias ferramentas para que o aluno consiga de forma significativa ter um aprendizado de qualidade.

PROFESSOR “F”

1. Qual a sua formação?

R: Eu sou formada em pedagogia e sou professora alfabetizadora.

2. Qual o seu tempo de experiência como docente?

R: Eu tenho 25 anos já como docente desde que eu me formei em pedagogia pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

3. Acredita que diante da ausência do ensino presencial os alunos foram afetados? De qual (s) forma (s)?

R: Ah sim, faz muita diferença no processo ensino aprendizagem a presença do professor. Por mais que só o professor ele não dá conta de processar tudo aquilo que é necessário para o aluno aprender e compreender um conteúdo, existe uma relação professor aluno para que o aluno vá tomando um formato e para que o professor também consiga diagnosticar se aquele conteúdo está acessível ao aluno ou não, é muito importante a presença do professor durante esse processo.

4. Na sua visão as escolas deveriam ser fechadas quando a.Cvid -19 se alastrou pelo nosso país?

R: Sim, eu faço parte do grupo de professores que fizeram o coro de que naquele momento da pandemia o mais importante era a saúde da população brasileira e que com tantos problemas educacionais que nós já temos, nós encontraríamos os caminhos para que isso fosse recomposto

ao longo do tempo, mas era realmente necessário. A pandemia não foi uma coisa qualquer, a pandemia foi um processo muito muito profundo, impactou muito a sociedade mundial, o Brasil não é uma ilha e era importante sim que tantos professores como os alunos funcionários da educação tivessem esse tempo em casa.

5. Como foi a interação dos alunos em relação ao ensino de forma virtual?

R: Houve muita dificuldade, né, primeiro porque essa tecnologia ela não é acessível nem aos professores e nem aos alunos, então teve muita dificuldade e aos poucos os professores foram tomando contato com essa tecnologia, tendo formação, mas os alunos não conseguiram ter acesso pela dificuldade da internet e mesmo aqueles que tinham acesso ao seu computador, ao celular, às vezes, o pai, a internet não era boa, né, então teve várias dificuldades e isso por a gente classificar que o nosso país ainda não faz uso muito bem da tecnologia na área educacional.

6. Em relação a aprendizagem, como esses alunos voltaram para a escola depois do isolamento social?

R: Um processo bastante complicado, né? Se a gente avaliar que o processo ensino-aprendizagem a gente não deve considerar somente a leitura escrita, mas também muito o fator emocional, a pandemia muito, acho que não só a sociedade como a nossa categoria profissional, né, os professores voltaram diferente, os alunos voltaram diferentes e aí a maturidade de como é que a gente lidar com esse momento com as crianças que voltaram mais pobres, né, porque essa é a minha realidade, eu dou aula para crianças carentes, eu dou aula para crianças carentes, os meus alunos são crianças carentes, então os alunos voltaram mais pobres, os alunos voltaram com muita vontade de interação social, eles perderam dois anos e poucos de convívio social e isso você não vai devolver, né? Como se queimasse a etapa daquela criança que nasce e tem que aprender a andar porque ela ficou dois anos e pouco deitada ou numa cadeira de rodas, então agora elas têm que andar, então os alunos voltaram com muita dificuldade e aqueles que já tinham iniciado seu processo educacional voltaram com bastante déficit, é um grande desafio.

7. Como você se sentiu ao ter de se adequar ao ensino remoto?

R: No primeiro momento bastante incomodada, mas não incomodada pela tecnologia incomodada, porque como professora que estou em sala de aula eu percebi como eu tinha dificuldade, aí não sou só eu porque a gente conversa com os outros professores, como os professores não foram preparados não para a pandemia, mas não foram preparados para desenvolver essa tecnologia que tem a disposição dos professores, de alguns alunos que o professor poderia ter utilizado de uma melhor maneira, então é a nossa capacitação enquanto professor na área da tecnologia ela anda bem falha.

8. Você contou com condições suficientes em casa (local, computador, internet, luz, etc) para ministrar as aulas e atividades remotamente?

R: Sim, eu contei porque eu tenho um filho adolescente quase adulto em casa, às vésperas de ir para a universidade, então eu tinha esse ambiente não para mim como professora, mas do meu filho, então eu invadi na verdade o ambiente escolar do meu filho, eu tive, mas pouco usei para ter acesso aos meus alunos, porque os meus alunos não tiveram acesso a esse tipo de aula remota, eu invadi para saber como é que mexia, para poder estudar, para poder buscar um pouco

mais de informação, para poder pesquisar, eu tive essa facilidade, o que não é a realidade da maioria da categoria dos professores.

9. Como você descreve sua prática pedagógica durante o ensino remoto?

R: Ela ficou muito aquém daquilo que eu gostaria de desenvolver, porque os meus alunos não tiveram acesso a essa tecnologia, então por mais que a gente se preparava, ficava à disposição, esperando o aluno a acessar aqueles que podiam, foi uma procura muito baixa. Por outro lado, os grupos de *WhatsApp* de interação com a família, eles se desenvolveu um pouco mais, até por ser um recurso tecnológico mais barato, mais popular, então pelo grupo do *WhatsApp* houve uma melhor interação, as crianças mandavam foto, gravavam áudio, dialogavam um pouco mais, isso foi bastante interessante, mas não foi, considero que foi 60% da minha turma só que conseguiu fazer um pouco dessa interatividade.

10. Quais as principais repercussões do ensino remoto sobre a sua prática pedagógica durante o contexto da pandemia particularmente?

R: Eu acho que, primeiro, nós tivemos que nos dispor de qualquer vaidade e sabedoria para entender que a nossa ação é limitada. Quando a gente vai estar numa sala de aula, nós gostaríamos muito de ter um datashow para demonstrar para além das paredes da nossa sala ou até das fronteiras da nossa cidade, ou estado, ou país, o que aquele conteúdo pode dar de melhor para o nosso aluno. Então, por exemplo, quando a gente está estudando as infâncias, gostaria muito de falar para o meu aluno como é que vive as crianças que têm a mesma idade deles lá na África, o que elas estudam. Então, esse recurso, muitas vezes, eu só posso dar se eu estiver na escola, no datashow, ou utilizar uma sala de informática para passar um vídeo. Então, já isso nós já encontramos certas dificuldades. Com a pandemia, a gente entrou no mundo muito mais virtual para poder preparar as nossas aulas, mas com muita dor no coração a gente percebia que também tinha essa limitação. Então, eu posso dizer que esse momento impactou primeiro. Na minha formação, eu sou formada em pedagogia na década de 90, então na década de 90 nem se falava no mundo virtual ou digital. Então, esses processos tecnológicos não estavam à nossa disposição. Então, a gente foi buscar formação, a própria secretaria disponibilizou alguns mecanismos, algumas orientações, alguns auxílios, alguns auxílios, mas com tudo muita dificuldade, como se estivesse abrindo um mundo novo à nossa frente. Então, mas mesmo assim, a gente assistiu muitas lives onde outros professores no mundo inteiro estavam vivenciando a mesma... a mesma ansiedade, a mesma dificuldade. No Brasil, nós vivemos em regiões diferentes, algumas regiões são mais, estão mais acostumadas a esse tipo de tecnologia. Na nossa aqui usava-se muito pouco. O próprio MEET, o Zoom, vinha aprender a usar durante o processo, mas é uma coisa que vai ficar, não vai... Eu acho que os recursos humanos durante a pandemia na área da formação, elas vão ficar e vieram para ficar para melhorar mais ainda nossa formação.

11. Como você percebe a aprendizagem e a socialização das crianças e adolescentes depois da pandemia?

R: Olha, eu percebo que nós temos que ter muita paciência. Não é possível mais você entrar na sala de aula e dar só conteúdo giz e quadro, né? É muita paciência, eu acho que é possível considerar a questão afetiva que o aluno hoje vivencia para fora da escola. Antes, a gente sabia que alguns alunos vinham muito mais pela comida à escola do que por aprender, mas hoje não é só isso. Hoje o aluno vem, ele quer um abraço, hoje o aluno vem, ele quer falar. Eu tive contato com muitas crianças que nos primeiros dias choravam, não queriam ficar na sala de

aula, né? Então, assim, esse choro ele tem um motivo, esse pedido de abraço ele tem um motivo, esse olhar muitas vezes silencioso, né? Muitas crianças que no outro momento eram mais ativas em sala de aula voltaram um pouco mais contidas. Então, esse processo tem feito com que os professores também começassemos a investir mais no conhecimento do fator emocional que impacta no processo ensino-aprendizagem dos nossos alunos.

12. O ritmo e a jornada na pandemia eram mais intensos que agora? Ou se a partir da pandemia ficou mais intenso, por conta da normalização do uso da tecnologia?

R: Eu acho que ficou mais intenso. Ficou mais intenso porque você chegou, esse tempo da pandemia, mesmo que você estivesse usando o recurso da tecnologia, era um recurso em condições menor, né? Em condições menores. Agora veio tudo junto, veio tudo junto. Você tá em uma sala com 100% dos alunos, você tem o processo da recomposição da aprendizagem, que é um processo que tem nos colocado grandes desafios, tem exigido muito mais dos professores pesquisar, organizar seu planejamento de forma com que ele dê conta de atrair a atenção do aluno pós-pandemia, né? Usar essa tecnologia agora também, mesmo que a gente já tenha aprendido, tem desafio porque o aluno muitas vezes não sabe utilizar. Então eu acho que o ritmo agora, ele tá acelerado, desgastante e acompanhado de uma grande apreensão, né? Porque o processo da leitura é um desafio que a gente tenta chegar ao final do ano com ele extremamente resolvido, né? Se antes era só um processo de 70%, agora tá bem complicado, né? Tá aí na fase de 40%, 50% de alfabetização, aquilo que a gente achava que seria essencial.

13. O uso da tecnologia facilitou ou não o ensino?

R: Acredito que facilita sim. Facilita pra formação do professor, facilita a pesquisa, facilita pra você levar uma aula interativa, né? Mas esse fator, tecnologia, ele precisa estar universalizado e acessível ao aluno, porque enquanto não tiver ele demanda muita energia do professor, né? Então assim, enquanto ele não tiver totalmente acessível, universalizado, a gente vai ter dificuldade na própria escola, nem sempre. A internet, né? 50% é o que o professor possa utilizar, né? Na sua hora de atividade, por exemplo. A gente sabe, né? Assim, são poucos computadores, a internet ela é limitada, então assim, mas é um processo de desafio que eu acho que tá colocado e que não tem mais como voltar pra trás.

PROFESSOR “G”

1. Qual a sua formação?

R: Minha formação é pedagogia plena e series iniciais de 1 a 5.

2. Qual o seu tempo de experiência como docente?

R: Esse ano tenho cinco anos de experiência como docente na rede pública de ensino.

3. Acredita que diante da ausência do ensino presencial os alunos foram afetados? De qual (s) forma (s)?

R: Acho que foram afetados sim, porque basicamente ficaram dois anos longe da escola apenas se comunicando virtualmente através de redes sociais, através de e-mails, através plataformas remotas.

Isso afeta sim, principalmente na função social da escola, no envolvimento do contato aluno-professor, do contato aluno-aluno, de atividades que podem ser desenvolvidas em grupo, de conteúdos que às vezes em casa ele não consegue trabalhar e o professor está lá dentro da sala de aula que é o contato melhor para poder ajudar o desenvolvimento do aluno tanto na prática como na teoria também.

4. Na sua visão as escolas deveriam ser fechadas quando a.Cvid -19 se alastrou pelo nosso país?

R: Eu responderia sim e não, sim porque basicamente que os professores estavam mais propícios a ter o risco do contágio e que as crianças, pela idade que os professores regentes, dão atenção, dão atendimento, mas assim, o que eu posso dizer? O professor queria que o aluno estivesse na sala, mas acho que por causa de normas jurídicas, impostas pelo município, pelo estado, então fez a gente ficar um pouquinho longe da escola. Eu acho que os alunos deveriam estar dentro da escola, eu acho que não precisava ficar afastado da escola, mas existem normas que a gente precisa obedecer, então a gente teve que cumprir né?

5. Como foi a interação dos alunos em relação ao ensino de forma virtual?

R: Basicamente, o professor, vamos dizer assim, 90% dos professores tem o uso da tecnologia tanto na escola como em casa. O uso de um celular bom, o uso de um aparelho de som, o uso de um computador, tanto um notebook como um desktop, um computador de mesa redes sociais, plataformas, mas o interessante nisso é que muito... vamos dizer que uma porcentagem das crianças não tem condições, não se beneficiam desses equipamentos em casa. Por exemplo, um celular bom para fazer uma leitura, para fazer uma pesquisa, um computador, um notebook que seja, um tablet, ou até mesmo a internet, que é de difícil acesso, não são todos que têm uma conexão boa com a internet para poder fazer ou desenvolver um trabalho que o professor pedia. Às vezes enviava vídeo, às vezes enviava plataforma, às vezes enviava textos, às vezes pediam para gravar uma atividade que o aluno estava fazendo, então basicamente é assim, é a rede pública de ensino né?

6. Em relação a aprendizagem, como esses alunos voltaram para a escola depois do isolamento social?

R: Voltaram com bastante dificuldade. Eu tiro pela minha série que eu dou aula no quarto ano, esse ano de 2022, se contar os dois anos afastados da escola por causa da pandemia, eles tiveram somente o primeiro ano das séries iniciais. Então eles vieram com bagagem, com conhecimento da primeira série, do primeiro ano do ensino fundamental. Então quando a gente recebeu, quando os professores esses alunos, nós tivemos que fazer, voltar um pouquinho no tempo, revisar bastante conteúdo, ter paciência bastante para a gente poder caminhar aos pouquinhos para ver que aluno que podia caminhar naquela série, que aluno que tem que ter um tratamento especial, uma atividade diferenciada para poder alcançar o conteúdo do quarto ano. Então eu acho que eles voltaram com bastante deficiência, também outra coisa do convívio social, não só de aprendizagem, mas também aquela função social que a escola exerce, que eu trabalho em grupo, trabalho em comunidade com a família também. Então a escola não trabalha somente ensinar a ler e escrever, mas existe uma função social que são os grupos dentro da classe, são as atividades proporcionadas pelas escolas que precisa dos grupos e também a escola proporciona aquela atividade com a família também.

7. Como você se sentiu ao ter de se adequar ao ensino remoto?

R: Pegou a gente de surpresa, porque a nossa formação acadêmica não visa essa parte do ensino remoto. Basicamente que 100% dos professores, alguns que se dedicam para essa área, com certeza eles já estavam bem aparados, na teoria como na prática, mas muitos professores não tiveram essa formação, não tiveram essa prática de ensino remoto. Então nós tivemos que correr contra o tempo, aprender rapidamente como que faz o funcionamento de uma rede social, em meio de tecnologias, de plataformas, gravação de vídeo, mas a rede de ensino buscou no máximo que pôde dar a formação para os professores, para a gente poder se adequar a situação nova.

8. Você contou com condições suficientes em casa (local, computador, internet, luz, etc) para ministrar as aulas e atividades remotamente?

R: Em casa sim, em casa a gente tem um computador, celular, internet, basicamente quase todos os professores, mas na escola é difícil, porque os computadores são mínimos para muitos professores dentro da escola, mas em casa eu contava sim com tecnologia suficiente.

9. Como você descreve sua prática pedagógica durante o ensino remoto?

R: Eu vou colocar regular, porque ao mesmo tempo que nós professores temos conhecimento de uma prática vivenciada dentro da escola, nós tivemos que se adequar a fazer o ensino remoto e esse ensino remoto... Vamos tirar um exemplo, um professor passa quatro anos dentro de uma faculdade, para você ministrar aula dentro de uma sala de aula, dentro de uma sala de tecnologia, de laboratório, etc, tudo que a escola dispõe pra você. E você passar para o ensino remoto não é da noite para o dia, então você tem que passar dias e dias, semanas, meses, se adequando, como que usar uma plataforma, grava um primeiro vídeo, não sai bom, depois grava o segundo e vai se acostumando. Falar em público também, professor tem esse contato né? Teto a teto com o aluno de você se comunicar através da fala, de gestos, mas você gravar um vídeo e se comunicar com o aluno também é um outro tipo de comunicação que nós tivemos que montar uma atividade dentro de uma plataforma, também porque a gente tinha que tomar livro didático, jogos, lousa, né? outros tipos de atividade dentro da sala, então a gente acabou que teve que aprender como usar as tecnologias, plataformas disponíveis na internet para a gente poder se adequar e trabalhar com os alunos.

10. Quais as principais repercussões do ensino remoto sobre a sua prática pedagógica durante o contexto da pandemia particularmente?

R: Vamos dizer que foi assim, o retorno dos alunos então os professores... vou tirar assim pela minha prática, talvez eu tenha alcançado 60% dos alunos, por causa da deficiência da comunicação, da tecnologia da internet. Então, e outra gente como trabalha com rede pública de ensino e a nossa clientela tem um poder aquisitivo um pouco baixo, então basicamente quando você precisava daquele retorno, você não tinha porque já tinha trocado de telefone, já tinha trocado de número, aí você tinha que fazer a busca ativa para poder receber de novo esse aluno, trabalhar com ele, mas além do trabalho remoto, também tinha os pais que vinham buscar bloco de atividades, então a gente, vamos dizer que tinha retorno de 60% apenas dos alunos.

11. Como você percebe a aprendizagem e a socialização das crianças e adolescentes depois da pandemia?

R: Aprendizagem, eu já disse, aprendizagem ficou um pouquinho deficiente, porque basicamente ficamos dois anos parados com os alunos apenas se envolvendo remotamente.

Então, alguns professores, eu também, vou ser bem realista, se eu for trabalhar realmente atividade e conteúdos que é do quarto ano, eu vou estar ficando com eles, porque a gente precisa voltar em algumas atividades do segundo e do terceiro ano para poder acompanhar esse ano letivo e ter uma base mínima para poder passar de ano, para poder passar para outra série. E sobre a convivência social, que eu toquei bastante, no começo do ano eles tinham dificuldade de falar em público, de se comunicar, de trabalhar em grupos, mas hoje eu sinto que eles trabalham bem em grupo, estão se comunicando melhor, o aluno ficar em casa, vamos dizer, um tempo, dois anos, eles viram muita coisa dentro da casa deles. E aqui agora na escola, que eles passam quatro horas na escola, eles estão vivenciando e vendo outro tipo de coisa. São outro tipo de pessoas, lá eram a família, aqui não, aqui são os amigos, os colegas de sala de aula mas eles estão socializando bem. Se o professor trabalhar bem, essa parte de desenvolver trabalhos em grupos, eles caminhando bem.

12. O ritmo e a jornada na pandemia eram mais intensos que agora? Ou se a partir da pandemia ficou mais intenso, por conta da normalização do uso da tecnologia?

R: Como que eu posso dizer essa parte? Na verdade, quando a gente fazia um trabalho remoto com os alunos, nós não tínhamos o conhecimento de se realmente esse aluno que estava desenvolvendo as atividades dentro de casa, lá no local dele. Aqui, quando ele voltou da pandemia para a escola, a gente pôde perceber se realmente aquelas atividades que eles estavam fazendo em casa, se realmente eles estavam fazendo alguma coisa, se realmente eu tinha de outras. Eu acho que intensificou um pouquinho o ensino, ficou melhor, porque aqui dentro da escola você percebe o ritmo do aluno, o tempo dele, o desenvolvimento dele, então é melhor dentro da escola.

13. O uso da tecnologia facilitou ou não o ensino?

R: Depois da pandemia facilitou, porque como eu disse no outro questionamento, os professores tiveram que fazer essa aprendizagem, fazer essa formação do uso da tecnologia, das plataformas, da internet, para poder atender esses alunos fora da escola. É claro que tudo que a gente professor aprende, então o professor que tomou aquilo para continuar um trabalho depois da pandemia, está se dando bem, porque ficou melhor. Então a gente já, além de estar com o aluno dentro da sala, às vezes a atividade remota também para poder ajudar o ensino dele ficar melhor, né?

PROFESSOR “H”

1. Qual a sua formação?

R: Boa tarde. Na minha formação, eu sou pedagogo. Sou aluno aqui da própria Universidade Federal do Campus de Pantanal. Especializado em Gestão Democrática, especializado em Gestão Ambiental e mestrando em educação.

2. Qual o seu tempo de experiência como docente?

R: Eu sou docente tanto da cidade de Ladário como de Corumbá e meu tempo de experiência são 12 anos lecionando.

3. Acredita que diante da ausência do ensino presencial os alunos foram afetados? De qual (s) forma (s)?

R: Os alunos foram afetados de várias formas, entre elas, posso citar a afetividade, a absorção de conteúdos. Os alunos ficaram muito precários na questão dos conteúdos. E, como eu já disse, a afetividade foi um dos pontos mais principais, no meu ponto de vista.

4. Na sua visão as escolas deveriam ser fechadas quando a.Cvid -19 se alastrou pelo nosso país?

R: Sim, na minha visão, sim. No primeiro momento era inevitável porque o mundo estava diante de uma coisa nova que... Muitos países não sabiam resolver aquela questão. Então, no primeiro momento, sim, era inevitável. Deveria ser fechado. Mas, já no segundo momento, eu acho que as escolas deveriam estar caminhando para forma híbrida, ou remota, enfim, uma nova forma do ensino e, aos poucos, estarem liberando seus alunos para retorno nas escolas.

5. Como foi a interação dos alunos em relação ao ensino de forma virtual?

R: No meu caso, falando em relação à minha sala, eu sou professor de ensino fundamental 1. Então, no meu ponto de vista, essa interação foi muito precária. É muito precária porque eu não tive contato com os alunos assim como os alunos não tiveram contato comigo no primeiro momento. E, como eu disse na primeira resposta a socialização entre aluno e professor, ela deve existir, né? Para que o professor, se ele vai mediar algum assunto para conhecer aluno, eles precisam se conhecer para trocar informações. E dentro de casa algumas vezes ou muitas vezes, os pais não conseguem ter essa afetividade, esse olhar afetivo para ensinar. Então, eu acho que foi muito precário. A gente lutou muito e hoje nós vivemos com reflexo dessa dificuldade.

6. Em relação a aprendizagem, como esses alunos voltaram para a escola depois do isolamento social?

R: Então, como se torna muito difícil, a questão do social, da afetividade. Esses alunos me retornam em três níveis, né? Vou falar primeiro um pouquinho do nível de aprendizagem, como eles se retornaram. Eles me retornaram em três níveis. Quais são esses três níveis? Um aluno que estava em alfabetização, um aluno que estava alfabetizado e um aluno que já estava consolidado com aquela alfabetização que eu poderia progredir com ele. O que prejudicou nessa questão do isolamento social? A afetividade e a mediação do aluno, do professor. A afetividade é importante no aprendizado, porque, a meu ver, a criança precisa ter a confiança no educador, seja ele pai, mãe ou o próprio professor, ela tem que ter aquela confiança no educador para ela começar a despertar um interesse por aquele assunto. Então, nessa fase do isolamento, não havia essa confiança e essa mediação dos pais para com os alunos. Isso prejudicou muito. E hoje eu encontro muitos alunos que dependem, ficando dependendo desse conteúdo que não foi consolidado durante esse tempo pandêmico né? de isolamento.

7. Como você se sentiu ao ter de se adequar ao ensino remoto?

R: Desafiável, eu me senti desafiável, por quê? por mais que eu tenha conhecimento, que eu lide com a questão da tecnologia, né? o ensino remoto, ele necessitou um aprofundamento tecnológico. Então, eu me senti desafiável por quê? novas possibilidades de repasse do conhecimento foram apresentadas. O professor teve que se readequar e se reinventar na sua forma metodológica. Qual seria essa nova forma metodológica para você usar, que se fosse o

Google Meet, como você iria usar sua metodologia? Então, para essa pergunta repito, eu me senti desafiável.

8. Você contou com condições suficientes em casa (local, computador, internet, luz, etc) para ministrar as aulas e atividades remotamente?

R: No primeiro momento, não. No primeiro momento, eu não contei com as ferramentas. Eu não contava com as ferramentas necessárias. Não digo luz, eu digo internet ou celular. Essas foram as ferramentas que eu mais usei, internet e celular. Na nossa cidade, nós temos um problema muito, muito grave, que se chama conectividade. Muito grave. Nós temos hoje, em meio de uma conversa, de uma aula, que pode ver, de repente, o sinal da internet oscilar ou se perder. Então, esse é um problema, foi um fator que tornou esse desafio um pouquinho mais difícil. Outra questão, celular. Celular com memórias muito curtas, poucas memórias, não tiveram êxito. O professor utilizava o celular com memórias curtas, mas ele não tinha êxito no acompanhamento com seus alunos. Porque gravar vídeo, conversar, ter um aplicativo, e assim, eu falo que se o professor não tem essa dificuldade, tem que tirar o pai do aluno, que se declara carente. Então, esse pai do aluno teve mais dificuldade de aprender com o professor. Eu via professor, eu cheguei a ver professor que estava sem internet, porque não tinha efetuado pagamento da sua fatura. Então, se o professor, não estou falando de professor lá, que ganha bem, não, se o professor que precisa daquela ferramenta para trabalhar, é desafiado com a sua metodologia para trabalhar com aquela ferramenta, ele não tem o principal, que é a internet. Então desafio, graças a Deus, superado.

9. Como você descreve sua prática pedagógica durante o ensino remoto?

R: A minha prática pedagógica durante o ensino remoto, eu trabalhei bastante essa questão dos grupos sociais. Porque, quando nós estávamos na questão remota, dificilmente as atividades que eu propunha para os alunos, eu tinha resultados favoráveis. Então, eu gostei de trabalhar com os grupos sociais, e fazendo o vídeo, o esquadinho, conversando, tentando trazer essa questão do apoio pedagógico, através das ferramentas que me foram oferecidas. Que vezes? Algumas vezes, não. Algumas vezes, não, porque, como eu volto a dizer, nós dependíamos muito de ferramentas, e a ferramenta principal, que era a internet. E no nosso município, é muito precário, que os nossos pais, alguns pais, eles não tinham essa visão, e nos foi colocado que, através da internet, através do celular, nós poderíamos estar repassando as informações necessárias para o desenvolvimento do aluno.

10. Quais as principais repercussões do ensino remoto sobre a sua prática pedagógica durante o contexto da pandemia particularmente?

R: As principais repercussões do ensino remoto. O positivo foi o uso da tecnologia, ao favor do repasse do conhecimento, do repasse das informações. Hoje, para você ter uma ideia, eu desenvolvi alguns projetos, por exemplo, projetos do ensinador através da tecnologia, e se eu não adequasse a isso, dificilmente eu poderia estar atuando ou estudando, como é o caso. Se você tiver uma ideia, eu consegui apresentar um trabalho, um artigo, no Rio Grande do Norte, através de uma ferramenta disponibilizada pela internet, eu criei aplicativo, o *Google Meet*. Então, as principais repercussões foram a nova aquisição, um novo modelo de ensino-aprendizagem né?, tanto eu poderia estar ensinando dessa forma, quanto o aluno poderia estar absorvendo dessa forma também. O negativo, eu volto a falar, é a questão da afetividade. O calor humano, ele se faz necessário, a conversa, o olhar, o toque, ele se faz necessário tanto na educação infantil, no ensino fundamental, no ensino médio, quanto no ensino superior.

11. Como você percebe a aprendizagem e a socialização das crianças e adolescentes depois da pandemia.

R: Como a nossa entrevista toda se deu em relação a essa parte, socialização, afetividade aprendizagem, né? Como que eu vejo agora, após a pandemia, nós estamos readaptando, ou redescobrimo, recolocando, porque eu recebi alunos que não sabiam nem o que é um banco da escola. Para que serve? Você pode falar assim, já é óbvio, vai chegar e vai sentar. Mas como se sentar? Sentar daquela maneira que ele senta em casa? ou de um modo especial, ereto. Então várias questões nós tivemos que ensinar novamente para os alunos. E aluno de segundo ano, vamos supor que na época da pandemia ele estava na educação infantil, esse aluno ele teve que aprender, ou reaprender, o que é escola, o que nós devemos, como que nós podemos conviver dentro da escola. Eu tenho que respeitar o meu colega, então no primeiro momento nós nos deparamos com alunos muito agressivos, alunos que não sabiam conviver com o outro dentro daquele espaço da sala de aula. Então nós tivemos que fazer primeiro o trabalho de socialização, de afetividade, de conversar com o aluno e ensinar novamente o que é escola para esse aluno. Depois desse momento é de começar a inserir neles conteúdos necessários para o desenvolvimento do meio.

12. O ritmo e a jornada na pandemia eram mais intensos que agora? Ou se a partir da pandemia ficou mais intenso, por conta da normalização do uso da tecnologia?

R: O ritmo e a jornada na pandemia, com certeza, mais intensos, porque mais intensos? Toda essa nossa entrevista se deu também em torno do uso da tecnologia, como usar essa tecnologia. O professor além de estar elaborando só as entradas da atividade, e pensando, o planejamento é você pensar como que você vai utilizar sua metodologia para aplicar aquele conteúdo para que o aluno absorva, para que você faça a sua avaliação em relação àquela atividade. Agora você imagina pensar a sua metodologia, né? para um aluno que você não viu, para um aluno que você não acompanhou. Mas... e outra, você usar esse pensamento e transformar ele em coisa sólida. E depois você adaptar esse pensamento, transformado em coisa sólida, para um ensino que vai ser entregue para o aluno, mas você não sabe como que esse aluno vai pegar e você não sabe quem vai mediar o conhecimento desse aluno. Essa pessoa que está mediando, ela tem uma metodologia, qual a metodologia dela? Então, se tornou mais estressante porque o professor, além de pensar nele, e como ele vai fazer aquele plano, ele tem que também pensar no aluno absorvendo aquela metodologia que ele ensina. E também numa terceira pessoa que iria aplicar aquele ensino na metodologia dele, se é uma metodologia pedagógica, boa ou não, enfim, o professor tinha ela tem que pensar, né? no melhor e pronto. A outra questão que tornou isso mais fatídico, mais cansativo do professor, é a questão da internet. Volto a dizer, muitas vezes o professor, eu no meu caso, eu tinha que inserir algumas atividades e do nada caiu a internet. Acabou a conexão. Teve um tempo que nós passamos uma semana sem conexão, e aí, como você vai fazer se você tem prazos para atender? E aquele professor, volto a dizer, que ele não tem uma banda larga em casa que ele necessita do celular, da internet, do celular para ser o roteado do seu computador. Se ele não pagou a conta. Como que acontece? Então, eu acho que foi um período mais estressante, por conta dessas coisas, e por conta de um outro fator. Nós estávamos, assim como o aluno estava reaprendendo a receber o conhecimento, o professor estava reaprendendo a como transmitir aquele conhecimento, como queria fazer, como usar a tecnologia para seu favor. Hoje nós temos muitos professores, e não é porque eles são professores que eles não têm vergonha de falar em público ou fazer um vídeo, mas temos professores que são professores que são vergonhosos. Eles conseguem transmitir o conhecimento, eles conseguem conversar com seus alunos, mas quando pedem para ser

gravado, eles não conseguem falar quando pedem para fazer uma palestra em relação daquilo que ele fez, uma descrição da sua vida, ele não consegue. Então você pensa como é para esse profissional de educação falar um pouco sobre a vida com uma câmera ligada. É difícil. Então, foi essas coisas que foram mais estressantes para o professor.

13. O uso da tecnologia facilitou ou não o ensino?

R: No primeiro momento, não. No primeiro momento da pandemia, quando tudo era novo, quando tudo nós deveríamos estar nos readaptando, não. O uso da tecnologia foi uma coisa que atrapalhou. Não porque ele atrapalhou, porque o professor não sabia repassar o conhecimento com a tecnologia. Não estou dizendo isso. Eu estou falando que atrapalhou porque muitas informações vieram junto, muitas informações, então o professor não conseguiu absorver qual informação correta ele deveria utilizar para que ele pudesse adequar sua metodologia junto com a tecnologia. Nesse primeiro momento. No segundo momento, já fica confortável em utilizar e ele vê a facilidade da internet a partir do momento que ele domina, a facilidade no repasse. Nesse terceiro momento, que é esse momento que nós estamos, eu acho que a tecnologia facilita e ela agrega valores. Se hoje o professor souber dar uma aula, vamos supor, ciências, o professor lá fala sobre cadeia alimentar, carnívoros e herbívoros, ele pode começar essa aula falando, vai usar quadro ou não, vai ler o didático, enfim, ele começa essa aula e ele termina a aula dele pedindo para que os alunos assistam, assistam ao tal livro, mágico. Chamando essa responsabilidade para os alunos, eles assistem o vídeo e para a próxima aula, um aluno chegue e explique o que ele assistiu, então ele pode estar revertendo o papel dele dentro da sala de aula. Ele pode começar um conteúdo e pedir para que os alunos pesquisem através das ferramentas tecnológicas, pesquisem e no terceiro momento, o aluno começa a desenvolver dentro da sala de aula o que aprendeu naquilo ali. Então o aluno com o professor se torna nessa base um mediador mais eficaz do conhecimento, então nesse momento está facilitando o uso da tecnologia sim, mas no primeiro momento, foi estressante, não que a tecnologia vem atrapalhar, não. Readaptar e aprender, isso o estressou, no segundo momento, o conforto e agora nós estamos deslanchando na tecnologia a nosso valor.

PROFESSOR “I”

1. Qual a sua formação?

R: Boa tarde, eu sou pedagoga, pós-graduada em alfabetização e letramento.

2. Qual o seu tempo de experiência como docente?

R: Eu tenho um ano e sete meses.

3. Acredita que diante da ausência do ensino presencial os alunos foram afetados? De qual (s) forma (s)?

R: Sim, os alunos foram afetados e nós percebemos isso hoje nos dias de aula, atualmente, eles têm muita dificuldade. Foram alguns anos perdidos né? dois anos praticamente.

4. Na sua visão as escolas deveriam ser fechadas quando a Covid -19 se alastrou pelo nosso país?

R: As escolas, o fechamento das escolas ocorreu de fato, porém as crianças foram atendidas com ensino remoto. Elas foram feitas assim, o fechamento das escolas, elas ficaram, eu concordo com o fechamento, até para proteção da saúde das crianças e de suas famílias.

5. Como foi a interação dos alunos em relação ao ensino de forma virtual?

R: O ensino de forma virtual, essa interação ela ocorria, não era frequente, era pelo atendimento aos pais presencial uma vez a cada semana e pelo atendimento ao grupo por meio de o *whatsapp*. Então assim ficou muito dificultoso para esses alunos conseguirem acompanhar.

6. Em relação a aprendizagem, como esses alunos voltaram para a escola depois do isolamento social?

R: Os alunos retornaram bastante em busca de aprendizado com muita dificuldade de conseguir acompanhar as atividades, então tivemos que realmente realizar adaptações nas atividades para poder atender esses alunos que voltaram com muita dificuldade.

7. Como você se sentiu ao ter de se adequar ao ensino remoto?

R: Bem, na parte de adaptação ao ensino remoto, foi necessário fazer algumas adaptações também em casa, na parte tecnológica, computadores, instrumentos que possam atender os nossos alunos também, internet, então tivemos que realizar sim essa adaptação com a parte de tecnologia.

8. Você contou com condições suficientes em casa (local, computador, internet, luz, etc) para ministrar as aulas e atividades remotamente?

R: Bom, eu tive que fazer algumas adaptações em casa, adquirir novos aparelhos, adquirir internet, então foi sim um custo que nós tivemos que estar realizando isso em casa para poder atender os nossos alunos no ensino remoto. Gerou algumas despesas, claro, para poder atendê-los.

9. Como você descreve sua prática pedagógica durante o ensino remoto?

R: A prática pedagógica do professor, ela teve que realizar adaptações também, porque o aluno não está em sala de aula, ele está no ensino remoto, você tem que realizar atividades, blocos de atividades para esses alunos possam levar, e quando eles vão trazer, os pais vão ter que fazer com eles também. Então assim a nossa, a nossa prática pedagógica precisou sim passar por algumas modificações também.

10. Quais as principais repercussões do ensino remoto sobre a sua prática pedagógica durante o contexto da pandemia particularmente?

R: A repercussão do ensino remoto na minha prática pedagógica, né? Particularmente, repercutiu em nova busca de conhecimento também para o nosso trabalho, você procurar novos conhecimentos, né? novas práticas, novos procedimentos pedagógicos para atender aquele aluno de forma remota e híbrida depois com o passar do tempo.

11. Como você percebe a aprendizagem e a socialização das crianças e adolescentes depois da pandemia.

R: A parte de socialização das crianças e aprendizagem, ela está acontecendo com o decorrer dos dias, dos meses que a gente percebe, mas tem melhorado a cada dia mais. No começo, no início do ano, foi bem um pouquinho difícil para eles porque eles estavam se adaptando a um novo recomeço. E agora não, agora você já percebe que eles já estão criando aquela rotina escolar, mesmo sendo finalzinho de ano, eles já estão criando essa rotina diária.

12. O ritmo e a jornada na pandemia eram mais intensos que agora? Ou se a partir da pandemia ficou mais intenso, por conta da normalização do uso da tecnologia?

R: Eu acredito que depois da pandemia ficou mais intenso porque algumas atividades que a gente fazia ainda continuamos fazendo, atendendo o WhatsApp, atendendo os pais. Então, tem atividades que ainda a gente consegue cumprir e ficou intenso o trabalho também, né? com o presencial.

13. O uso da tecnologia facilitou ou não o ensino?

R: Sim, ela facilitou muito, ela vem facilitando muito o nosso trabalho para trazer para próximos alunos. Nesse período foi muito difícil né? para as famílias, para os professores também. Nós tivemos que nos adaptar todo o nosso trabalho e as famílias também tiveram que se adaptar a esse novo uso das tecnologias, apesar de nem todos terem acesso. Mas assim, facilitou muito e fez com que a educação não parasse nesse período. Mesmo que remotamente atendendo os alunos no decorrer da pandemia e o ensino não parar.

PROFESSOR “J”

1. Qual a sua formação?

R: Pedagogia com especialização em alfabetização e letramento, educação inclusiva e também mestrado em educação.

2. Qual o seu tempo de experiência como docente?

R: 20 anos

3. Acredita que diante da ausência do ensino presencial os alunos foram afetados? De qual (s) forma (s)?

R: Com certeza, muito afetados. Porque eles só tem contato com esse processo de ensino-aprendizagem na escola, né? Em casa eles não tiveram contato, com nada referente a isso.

4. Na sua visão as escolas deveriam ser fechadas quando a.Cvid -19 se alastrou pelo nosso país?

R: Sim, sim. Estamos correndo risco, não tinha vacina. Então foi uma forma de proteger, proteger a vida.

5. Como foi a interação dos alunos em relação ao ensino de forma virtual?

R: Olha, foi bem difícil, porque nem todos tinham acesso. A maioria só tinha celular com dados móveis, mesmo assim não tinham que colocar crédito, não tinham condições. Na época eu tinha 20 alunos, eu só consegui contato com uns 10. Dez alunos que conseguiam acessar as atividades, eu conseguia dar aula de forma remota, mas a maioria não.

6. Em relação a aprendizagem, como esses alunos voltaram para a escola depois do isolamento social?

R: Nossa, vieram muito defasados, porque esses alunos, no caso eu trabalho com o primeiro ano, eles não tiveram pré-1, não tiveram pré-2, que são a base para a alfabetização, em relação à coordenação motora fina, em relação à postura dentro da sala de aula, até se acostumarem com a rotina, com todas as rotinas que tem na escola. Então foi muito difícil, está sendo ainda.

7. Como você se sentiu ao ter de se adequar ao ensino remoto?

R: Olha, também não foi fácil não, até porque a gente não tinha também todo esse conhecimento em relação à tecnologia. Tivemos que aumentar a nossa capacidade da internet, aprender a dar aula nas plataformas online, então não foi fácil.

8. Você contou com condições suficientes em casa (local, computador, internet, luz, etc) para ministrar as aulas e atividades remotamente?

R: Eu tive que investir, gastei, tive que comprar um kit para colocar o celular para poder filmar, lâmpada, além da capacidade da internet também. Então eu tive um gasto para poder dar o mínimo.

9. Como você descreve sua prática pedagógica durante o ensino remoto?

R: A minha prática foi primeiro de busca, primeiramente buscar a melhor maneira de trabalhar com esses alunos de forma remota, até porque para mim também foi uma novidade, que eu nunca trabalhei em EAD, ensino em EAD, e foi o que a gente fez, atrair a criança pelo... Primeiro eu trabalhei com o *WhatsApp*, chamada de vídeo no *WhatsApp*, depois que eu fui para o *Google Meet*, e para você trabalhar o lúdico com essa criança, foi bem complicado mesmo, trabalhar a leitura, enfim, não foi fácil não.

10. Quais as principais repercussões do ensino remoto sobre a sua prática pedagógica durante o contexto da pandemia particularmente?

R: Olha, uma coisa que eu já sabia, mas que ficou bem nítido, a questão da busca, a gente sempre está buscando aprender algo novo, que a gente nunca, às vezes eu escuto muito, ah, a professora fica na zona de conforto, mentira, a gente é levado a sair dessa zona de conforto, e esse momento, que no início houve estranhamento, a gente ficou com medo, mas ao mesmo tempo fez com que a gente se movimentasse, que eu procurei estudar, fiz uma especialização nesses dois anos e meio de pandemia, pela Universidade Federal, e buscando realmente como chegar até o aluno através do ensino remoto. Então foi um momento de aprendizagem, que teve isso também.

11. Como você percebe a aprendizagem e a socialização das crianças e adolescentes depois da pandemia?

R: Olha, eles voltaram assim, como eles ficaram isolados, ficaram em casa, isolados, sem pessoas estranhas, e eles voltaram com muita vontade só de brincar, brincar o tempo inteiro. E também se estranhavam também, porque a questão de você dividir com outro estranho, o espaço, a atenção, a criança já tem esse perfil de querer que só atenda ele naquele momento, mas com a pandemia ficou pior, porque aí você recebe 20 e poucos alunos e todos querendo atenção ao mesmo tempo, então isso também atrapalha um pouco a rotina de sala de aula.

12. O ritmo e a jornada na pandemia eram mais intensos que agora? Ou se a partir da pandemia ficou mais intenso, por conta da normalização do uso da tecnologia?

R: Na verdade, foram dois momentos diferentes com intensidade diferente. Na época da pandemia foi intenso porque a gente tinha que preparar as atividades para mandar, a impressa, nós tínhamos que preparar atividade online para os alunos, então a gente passava praticamente o dia inteiro na frente do computador, então foi bem intenso também. E agora também não está sendo fácil, até por conta da recomposição, porque a gente está com um volume imenso de trabalho, essa questão de você trabalhar com aluno diferente, porque você trabalha em cima do vínculo que você tem com o aluno, e isso você consegue que ele produza por conta do vínculo, e quando você não tem esse vínculo com a criança, então uma semana com crianças que não são suas, isso também dificulta o processo de ensino-aprendizagem.

13. O uso da tecnologia facilitou ou não o ensino?

R: Olha, eu acho que não dá nem para falar se facilitou ou não, porque nem todos tiveram acesso, então se todos tivessem acesso, eu acho que pelo menos eles não ficariam tão alheio ao que acontece na escola. Mas não foi o que aconteceu, então acho que não.

PROFESSOR “K”

1. Qual a sua formação?

R: Especialização em alfabetização e letramento, eu sou professora graduada em pedagogia.

2. Qual o seu tempo de experiência como docente?

R: É aproximadamente 14 anos.

3. Acredita que diante da ausência do ensino presencial os alunos foram afetados? De qual (s) forma (s)?

R: Foram muito afetados, porque o ensino remoto deixou muitas lacunas, muitas dificuldades, os alunos não conseguiam aprender, principalmente aqueles que não disponibilizavam de internet, que não estavam acompanhando, e muitos pais também não conseguiam acompanhar os filhos nas tarefas mesmo que a gente mandava, então eles foram extremamente afetados, eles não conseguiam desenvolver as atividades sozinhos, muitos traziam as atividades feitas por outras pessoas, que não eram eles, e tudo isso afetou muito o ensino, porque na verdade eles não aprenderam, muitos alunos não aprenderam.

4. Na sua visão as escolas deveriam ser fechadas quando a Covid -19 se alastrou pelo nosso país?

R: Na minha opinião, sim, eu concordo, porque foi uma questão de saúde global, então tantas crianças corriam risco quanto nós adultos mesmo, se viéssemos trabalhar a gente poderia estar com grandes séries de riscos, então eu concordei com escolha de fechar as escolas, foi tudo para a nossa segurança.

5. Como foi a interação dos alunos em relação ao ensino de forma virtual?

R: Então, nas escolas onde eu trabalhei, na verdade não tivemos muito, o que teve foi grupos de alunos criados, onde na maioria das vezes não eram nem as crianças que participavam, e sim os pais, então alguns pais disponibilizavam esses celulares para os alunos terem acesso, alguns vídeos que eram enviados, alguns tutoriais de atividades, mais poucos, mas em relação ao aluno fazer aula online, eu não tive essa experiência, mas a gente mandava atividades para as peças que os pais buscavam na escola, os responsáveis buscavam, e os alunos desenvolveu em casa.

6. Em relação a aprendizagem, como esses alunos voltaram para a escola depois do isolamento social?

R: Eu acredito que a tecnologia é um recurso indispensável, porque como eu já disse, através da tecnologia eles são atraídos, porque é uma coisa que está em evidência agora, então tudo que é bom a gente precisa aprimorar e ocupar para que a gente possa ensinar aos nossos alunos, inclusive os menores na alfabetização, eles respondem muito bem ao uso da tecnologia, e não são todos que têm, mas a maioria tem, um celular de um irmão, de um pai, de um tio, que pode às vezes ocupar, e eles conseguindo mexer, se familiarizar com a internet, com questões que eles possam pesquisar ou fazer jogos, brincar no celular com jogos direcionados, eu acredito que contribui muito para que eles possam aprender.

7. Como você se sentiu ao ter de se adequar ao ensino remoto?

R: Assim foi encarado assim com... não só para mim, como acho que para a maioria, com um pouco de dificuldades, porque nós precisávamos inserir alguns dados para o sistema, tudo isso era uma questão muito burocrática, mas em relação às atividades nós fazíamos normalmente, só que o que eu acho é que nós nos sobrecarregamos, porque era muita cobrança, a gente precisava ficar disponível o tempo todo nos grupos de WhatsApp para tirar dúvidas dos pais para os alunos, tirar dúvidas dos alunos, pesquisar de atividades que estarem adequadas a serem mandadas para casa, porque eram atividades que você tinha que pesquisar. Assim, para mim, eu penso que na minha visão tinha que ser uma atividade onde o aluno conseguia realizar, porque a gente sabia que tinha muitos pais que trabalhavam, que não podiam poder sentar com os filhos, a gente tinha toda essa visão, então demandava muito tempo, foi algo novo, nós tivemos que nos adaptar, então tudo isso foi algo que a gente também sofreu para se adaptar, mas nós conseguimos, fomos fazendo tudo de acordo com o pedido.

8. Você contou com condições suficientes em casa (local, computador, internet, luz, etc) para ministrar as aulas e atividades remotamente?

R: Então, eu não fiz nenhuma gravação online, como eu já falei, mas eu tinha internet, tinha computador, tudo para eu poder pesquisar atividades, alguns vídeos que eu mandava nos grupos de *WhatsApp*, tudo isso eu sempre tive em casa, e na escola tinha mais dificuldade, porque às vezes a internet não funcionava, quando a gente precisava voltar de maneira escalonada, a internet às vezes não funcionava, tinha menor acesso, mas em casa eu sempre tive, computador, enfim, luz, internet.

9. Como você descreve sua prática pedagógica durante o ensino remoto?

R: Então eu precisei me adaptar, a prática foi de maneira à distância, então não foi uma prática muito presente, porque era tudo muito para todos, você não tinha como fazer uma prática individualizada por essa mesma questão da nossa clientela ser uma clientela periférica, então nem todos os alunos tinham celulares, nem todos os pais estavam no grupo, e os outros alunos que a gente não conseguia alcançar, eles buscavam as atividades na escola e muitas vezes a gente não tinha esse contato com os pais, então foi assim um pouco ampla, não foi nada assim restrito, não tinha como a gente saber das dificuldades de cada aluno, então foi bem assim a prática.

10. Quais as principais repercussões do ensino remoto sobre a sua prática pedagógica durante o contexto da pandemia particularmente?

R: É... deixou assim muitas questões relevantes que eu achei que o uso da tecnologia, por exemplo, é um recurso muito importante que a gente precisa saber usar, mas quando a gente tem esse acesso, porque não adianta nada a gente falar de tecnologia e os alunos não terem esse recurso disponível, mas são recursos indispensáveis, são recursos muito importantes onde a gente pode trabalhar principalmente na alfabetização, com jogos, várias questões didáticas que atraem a atenção dos alunos e isso faz com que eles aprendam melhor, então eu tive a oportunidade de fazer uma pós-graduação durante o tempo da pandemia e a gente desenvolveu alguns jogos de consciência fonológica, alguns jogos pedagógicos, esses jogos eu sempre encaminhava nos grupos, isso daí era uma questão positiva, só que como eu falei, nem todos os alunos dispunham de internet, de celulares e não podiam participar, então a gente até tentava fazer a nossa parte, mas a devolutiva não era 100% positiva.

11. Como você percebe a aprendizagem e a socialização das crianças e adolescentes depois da pandemia?

R: Depois da pandemia eu percebo que eles mais unidos, porque eu acho que eles ficaram muito tempo afastados, eu percebi que quando nós retornamos os atendimentos presenciais, tudo foi retomado gradativamente, que eles não podiam ficar muito perto, eles não podiam conversar muito, nem se tocar, hoje já está bem mais branda essa questão da pandemia, então era o uso de máscara, era o álcool em gel sempre nas mãos, hoje a socialização já está voltando ao normal e eu percebo de uma maneira mais positiva, que eles têm se dado melhor, se socializado bem, eu entendi assim.

12. O ritmo e a jornada na pandemia eram mais intensos que agora? Ou se a partir da pandemia ficou mais intenso, por conta da normalização do uso da tecnologia?

R: Eu acredito que agora está tudo mais intenso, porque foram questões de correr atrás do prejuízo que a pandemia deixou, então são vários fatores que interferiram para que os alunos não conseguissem alcançar os objetivos que eram necessários, as habilidades, então agora está tudo mais intenso, tanto na questão da recuperação da aprendizagem, que é a recomposição que a gente fala da aprendizagem, quanto na questão da sala de aula mesmo, os alunos, como agir, como proceder os conteúdos e também a questão das tecnologias, que eles precisam também se adequar, estar caminhando junto, aprendendo a utilizar as mídias digitais para auxiliar também no desenvolvimento da educação.

13. O uso da tecnologia facilitou ou não o ensino?

R: Eu acredito que a tecnologia é um recurso indispensável, porque como eu já disse, através da tecnologia eles são atraídos, porque é uma coisa que está em evidência agora, então tudo que é bom a gente precisa aprimorar e ocupar para que a gente possa ensinar aos nossos alunos, inclusive os menores na alfabetização, eles respondem muito bem ao uso da tecnologia, e não são todos que têm, mas a maioria tem, um celular de um irmão, de um pai, de um tio, que pode às vezes ocupar, e eles conseguindo mexer, se familiarizar com a internet, com questões que eles possam pesquisar ou fazer jogos, brincar no celular com jogos direcionados, eu acredito que contribui muito para que eles possam aprender.